

NILVIA THAÍS WEIGERT BRESSAN

**O DESERTO DE UMA METASSEMÂNTICA ESCONDE
TAMAREIRAS EM FLOR: O LEGADO TRANSLINGUÍSTICO DE
ÉMILE BENVENISTE**

Porto Alegre (RS)

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ESTUDOS DA LINGUAGEM

TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

O DESERTO DE UMA METASSEMÂNTICA ESCONDE

TAMAREIRAS EM FLOR: O LEGADO TRANSLINGUÍSTICO DE

ÉMILE BENVENISTE

NILVIA THAÍS WEIGERT BRESSAN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Teorias do Texto e do Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, atendendo requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre (RS)

2010

Para **Ana** e **Lia**,

minhas amadas filhas.

AGRADECIMENTOS

Uma vida inteira e ainda assim muito curta para dizer obrigada...

- ... ao professor Doutor Valdir do Nascimento Flores, meu amigo querido, meu professor talentoso, meu orientador incansável e carinhoso, que esperou pacientemente que eu decifrasse todos os signos e símbolos do deserto em minha longuíssima travessia. Foi ele, em sua perseverança linguística, o guardião da única bússola, cuja agulha magnética sempre apontou a duna segura, mesmo que tempestades de areia desviassem-me para sendas inusitadas.

... às professoras doutoras Freda Indursky, Cleci Regina Bevilacqua, Margarete Schlatter e Christine Nicolaides, que me ensinaram a importância dos outros pontos de vista sobre a linguagem.

... ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que continua e incessantemente luta pelo aprimoramento do saber científico de seus alunos.

... a minha amada família, de muitos irmãos, filhos e netos, descendentes que somos do valoroso Ervino, pesquisador infatigável da panaceia cancerígena, e da sempre jovem Ignez de 90 anos.

... a minha querida Guiomarzinha, minha primeira professora de Linguística, que em seu abraço maternal me abrigou como sua décima primeira.

... a meus professores de tantos anos de estudo, meus colegas de trabalho, meus inesquecíveis alunos, que me ajudaram a apreender o significado de ensinar.

... a meus amigos queridos, a minhas eternas amigas, cujo carinho me auxiliou na travessia do deserto.

... a todas as pessoas que fizeram o escaldante deserto parecer um passeio, com seu sorriso, sua preocupação, seu abraço.

[...] nossas línguas, por uma necessidade[...], são condenadas a uma perpétua falta de proporção entre a palavra e a coisa. A expressão é tanto demasiado ampla, quanto demasiado restrita. Não nos apercebemos dessa falta de ajuste, porque a expressão, para aquele que fala, corresponde em si mesma à coisa, graças ao conjunto de circunstâncias, graças ao lugar, ao momento, à intenção visível do discurso, e porque no ouvinte, que é sempre metade em toda linguagem, a atenção indo direto ao pensamento, sem se deter no valor literal, a restringe ou a estende segundo a intenção daquele que fala.

Não é a palavra que forma para o nosso espírito uma unidade distinta: é a ideia. Se a ideia é simples, pouco importa que a expressão seja complexa; nosso espírito perceberá a totalidade. Michel Bréal, 1897.

RESUMO

A presente pesquisa tem como fundamento epistemológico a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste e visa à elaboração de uma metassemântica. Esta noção é nomeada no texto *Semiologia da língua*, quando Benveniste concebe a ultrapassagem do signo saussuriano como princípio único por duas vias: na análise intralinguística, pelo discurso, o semântico; na análise translinguística, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação e será uma semiologia de segunda geração. O método de análise define a partir do estudo intrateórico de *Problèmes de linguistique générale, 1*, e *Problèmes de linguistique générale, 2*, seis princípios que possibilitam a análise translinguística no campo metassemântico. São: 1- A metassemântica é uma semiologia de segunda geração: tem como objeto o estudo das relações que se estabelecem entre sistemas semióticos linguísticos e não linguísticos. 2- A metassemântica é a análise das formas complexas do discurso: é a análise de qualquer fato humano, em que seja possível construir a relação entre o método global de apreensão do sentido e o método analítico, tendo por base a semântica da enunciação. 3- A metassemântica tem forma e sentido: sentido e forma são as necessárias faces do importante problema da significação, são noções gêmeas. 4- A metassemântica tem níveis de análise: a noção de nível permite que se reconheça, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. 5- A metassemântica possibilita a construção de diversos aparelhos de enunciação: sistemas semióticos não linguísticos estabelecem relações que se definem por enunciações não linguísticas. 6- A metassemântica é sempre uma interpretação parcial do analista: o analista tem uma condição espaço-temporal diferente da condição espaço-temporal de seu objeto de análise. A pesquisa conclui que foi elaborada a metassemântica da metassemântica.

Palavras-chave: metassemântica – enunciação – translinguística – semiologia de segunda geração.

ABSTRACT

This research is epistemologically based on the Enunciation Theory of Émile Benveniste and proposes to achieve a metasemantics. This notion appears in the text *Semiology of the language*, when Benveniste conceives two ways to overthrow Saussurian sign as the only principle. Firstly, in the intralinguistic analysis, the discourse, the semantics. Secondly, in the translinguistic analysis by the elaboration of a metasemantics that will be built on the enunciation semantics and it will be a second generation semiology. The method of analysis defines, through an intratheoretical study of *Problèmes de linguistique générale 1*, and *Problèmes de linguistique générale 2*, six principles that allow the translinguistic analysis in the metasemantics field. They are: 1- Metasemantics is a second generation semiology: its object of study is the relationship between linguistic and non-linguistic semiotic systems. 2- Metasemantics is the analysis of complex forms of discourse: it is the analysis of any human fact in which it is possible to reconstruct the relation between the global method of capturing the meaning and the analytical method based on the enunciation semantics. 3- Metasemantics has form and meaning: meaning and form are the two faces of signification, two twinned notions. 4- Metasemantics presents levels of analysis: this concept is the condition to recognize unique architectures of complex forms partially or as a whole. 5- Metasemantics is the possibility of the construction of several apparatus of enunciation: non-linguistic semiotic systems establish relations capable to allow non-linguistic enunciations. 6- Metasemantics is always a partial interpretation of the analyst: the space-time of the analyst is not the same space-time of his/her object. As conclusion, this research has developed the metasemantics of the metasemantics.

Key-words: metasemantics – enunciation – translinguistic – second generation semiology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 NO VASTO DESERTO UNDE EXORIAM?.....	21
1.1 <i>IN PRINCIPIO ERAT</i> BENVENISTE	22
1.2 LONGA A TRAVESSIA, ESSENCIAL A AJUDA.....	37
1.3 INADIÁVEL ENFRENTAR O DESERTO.....	53
2 O OURO SE ESCONDE EM MEIO ÀS DUNAS.....	56
2.1 AS AREIAS SE MISTURAM NAS TRÊS DUNAS: LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA.....	57
2.2 UMA ANTROPOLOGIA DA LINGUAGEM	73
2.3 O HORIZONTE É O LIMITE?	91
3 AS TAMAREIRAS EM FLOR: SEIS PRINCÍPIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA METASSEMÂNTICA.....	105
3.1 A METASSEMÂNTICA É UMA SEMIOLOGIA DE SEGUNDA GERAÇÃO.....	106
3.2 UMA ANÁLISE DAS FORMAS COMPLEXAS DO DISCURSO.....	109
3.3 A FORMA E O SENTIDO NA METASSEMÂNTICA.....	117
3.4 OS NÍVEIS DE ANÁLISE NA METASSEMÂNTICA.....	120
3.5 O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO E A METASSEMÂNTICA.....	124
3.6 A METASSEMÂNTICA É SEMPRE UMA INTERPRETAÇÃO PARCIAL DO ANALISTA.....	126
3.7 O PRINCÍPIO VAZIO.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
OBRAS CONSULTADAS.....	135

INTRODUÇÃO

Os limites do Saara podem ser definidos por critérios botânicos: o limite norte coincide com a região em que se cultiva a tamareira, nos oásis [...].

Esta tese é uma homenagem a três grandes mestres, Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Nada do que aqui vai escrito me pertence. Eu, apenas com muito zelo e carinho, sigo suas pegadas em um deserto que eles palmilharam insistentemente e dolorosamente à procura da significação na linguagem. Se a vida e o trabalho na *École des Hautes Études* uniram Bréal e Saussure, foi a linguística, esta ciência que transcende a vida, a responsável por ligar irremediavelmente Saussure e Benveniste. Portanto falar em Benveniste é falar em Bréal e em Saussure.

A esfinge que guarda o deserto propõe-nos um enigma: o que é metassemântica? Na iminência do “decifra-me ou te devoro”, decidimos pelo primeiro. Eis, então, definido nosso objeto de pesquisa. E por que decifrá-la? A metassemântica aparece nos estudos de Benveniste, mais especificamente em *Sémiologie de la langue*, em 1969, como uma das vias de ultrapassagem do signo linguístico como princípio único, profetizando o advento de um novo modo de análise, a translinguística. Todos nós sabemos o alcance deste passo. Até aquele momento o último degrau de nossa escada analítica pertencia à frase, unidade do discurso. Além da frase só a escuridão.

Benveniste, então, nos presenteia com a lâmpada, antecipando que o gênio da lâmpada dorme em cada linguista, basta despertá-lo.

Refletimos: somos estudiosos de linguística, devemos carregar a lâmpada e uma grande vontade de aprimorar o conhecimento. Assim valemo-nos de todos os escritos de Benveniste em *Problèmes de linguistique générale, 1, (Plg, 1)*, e *Problème de linguistique générale, 2, (Plg, 2)*, e das reflexões de alguns teóricos sobre noções fundantes da teoria de Benveniste.

Formulamos uma hipótese para decifrar o enigma: a metassemântica pode ser comparada a um jogo de dominó, cujas pedras foram espalhadas por Benveniste, ao longo de sua reflexão sobre a língua. Ao jogar aqui e ali uma pedra do dominó que, embaralhada ao todo, fica imperceptível ao olhar incauto, Benveniste esperava, talvez, por um arguto estudioso que, com muito cuidado, tomaria a seu encargo a tarefa de agrupar as pedras e formar o dominó. Esta é a tarefa que nos cabe.

Benveniste afirma [...] *que le langage est bien un objet difficile et que l'analyse du donné linguistique se fait par des voies ardues. Comme les autres sciences, la linguistique progresse en raison directe de la complexité qu'elle reconnaît aux choses.* (Plg, 1, Prefácio). Sei que a análise *du donné linguistique*, a metassemântica, será feita por árduos caminhos, mas se a complexidade da análise acarretar, pelo menos, um mínimo progresso para a pesquisa linguística, o propósito da tese terá sido alcançado.

Como o material bibliográfico disponível sobre metassemântica é muito raro, é literalmente o deserto que enfrentamos. Deserto porque Benveniste nos deixou como promessa *une sémiologie de "deuxième génération"*, mas ele não viveu o suficiente para teorizá-la; deserto porque há poucos autores falando explicitamente sobre metassemântica e, para ficar um pouco mais complexo este dado linguístico e tornar um pouco mais árduo o caminho, além do número reduzido de concepções, estas têm

diferentes pontos de vista. Todavia são elas auxílio para o entendimento da pesquisa. Se o deserto é o que nos espera, devemos percorrê-lo com o método adequado ao deserto linguístico em que nos encontramos, ou seja, começar pela identificação, depois o inventário e a classificação até a descrição das formas segundo o ponto de vista teórico adotado.

Esta tese adota como ponto de vista a teoria ensinada por Émile Benveniste e, para identificar, inventariar, classificar e descrever formas próprias a este ponto de vista, foi organizada em três capítulos. No primeiro, a metasssemântica timidamente se apresenta: em Benveniste (1.1), em vários estudiosos (1.2) e em nossa concepção (1.3). No segundo capítulo, a metasssemântica arditosamente se esconde e nossa tarefa é procurá-la: em meio às dunas da língua, sociedade e cultura (2.1), em meio às dunas subjetivas e intersubjetivas (2.2), em meio às dunas que estabelecem a relação entre a língua e outras áreas do saber (2.3). No terceiro capítulo, quando avistamos as tamareiras em flor, falamos sobre seis princípios que possibilitam a elaboração de uma metasssemântica.

Na primeira parte do primeiro capítulo, em 1.1, as reflexões se iniciam a partir da resenha de *Sémiologie de la langue*, de 1969, porque é neste texto que a metasssemântica é nomeada. A palavra metasssemântica aparece apenas uma vez na bibliografia consultada de Benveniste. Contudo esta ‘uma vez’ foi crucial e definitiva para os estudos da linguística, pois surgiram, de todos os quadrantes, elucubrações, perquirições, especulações, conceituações etc. Até agora, porém, a metasssemântica segue eludindo todos os nossos estudos e conceitos: não é mais difícil no que mostra do que no que esconde. Eis justificado nosso início de pesquisa: procurá-la, em primeiro lugar, no único lugar em que se mostra explicitamente, em *Sémiologie de la langue*.

Este texto se detém na relação entre sistema semiológico língua e sistemas semiológicos não linguísticos. (Benveniste não se atém a uma terminologia fixa, o mesmo sistema é tratado ora como semiótico ora como semiológico). Este mestre da língua quer saber “qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” Ele vai construindo a resposta, fala em Peirce, mas seu berço é Saussure (“É aqui que Saussure se apresenta, *d’emblée*, na metodologia como na prática, exatamente na posição oposta à de Peirce. Em Saussure a reflexão procede da língua e toma a língua como objeto exclusivo”, *Plg*, 2, p. 45).

Benveniste tem como tese que a língua é o interpretante de todos os outros sistemas semióticos e é o único sistema em que a significação se articula em duas dimensões, semiótico e semântico, considerando que o privilégio da língua é o de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. A língua, e somente ela, cria um segundo nível de enunciação *où il devient possible de tenir des propos signifiants sur la signifiante*. Ele explica que é esta faculdade metalinguística a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (*Plg*, 2, p. 65).

Quando Saussure concebe a língua como um sistema de signos, *la langue est un système de signes exprimant des idées, et par là, comparable à l’écriture [...]* (C.L.G. p. 33), ele estabelece o fundamento da semiologia linguística. Mas se *le signe est l’unité sémiotique* – e esta proposição não está em Saussure, talvez porque ele a considerasse como evidente decorrência, *comme allant de soi* –, (*Plg*, 2, p. 219), a semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, *par l’instrument même qui l’a créée*: o signo. Eis o impasse: Se descartamos a ideia do signo linguístico, suprimimos a noção fundante da língua, todavia também não podemos estendê-lo ao discurso inteiro sem contradizer sua definição como unidade mínima. (*Plg*, 2, p. 65-6).

Qual a conclusão de Benveniste para cortar este nó linguístico? [...] *il faut dépasser la notion saussurienne du signe comme principe unique* [...]: abre-se uma nova dimensão de significância, a semântica, e, sobre a semântica, será possível elaborar uma metassemântica. *Ce sera une sémiologie de “deuxième génération”, dont les instruments et la méthode pourront aussi concourir au développement des autres branches de la sémiologie générale.* (Plg, 2, p. 66).

Vemos, então, que esta semiologia que recebe um qualificativo (*de deuxième génération*), é destinada ao futuro (*ce será*), e também ao futuro Saussure destinou a semiologia ([...] *nous la nommerons sémiologie* [...]). *Elle nous apprendrait en quoi consistent les signes* [...]. *Puisqu'elle n'existe pas encore, on ne peut dire ce qu'elle sera* [...] C.L.G., p. 33), porque apenas alinhavou os primeiros pontos como preparo da costura que restaria como tarefa aos seus herdeiros. Por isso Benveniste retoma *ce grand problème au point où Saussure l'a laissé* [...] (Plg, 2, p. 50). E nosso estudo retoma “este grande problema” no ponto em que Benveniste o deixou.

A semântica da enunciação, como alicerce da metassemântica, exhibe sua solidez nos muitos estudos da frase/enunciado: a subjetividade na linguagem e os indicadores de subjetividade são sempre referidos, é reconhecido o lugar epistemológico da não-pessoa e o aparelho formal da enunciação garante o êxito de profícuas análises enunciativas.

Situação diferente é a da metassemântica. Ela deve, por natureza e por função, alçar-se ao infinito, pretender a significação além da significação semântica, alcançar o arco-íris, mostrar que o horizonte não é o limite para todo o poder de significância da língua. Para Benveniste (Plg, 2, p. 219), toda disciplina que visa adquirir o estatuto de ciência deve inicialmente definir suas constantes e suas variáveis, suas operações e seus

postulados, e antes de tudo dizer quais são suas unidades. Será a metassemântica uma disciplina?

Benveniste lembra que *une des thèses majeures de Saussure est que la langue forme une branche d'une sémiologie générale*, e ele acredita que “o infortúnio e a glória de Saussure foi o de haver descoberto o princípio da semiologia meio século antes de seu tempo”. (*Plg*, 2, p. 220). Será que, em 1969, Benveniste descobriu o princípio da semiologia de segunda geração? Estas questões são tratadas nos capítulos 2 e 3.

Quarenta e um anos medeiam a escritura de *Sémiologie de la langue* e o estudo que ora se inicia. Alguns linguistas durante este tempo debruçaram-se sobre a obra de Benveniste em busca de respostas para muitas questões que hoje ainda são instigantes, e a metassemântica é apenas uma delas. Procuramos dentre os muitos linguistas aqueles que, de alguma maneira, nos podem ajudar a carregar a lâmpada e iluminar as muitas noções importantes: Claudine Normand, Antoine Culioli, Dominique Ducard, Julia Kristeva, Henri Meschonnic, Gérard Dessons, Roland Barthes, Aya Ono e Jean-Michel Adam.

Claudine Normand, sabemos, possui extensa bibliografia sobre a obra de Benveniste. Ela mesma confessa: *Au total j'ai beaucoup plus écrit sur Benveniste que sur Saussure [...]. J'ai eu surtout envie de comprendre comment celui qui se donnait lui-même comme un fidèle continuateur de Saussure (“continuer Saussure et aller plus loin”) pouvait passer, aux yeux de certains, comme celui qui allait enfin nous permettre de sortir de “la clôture” du structuralisme, toujours assimilée à la pensée de Saussure. Un saussurien à qui on faisait gloire de nous délivrer de Saussure! La chose méritait qu'on s'y arrêtât.* (2006, p. 180). Pelas palavras de Normand mede-se a importância que tem a sua leitura sobre a obra de Benveniste para nosso estudo.

Antoine Culioli, em *Pour une linguistique de l'énonciation* (1990), é prefaciado por Janine Bouscaren, que fala do lugar central que Culioli ocupa na pesquisa linguística na França: *Cela se traduit par la circulation très active des principaux concepts de sa théorie tant chez les linguistes (qu'ils se réclament ou non de son enseignement) que chez les chercheurs d'autres disciplines y compris hors du domaine strict des sciences humaines.* (p. 7). No capítulo dedicado a *Valeurs modales et opérations énonciatives* (p. 135-55), Culioli postula que é preciso apreender a linguagem através da diversidade das línguas. (p. 155). Entretanto nosso objeto de estudo, agora, de imediato, precisa dos ensinamentos de Culioli, que foram escritos em *Théorie du langage et théorie des langues* (1984).

Dominique Ducard, em *Entre Grammaire et Sens, études semiologiques et linguistiques* (2004), no capítulo *Nouvelle sémiologie et théorie de l'énonciation*, refere a parte final de *Sémiologie de la langue*, considerando que entre a metassemântica e a semântica do discurso ele colocaria *la Théorie des Opérations Énonciatives développée par Antoine Culioli* [...]. (p. 111-2). Ducard refere também Julia Kristeva, que, em *Sémanalyse: condition d'une sémiotique scientifique* (1972), cita a última parte de *Sémiologie de la langue*. Falamos das contribuições de Ducard e de Kristeva separadamente.

Henri Meschonnic, em *Benveniste: sémantique sans sémiotique* (1997), analisa frase a frase o texto *Sémiologie de la langue*. Para ele, *en trois mots, sémantique sans sémiotique, c'est toute la question de la poétique, à transformer en problème.* (p. 307). Vamos entender melhor o que Meschonnic ensina sobre a metassemântica enquanto uma questão poética.

Trazemos Gérard Dessons, com o livro *Émile Benveniste, l'invention du discours* (2006), e o texto *Pour une sémantique de l'art* (1997). No livro, Dessons

dedica uma parte a *Une anthropologie du langage*, analisando questões como linguagem, subjetividade, significação, discurso etc. No texto *Pour une sémantique de l'art*, como o título infere, é de arte que Derrida quer falar, *la notion d'art [...] remplit, dans l'étude "Sémiologie de la langue", une fonction stratégique* (p. 327).

Roland Barthes diz: *Nous lisons d'autres linguistes, il le faut bien, mais nous aimons Benveniste* (1984). É uma bela confissão de amor! A obra de Barthes é extensa e riquíssima, necessitaria de uma outra tese, mas agora precisamos de seus esclarecimentos em *Elementos de semiologia* (2003).

Aya Ono, em *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* (2007), faz um amplo e belo trabalho sobre a noção de enunciação, os variados matizes do conceito, e seu olhar detém-se sobre a metassemântica.

Jean-Michel Adam, em *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos* (2008), dedica algumas páginas à "translinguística" de Émile Benveniste.

Sabemos quão valiosas são as reflexões destes linguistas neste extenso deserto. Todavia é preciso que o caminho seja por nós escolhido. Então, em 1.3, apresentamos o desenho de nosso percurso. Todas as leituras nos levam à conclusão de que Benveniste, ao nos legar o direito de elaborar 'uma metassemântica', nos torna cúmplices de seus conceitos e não podemos decepcionar o mestre. Ou seja, das muitas possibilidades de análise translinguística, basta que encontremos 'uma', e teremos cumprido seu desejo.

Nossa metodologia de pesquisa nos ensina que o segundo capítulo deve ser dedicado à garimpagem do ouro metassemântico em meio às dunas, é o momento em que as pedras do dominó escondidas atrás de cada parágrafo devem ser inventariadas. Assim em 2.1, vemos as dunas da língua, da sociedade e da cultura de tal modo imbricadas, que não podemos concebê-las isoladamente. Adquirimos, nós, seres

humanos, a língua, os rudimentos da cultura e concomitantemente a faculdade simbolizante, que nos permite a formação do conceito como distinto do objeto. Esta capacidade de inventar e de compreender os símbolos só é possível ao homem, falta ao animal.

Talvez consigamos encontrar várias pedras do dominó nesta parte, porque Benveniste fala em levar a teoria mais longe para tornar *fructueuses* comparações e homologias entre língua e atividade social (*Plg*, 2, p. 100) e em *culturologie, si ce terme est admis* [...] (*Plg*, 2, p. 26), “uma verdadeira ciência da cultura que fundará a teoria das atividades simbólicas do homem”. (*Plg*, 1, p. 30).

Em 2.2, tratamos da subjetividade na linguagem, entendendo-se aqui todas as questões que envolvem a língua em uso: o ato de enunciar, a instância de discurso, os signos vazios, as coordenadas espaciais e temporais, os verbos delocutivos etc., ou seja, o homem na língua. Benveniste chama a atenção, inúmeras vezes, para a diferença que se estabelece entre língua-sistema e língua-discurso. A língua-sistema é a base para as questões centradas no estudo do modo semiótico de significância da língua, lugar em que o signo linguístico é a unidade; a língua-discurso é modo de significância da língua em uso, o semântico, cuja unidade é a palavra; a língua, no modo semântico, é produtora de mensagens efetuadas em frases, por isso consideramos a frase/enunciado como a unidade do discurso. Com certeza, Benveniste escondeu muitas pedras do dominó nestas noções.

A obra de Benveniste nos mostra o quanto ele foi solicitado a falar para outras plateias, como psicólogos, psicanalistas e filósofos, por isso, em 2.3, escolhemos alguns desses textos. Ao falar para psicólogos, em 1954, Benveniste está preocupado com as transformações profundas que sofrem *la méthode et l'esprit* da linguística nos últimos decênios, o que o leva a pensar que as discussões sobre método em linguística podem

ser le prélude d'une révision qui engloberait finalement toutes les sciences de l'homme. (Plg, 1, p. 4). No belo texto *Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*, de 1956, endereçado à psicanálise, Benveniste analisa o discurso do paciente, a negação e o recalque. Vemos a preocupação de Benveniste com *la forme et le sens dans le langage*, quando ele fala, em 1966, para filósofos. Acreditamos que este capítulo esconde várias pedras do dominó.

No terceiro capítulo, todas as perguntas já estarão respondidas, quando avistarmos as tamareiras em flor. Sabemos que, embora sejam 28 pedras do dominó, são apenas sete figuras (seis figuras mais uma vazia) que se combinam no decorrer do jogo; no nosso caso, seis temas mais um vazio, para que deixemos em aberto a possibilidade de inventar uma outra modalidade de análise translinguística que tenha como pressuposto a semântica da enunciação. Vamos configurar, então, no capítulo 3, os seis princípios que, com base em toda a pesquisa, julgamos necessários para a elaboração de uma análise translinguística no campo metassemântico.

É com o mais profundo encantamento que iniciamos mais uma vez um trabalho na teoria de Benveniste (o outro foi a dissertação de mestrado), e também este é intrateórico. Percorrer novamente as palavras de nosso mestre, agora buscando uma noção assaz conflituosa nos orgulha e nos fascina. Sua linguagem “que serve para viver” nos ensina em cada linha que todo o percurso teórico deve ter como propósito encontrar a significação na linguagem. Os caminhos, as veredas, os atalhos, são nossas escolhas, todavia devem necessariamente ser moldadas por rigoroso método de análise, cujo pressuposto seja o ser que fala. Este é o grande capítulo que Benveniste inaugura na linguística, a enunciação. O ser que toma a palavra e se institui como sujeito de sua fala, mas não é dono perene da fala, imediatamente instaura um interlocutor, em uma

comunicação infundável, em um diálogo que começa na aurora da humanidade e se encerra com ela.

Benveniste pertence a uma linhagem de sábios e é o herdeiro ilustre da doutrina de dois grandes linguistas, Michel Bréal e Ferdinand de Saussure. Benveniste mostra sua imensa admiração por Bréal e Saussure quando diz:

Saussure [...] extremamente jovem e precoce, com apenas 21 ou 22 anos, descoberto, adotado por um homem que tinha o sentido dos homens: Michel Bréal, que adivinhou o que poderia ser um Saussure, o que ele já era. (*Plg*, 2, p. 12). [...] Eis, portanto, Saussure, que progride ainda jovem na carreira, com a estrela na testa. É recebido cordialmente na *École des Hautes Études*, onde encontra logo discípulos que o seu pensamento encanta e inspira, e na *Société de Linguistique*, onde Bréal cedo o encarrega do secretariado adjunto [...]. (*Plg*, 1, p. 36).

Conhecendo a bela obra de Bréal, *Ensaio de semântica: ciência das significações*, vemos que muitas das noções de subjetividade trazidas por Benveniste já estão em Bréal, em seu *Elemento Subjetivo*, em 1897. Podemos afirmar que a teoria da enunciação tem como base a ciência do signo de Saussure e a ciência das significações de Bréal. Vamos acompanhar, no decorrer de nosso estudo, as palavras de Benveniste sobre a linguagem, e poderemos compará-las ao que Bréal diz em 1897:

Mesmo que tenham dito sábios ilustres, pode-se duvidar de que a linguística deva ser considerada entre as ciências naturais. Falta-lhe para isso uma condição capital: o objeto de que trata não existe na natureza. A linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana. [...] Tudo, na linguagem, vem do homem e se endereça ao homem. Se encerramos o homem na natureza, a ciência da linguagem fará parte das ciências naturais, ao mesmo título que as ciências das religiões, a ciência do direito, a história da arte. Mas se, tomando os termos no seu sentido ordinário, opomos, como se tem o hábito de fazer, às ciências naturais as ciências históricas, ou seja, aquelas que nos ensinam atos e obras do homem, não há dúvida de que é necessário colocar a ciência da linguagem entre as ciências históricas. (*Ensaio de semântica: ciência das significações*, p. 195).

Toda a vida destes três mestres foi dedicada a buscar a significação na linguagem. Benveniste diz que “quanto mais Saussure sonda a natureza da linguagem,

menos pode satisfazer-se com as noções recebidas. [...] Saussure viu que estudar uma língua leva inevitavelmente a estudar a linguagem”. (Plg, 1, p. 38). Benveniste herdou com a teoria as angústias. Concebe a enunciação, uma maneira de dizer *ego*, no pós-guerra de 1946, mas o tempo do *ego* é fugaz, o espaço do *ego* é fluido e inconsistente, porque a vida tornara-se fugaz, fluida e inconsistente nos campos de batalha e nos de extermínio. As marcas da saudade permanecem até hoje no enunciado.

1 NO VASTO DESERTO UNDE EXORIAR?

Observar a língua e se perguntar em que momento preciso uma tal coisa “começou” é tão inteligente quanto observar o riacho na montanha e acreditar que, subindo, se encontrará o lugar preciso em que ele tem a sua fonte. *Coisas inumeráveis estabelecerão* que, a cada momento, o RIACHO existe enquanto se diz que ele nasce e que, reciprocamente, ele nada faz além de nascer enquanto se diz [...].
Ferdinand de Saussure, 1909.

Este capítulo trata do que portávamos na bagagem quando decidimos enfrentar o deserto em busca de sinais para decifrar o enigma proposto pela esfinge. Nosso objetivo é apresentar a metasssemântica, como dissemos supra, timidamente, porque tímidas são nossas referências, e, além do mais, o deserto é amplo, muitas alternativas nos confundem, tememos errar o percurso, tempestades de areia acontecem. Como saber se estamos certos? Confiamos em Benveniste e nos autores que escolhemos.

Assim vamos organizar esta primeira incursão nas areias quentes do seguinte modo: em 1.1, trazemos Benveniste a partir do texto *Sémiologie de la langue*, em que a metasssemântica é nomeada; em 1.2, alguns linguistas nos ajudam a entender as questões propostas em *Sémiologie de la langue*; em 1.3, dispomo-nos a desenhar um caminho próprio.

1.1 *In principio erat Benveniste*

Queremos, de início, situar o leitor em relação à importância que o texto *Sémiologie de la langue* tem para a construção de nosso caminho de pesquisa. É aqui que Benveniste¹ menciona pela primeira, única e última vez a expressão: “[...] uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação”, fechando e ao mesmo tempo abrindo o texto com: “Esta será uma semiologia de “*deuxième génération*”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento de outros ramos da semiologia geral” (*Plg*, 2, p. 66). No ano seguinte, ele apresenta *O aparelho formal da enunciação*, e a única referência ao texto de 1969 aparece em nota de rodapé (*Plg*, 2, p. 81)².

Se nosso objeto de pesquisa “será uma semiologia de segunda geração”, parece-nos que compreender as questões de semiologia que nosso linguista discute no texto de 1969 é importante.

Seu objetivo em 1969 é muito claro: *Reprenant ce grand problème au point où Saussure l'a laissé nous voudrions insister d'abord sur la nécessité d'un effort préalable de classement, si l'on veut promouvoir l'analyse et affermir les bases de la sémiologie.* (*Plg*, 2, p. 50).

No texto *Sémiologie de la langue* (*Plg*, 2, p. 43-66), ele inicia sua reflexão com a questão ainda não resolvida pelos teóricos: “*quelle est la place de la langue parmi les*

¹ As referências a Émile Benveniste (1902-1976) são as autorizadas pela leitura de *Problèmes de linguistique générale*, 1, 1966 e *Problèmes de linguistique générale*, 2, 1974, Collection Tel, Paris: Gallimard, que aqui aparecem como *Plg*, 1 e *Plg*, 2, e pela leitura de *Problemas de linguística geral I*, 1995, e *Problemas de linguística geral II*, 1989, Campinas/São Paulo: Pontes. Esclarecemos que as citações conservaram a língua francesa por se tratar de um objeto de estudo conflituoso e complexo dependente da interpretação correta dos enunciados e a ser descoberto nas entrelinhas das reflexões de Benveniste. O estudioso, entretanto, poderá facilmente comparar as citações em francês com as das obras em português, *Problemas de linguística geral I*, 1995, e *Problemas de linguística geral II*, 1989, que fazem parte de *Obras Consultadas*, ao final da *Tese*.

² A nota “Tratamos disso particularmente num estudo publicado pela revista *Semiótica*, I, 1969” refere-se a:

“É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância” (*Plg*, 2, p. 81). Benveniste escreveria ainda dois textos, um em 70 e outro em 72, que constam em *Plg*, 2.

systemes de signes?” Ele afirma que Peirce e Saussure, ”dois gênios antitéticos [...] em completa ignorância um do outro e quase ao mesmo tempo”³, conceberam a possibilidade de uma ciência dos signos e tornaram visível *un grand problème*. (Plg, 2, p. 43).

Benveniste busca a resposta não na *semeiotic*, forma que Peirce retomou da denominação *Σημειωτική*, de John Locke, mas na metodologia de Saussure, pois *chez Saussure la réflexion procède de la langue et prendre la langue comme objet exclusif. La langue est envisagée pour elle-même, la linguistique se voit assigner une triple tâche*. (Plg, 2, p. 45).

Benveniste (Plg, 2, p. 45) sintetizou as três tarefas saussureanas da linguística⁴ em:

- a) Descrever sincronicamente e diacronicamente todas as línguas conhecidas;
- b) Depreender as leis gerais que operam nas línguas;
- c) Delimitar-se e definir-se a si própria.

Este programa “esconde uma estranheza que lhe confere justamente a força e a audácia”, pois a tarefa *c* absorve e, de certa maneira, destrói as outras duas: a linguística só pode delimitar-se e definir-se a si própria se delimitar e definir seu objeto de estudo, a língua; a linguística só pode cumprir as tarefas *a* e *b* se os recursos e as possibilidades da linguística forem definidos, isto é, a ação que a linguística tem sobre a linguagem, *donc la nature et les caractères propres de cette entité, la langue*. (Plg, 2, p. 45-6).

³ Charles S. Peirce, 1839- 1914; Ferdinand de Saussure, 1857- 1913.

⁴ As três tarefas da linguística deixadas por Saussure: a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que conseguir abranger, ou seja, fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família; b) procurar as forças que estão em jogo, de maneira permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos particulares da história; c) delimitar-se e definir-se a si própria. (C.L.G. p. 20). As referências a Ferdinand de Saussure são as autorizadas pela leitura de *Cours de linguistique générale*, publié par Charles Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Postface de Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 2005, e pela leitura de *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Benveniste insiste nesta exigência — definir a natureza e os caracteres próprios da língua. O linguista deve ter consciência da singularidade da língua entre todos os objetos de ciência. A terceira tarefa dá à linguística a missão de transcender as tarefas *a* e *b* a ponto de adiar a realização delas até que ela própria se realize. (*Plg*, 2, p. 46).

Esta é a grande novidade do programa saussuriano. A leitura do *Cours* confirma facilmente que para Saussure uma linguística só é possível com esta condição: *se connaître enfin en découvrant son objet*. (*Plg*, 2, p. 46).

Pour assigner une place à la linguistique, il ne faut pas prendre la langue par tous ses côtés. Il est évident qu'ainsi plusieurs sciences (psychologie, physiologie, anthropologie, grammaire, philologie etc.) pourront revendiquer la langue comme leur objet. Cette voie analytique n'a donc jamais abouti à rien. (Nota 51 de Tullio de Mauro, *C.L.G.* p. 417).

A preocupação de Saussure é a de determinar se há um objeto específico para a pesquisa linguística, e qual é o objeto. (Nota 51 de Tullio de Mauro, *C.L.G.* p. 417).

Há somente uma solução para esta dificuldade: é preciso se colocar em primeiro lugar no terreno da língua e tomá-la como norma para todas as outras manifestações da linguagem. Com efeito, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (*C.L.G.* p. 25).

Para Benveniste (*Plg*, 2, p. 46), Saussure mostra a primeira exigência de método: é preciso separar a língua da linguagem. Aqui estamos em terreno assaz conhecido, a distinção saussureana entre linguagem e língua que conduz ao entendimento do que é semiologia para Saussure.

A linguagem: tomada em seu todo, é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de muitos domínios, ao mesmo tempo física, psicológica e psíquica, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, porque não se sabe como definir sua unidade. A língua: ao contrário da linguagem, é um todo em si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural em um conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (*C.L.G.* p. 25).

Se a linguagem é multiforme e heteróclita, Saussure entende que é preciso descobrir o princípio de unidade que dominaria esta multiplicidade de aspectos da linguagem e que também permitiria classificar os fatos da linguagem entre os fatos humanos. A língua cumpre estas duas condições, é o princípio de unidade e o princípio de classificação, então, estes dois princípios permitem fundar a linguística como ciência e introduzir a semiologia. (*Plg*, 2, p. 47).

Saussure (*C.L.G.* p. 33) diz que a semiologia é uma ciência que ainda não existe e a linguística faz parte desta ciência que se ocupará de outros sistemas de mesma ordem no conjunto de fatos humanos.

Pode-se conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela formaria uma parte da psicologia social, e por consequência da psicologia geral; nós a nomearemos semiologia (do grego *semeion*, signo). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como ela ainda não existe não se pode dizer como será; mas ela tem direito à existência, seu lugar está determinado anteriormente. A linguística é uma parte desta ciência geral, as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se achará assim vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da semiologia; a tarefa do linguista é a de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos. [...] e se pela primeira vez conferimos à linguística um lugar entre as ciências é porque a relacionamos com a semiologia. [...] o problema linguístico é antes de tudo semiológico (*C.L.G.* p. 33-4).

Benveniste quer retomar o problema no ponto em que Saussure o deixou e insiste inicialmente na “necessidade de um esforço prévio de classificação” para promover a análise e consolidar as bases da semiologia. Deixa as generalidades para abordar enfim o “problema central da semiologia, o estatuto da língua entre os sistemas de signos”. Ele acredita que “nada estará assegurado na teoria enquanto não forem esclarecidos a noção e o valor do signo nos conjuntos em que seja possível estudá-lo.” (*Plg*, 2, p. 50). Sua análise inicia-se pelos sistemas não linguísticos.

Define o papel do signo, que é:

[...] o de representar, o de tomar o lugar de outra coisa evocando-a a título de substituto. Toda definição mais precisa, que distinguiria notadamente muitas variedades de signos, supõe uma reflexão sobre o princípio de uma ciência dos signos, de uma semiologia, e um esforço para elaborá-la. (*Plg*, 2, p. 51).

Nós utilizamos *concurrentement et à chaque instant plusieurs systèmes de signes*: da linguagem, da escrita, de cortesia, reguladores dos movimentos dos veículos, indicadores das condições sociais, monetários, ritos, crenças e cultos, arte (música, imagens, reproduções plásticas) etc. (*Plg*, 2, p. 51).

[...] nossa vida inteira está presa em uma rede de signos que nos condicionam tanto que bastaria a eliminação de um apenas para colocar o equilíbrio da sociedade e do indivíduo em perigo. Estes signos parecem engendrar-se e multiplicar-se em virtude de uma necessidade interna, que aparentemente responde também a uma necessidade de nossa organização mental. (*Plg*, 2, p. 51).

Nosso linguista volta ao dilema que Saussure enfrentou quando se tratava de encontrar nos fatos de linguagem um princípio de unidade e um princípio de classificação; agora é da semiologia que se fala, e é preciso encontrar o princípio de unidade e o de classificação para sistemas de signos que se configuram de diversas maneiras, é preciso “ordenar as relações e delimitar os conjuntos”. (*Plg*, 2, p. 51).

Para tal propósito, é mister distinguir o caráter comum a todos os sistemas e as características distintivas dos sistemas de signos: o caráter comum “a todos os sistemas e o critério de seu pertencimento à semiologia é sua propriedade de significar ou significância e sua composição em unidades de significância ou signos”. (*Plg*, 2, p. 51).

Os caracteres distintivos: um sistema semiológico⁵ se caracteriza:

- 1 – por seu modo operatório
- 2 – por seu domínio de validade
- 3 – pela natureza e o número de seus signos
- 4 – por seu tipo de funcionamento

⁵ Benveniste usa sistema semiológico e sistema semiótico indiscriminadamente.

Cada um destes traços comporta um certo número de variedades.

O modo operatório é a maneira como o sistema age, notadamente o sentido (visão, audição etc.) ao qual ele se dirige. O domínio de validade é aquele em que o sistema se impõe e deve ser reconhecido ou obedecido. A natureza e o número dos signos são função do modo operatório e do domínio de validade. O tipo de funcionamento é a relação que une os signos e lhes confere função distintiva.

Ele experimenta “esta definição sobre um sistema de nível elementar, o sistema de sinais do tráfego rodoviário”: o modo operatório é visual, geralmente diurno e a céu aberto; o domínio de validade é o deslocamento dos veículos em estradas; a natureza e o número são conhecidos tendo em vista que os signos são constituídos pela oposição cromática verde-vermelho, às vezes uma cor intermediária, amarelo, de transição, portanto é sistema binário; o tipo de funcionamento é uma relação de alternância (jamais de simultaneidade) verde/vermelho que significa caminho aberto/caminho fechado, ou sob forma prescritiva, siga/pare. (*Plg*, 2, p. 52).

Neste sistema apenas o domínio de validade pode ser transferido, por exemplo, para o deslocamento dos navios, para o balizamento dos canais ou pistas de aviação, se a oposição cromática guardar a mesma significação. A natureza dos signos só pode ser modificada temporariamente, por exemplo, em caso de neblina nas estradas, quando é preciso usar outros sinais, como sinais sonoros em vez de visuais.

Estes quatro caracteres formam dois grupos: os dois primeiros — modo de operação e domínio de validade — indicam as condições externas, empíricas, do sistema; os outros dois indicam as condições internas, semióticas. Apenas os dois primeiros admitem variações ou acomodações. Esta é a forma estrutural de um modelo canônico do sistema binário usado em votações ou nas circunstâncias em que a

alternativa poderia ser, mas não é, enunciada linguisticamente com sim/não, por exemplo, bolas pretas e brancas, sentado, em pé etc.

Ele depreende, então, dois princípios para as relações entre sistemas semióticos⁶ (*Plg*, 2, p. 53):

1- princípio da não-redundância entre sistemas semióticos: dois sistemas semióticos, cuja natureza e tipo de funcionamento das unidades são diferentes não podem ser mutuamente conversíveis. Não há “sinonímia” entre sistemas semióticos; não se pode “dizer a mesma coisa” pela fala e pela música, que são sistemas semióticos de base diferente. A não-conversibilidade entre sistemas de base diferente é a razão da não-redundância no universo dos sistemas de signos. O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a “mesma” relação de significação. Porém o alfabeto gráfico e o alfabeto Braille ou Morse ou o dos surdos-mudos são mutuamente conversíveis, pois são sistemas de mesmas bases fundadas sobre o princípio alfabético, uma letra, um som.

O segundo princípio dimana do primeiro e o completa:

2- princípio de que não há signo transistêmico: o valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Dois sistemas podem ter o mesmo signo em comum sem que haja sinonímia ou redundância, isto é, a identidade substancial de um signo não conta, somente sua diferença funcional: o branco da bandeira não tem nada em comum com o branco do luto na China nem o vermelho da bandeira com o vermelho do semáforo.

Destaca ainda uma nova exigência de método: a relação estabelecida entre sistemas semióticos deve ser ela mesma de natureza semiótica; será determinada pela ação de um mesmo meio cultural, que de uma maneira ou de outra produz e alimenta todos os sistemas que lhe são próprios. (*Plg*, 2, p. 53-4).

⁶ Apenas para destacar a terminologia usada por Benveniste, ora sistema semiológico, ora sistema semiótico.

Há uma segunda condição: determinar se um sistema semiótico dado pode se autointerpretar ou se deve receber sua interpretação de outro sistema. A relação semiótica entre sistemas se enunciará como uma relação entre sistema interpretante e sistema interpretado. Em uma grande escala, consideramos a relação entre os signos da língua e os da sociedade; os signos da sociedade podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, não o inverso. A língua será interpretante da sociedade. Em uma pequena escala, podemos considerar o alfabeto gráfico como o interpretante do Morse ou do Braille (*Plg*, 2, p. 54). Assim os subsistemas semióticos interiores à sociedade serão interpretados pela língua.

Ele considera que há um princípio geral de hierarquia, porque a língua ocupa uma situação particular no universo do sistema de signos: se designarmos por S o conjunto de sistemas e por L a língua, a conversão se faz sempre no sentido $S \rightarrow L$. (*Plg*, 2, p. 54).

“Eis aqui um princípio geral de hierarquia, próprio para ser introduzido na classificação dos sistemas semióticos e que servirá para construir uma teoria semiológica”. (*Plg*, 2, p. 54). Ele compara a música com a língua para mostrar as diferenças na natureza dos “signos” e no modo de funcionamento. A unidade de base da música é a nota, unidade distintiva e opositiva do som, que toma seu valor na gama, que fixa o paradigma das notas. Ela é semiótica em sua ordem própria, porque é só aí que pode determinar oposições. Não tem, portanto, nenhuma relação com a semiótica do signo linguístico e nem pode ser convertida em unidades da língua em qualquer nível. Assim como o compositor tem liberdade para organizar seus sons em um discurso que obedece a sua “sintaxe” e a sua “gramática”. Há ainda outra analogia, porque a música é um sistema que funciona sobre dois eixos: o das simultaneidades e o das sequências, mas não são compatíveis com os eixos paradigmático e sintagmático da língua.

Benveniste conclui que a música pode ser considerada uma “língua”, mas uma língua que tem uma sintaxe, mas não tem semiótica. (*Plg*, 2, p. 54-6).

Examina também o sistema das artes plásticas. Qual é a unidade deste sistema? A figura, o traço, a cor? (*Plg*, 2, p. 56-9). Para que possamos comparar sistemas de ordens diferentes é preciso: 1- um repertório finito de signos, 2- regras de arranjo que governam suas figuras, 3- independentemente da natureza e do número de discursos que o sistema permite produzir. As artes plásticas, em seu conjunto, não satisfazem estas exigências.

A noção de unidade está no centro da discussão dos sistemas semiológicos, porque “um sistema deve designar as unidades que coloca em jogo para produzir o ‘sentido’ e especificar a natureza do ‘sentido’ produzido” (*Plg*, 2, p. 57).

Há duas questões a considerar: 1- Podemos reduzir a unidades todos os sistemas semiológicos? 2- Estas unidades, nos sistemas em que elas existem, são signos? A unidade e o signo devem ser considerados distintos. O signo é necessariamente uma unidade, mas a unidade pode não ser um signo. A língua é feita de unidades e estas unidades são signos. E os outros sistemas semiológicos? (*Plg*, 2, p. 57-8).

Ele considera inicialmente os sistemas ditos artísticos, o da imagem e o do som, “ignorando deliberadamente sua função estética” (*Plg*, 2, p. 58).

A “língua” musical consiste em combinações e sucessões de sons, diversamente articulados. A unidade elementar, o som, não é um signo; cada som é identificável na estrutura da escala da qual ele depende, não sendo dotado de significação. Eis o exemplo típico de unidades que não são signos, que não designam, sendo somente os graus de uma escala na qual se fixa arbitrariamente a extensão (*Plg*, 2, p. 58).

Estabelece um princípio discriminador para os sistemas fundados sobre unidades: sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes, o primeiro é a língua e o segundo é a música.

Quando o exame recai sobre as artes figurativas, pintura, desenho ou escultura, a questão da unidade volta a preocupar. Vejamos as cores:

O artista as escolhe, as amalgama, as dispõe conforme sua vontade sobre a tela, e é finalmente apenas na composição que elas se organizam e assumem, tecnicamente falando, uma “significação” pela seleção e pelo arranjo. O artista cria assim sua própria semiótica: ele institui suas oposições em traços que ele próprio torna significantes em sua ordem. Ele não recebe, então, um repertório de signos, reconhecidos como tais, e ele não estabelece um repertório. A cor, este material, comporta uma variedade ilimitada de nuances graduáveis, nenhuma das quais encontra equivalência com um “signo” linguístico (*Plg*, 2, p. 58-9).

As artes da figura pertencem ao nível da representação, em que traço, cor e movimento se combinam e entram em conjuntos governados por necessidades próprias. Aqui é Benveniste quem credita ao futuro o desenvolvimento de uma semiologia que é ainda indecisa e que definiria o signo próprio a estes sistemas distintos e de grande complexidade. Por que distintos e por que complexos? Porque a arte é sempre uma obra particular, em que as relações significantes são descobertas no interior da obra; o artista é livre para instaurar suas oposições e valores, não tendo contradições a eliminar, exprime sua visão segundo seus critérios. (*Plg*, 2, p. 59).

A significância da arte não remete jamais a uma convenção identicamente recebida entre parceiros. É necessário descobrir a cada vez os termos, que são ilimitados em número, imprevisíveis por natureza, logo reinventados a cada obra, em resumo, incapazes de se fixar em uma instituição. [...] A significância é posta pelo autor na obra e se depreende das relações que organizam um mundo fechado. (*Plg*, 2, p. 59-60).

Eis a diferença entre a significância da arte e a da língua: a língua pertence a um sistema em que a significância é expressa pelos elementos primeiros em estado isolado, independentemente das ligações que eles possam contrair, ela é inerente aos próprios signos, ela funda a possibilidade de toda a troca, de toda a comunicação e de toda a cultura. (*Plg*, 2, p. 59-60). Nenhuma semiologia do som, da cor ou da imagem será formulada em sons, cores e imagens. Toda a semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na

semiologia da língua. A língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos.

Há três tipos de relação entre sistemas semióticos (*Plg*, 2, p. 60 -2):

1- relação de engendramento

2- relação de homologia

3- relação de interpretância

1- relação de engendramento: um sistema pode engendrar um outro sistema; esta relação vale entre dois sistemas distintos e contemporâneos, mas de mesma natureza, e o segundo é construído a partir do primeiro e preenche uma função específica. Por exemplo, o alfabeto normal engendra o alfabeto Braille.

2 – relação de homologia: estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos; por exemplo, o verso de Baudelaire “Os perfumes, as cores e os sons se respondem” apresenta “correspondências” que estão apenas em Baudelaire, organizam seu universo poético.

3 – relação de interpretância: a língua é interpretante de todos os sistemas semióticos; nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” em que possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, y *compris elle-même*.

A língua nos dá o único modelo de um sistema que é semiótico ao mesmo tempo em sua estrutura formal e em seu funcionamento (*Plg*, 2, p. 62):

1 – a língua se manifesta pela enunciação, cuja referência é uma dada situação; falar é sempre falar de;

2 – a língua consiste formalmente de unidades distintas, cada uma é um signo;

3 – a língua é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;

4 – a língua é a única atualização da comunicação intersubjetiva.

Por estas razões

[...] a língua é a organização semiótica por excelência. Ela dá ideia do que é uma função de signo *et elle est seule à en offrir la formule exemplaire*. [...] Somente a língua pode conferir - e confere efetivamente - a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes em os informando da relação de signo. Há, portanto, *un MODELAGE SÉMIOTIQUE* que a língua exerce cujo princípio só pode se encontrar na língua. A natureza da língua, sua função representativa, seu poder dinâmico, seu papel na vida de relação fazem dela a grande matriz semiótica, a estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e o modo de ação. [...] a língua significa de uma maneira específica, que é só dela e que nenhum outro sistema consegue reproduzir. (*Plg*, 2, p. 62-3).

E é aqui, então, nesta parte do texto *Sémiologie de la langue*, que Benveniste conclui que a língua é investida de uma dupla significância (*Plg*, 2, p. 63). É um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, o modo semiótico e o modo semântico.

O semiótico designa o modo de significância que é próprio do signo linguístico e que o constitui como unidade. [...] A única questão que um signo suscita para ser reconhecido é a sua existência, e esta se decide por sim ou não. Todo o estudo semiótico, em sentido estrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios cada vez mais sutis da distintividade. [...] cada signo será chamado a afirmar sempre mais claramente sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio ao conjunto de signos. Tomado nele mesmo, o signo é pura identidade a si mesmo e pura alteridade a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação. Ele existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto dos membros da comunidade linguística e evoca para cada um, grosso modo, as mesmas associações e as mesmas oposições. Tal é o domínio e o critério do semiótico (*Plg*, 2, p. 64).

Com o semântico entramos no modo específico de significância que é engendrado pelo discurso. Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagens. Mas é preciso entender que a mensagem não é somente uma sucessão de unidades que podem ser identificadas separadamente, como se uma adição de signos pudesse produzir sentido, é, ao contrário, o sentido concebido

globalmente é que se realiza e se divide em signos particulares, que são as palavras. (*Plg*, 2, p. 64).

O semântico leva necessariamente em conta o conjunto dos referentes no discurso, enquanto o semiótico é por princípio independente e separado de toda e qualquer referência.

A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso. Semiótico e semântico são duas ordens distintas de noções e dois universos conceituais diferentes que requerem critérios de validade distintos: o semiótico, o signo, deve ser reconhecido; o semântico, o discurso, deve ser compreendido. A diferença entre reconhecer e compreender reenvia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o signo anterior e o atual, e a de perceber a significação de uma enunciação nova.

A língua é o único sistema em que a significância se articula em duas dimensões. “Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica sem semântica, como os gestos de cortesia, *mudrās*; ou semântica sem semiótica, como as expressões artísticas”. (*Plg*, 2, p. 65).

O privilégio da língua é o de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação em que é possível manter propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas de signos. (*Plg*, 2, p. 65).

Saussure, ao definir a língua como sistema de signos, estabeleceu o fundamento da semiologia linguística. (*Plg*, 2, p. 64). Entretanto, no momento em que passamos a considerar a língua em seu funcionamento, o signo linguístico, que corresponde às unidades significantes da língua, não pode mais ser considerado como a unidade da língua em seu funcionamento discursivo. É preciso, portanto, admitir que a língua

comporta dois domínios distintos e cada um exige seu próprio aparelho conceptual. Para o semiótico, a teoria saussuriana do signo linguístico serve de base à pesquisa. Para o semântico é preciso um novo aparelho de conceitos e definições.

A semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento mesmo que a criou, o signo. Se descartarmos a ideia do signo linguístico, estaremos apagando o caráter mais importante da língua; contudo não podemos estendê-lo ao discurso inteiro sem contradizer sua definição como unidade mínima da língua. E, assim, Benveniste conclui (*Plg*, 2, p. 65-6):

[...] é preciso ultrapassar a noção saussuriana do signo linguístico como princípio único do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem se fará em duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que chamamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;

- na análise translinguística dos textos, obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão concorrer também para o desenvolvimento de outros ramos da semiologia geral. (*Plg*, 2, p. 66).

Aqui termina o texto *Sémiologie de la langue* e aqui começam os embates. Antes que se inicie a outra parte deste capítulo, queremos parar um pouco aqui nesta duna. A impressão que nos causa o início do texto *Sémiologie de la langue* é a de que Benveniste realmente vai consolidar as bases da semiologia, não da semiologia da língua, embora o título do texto esteja bem claro, mas da semiologia geral, tal como Saussure a concebe, *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*. Entretanto a semiologia que tem por objeto de estudo as relações entre os sistemas de signos depara-se com uma primeira dificuldade de análise: a definição da unidade de análise. Os outros sistemas semióticos, ao contrário da língua, não têm sua unidade

definida, logo sem um princípio de unidade e de classificação “nenhuma teoria séria poderá se constituir”.⁷

A língua, cuja unidade é o signo, é usada como parâmetro aos outros sistemas semióticos. Então para evidenciar as diferenças entre as ordens de relações semióticas, Benveniste compara o sistema da língua com sistemas não linguísticos: no sistema da música, a nota, unidade de base da música, é semiótica em sua ordem própria, mas não tem nenhuma relação com a semiótica do signo linguístico; nas artes figurativas, pintura, desenho, escultura, a unidade não está definida; é o artista quem escolhe suas cores e cria sua própria semiótica. As mais variadas nuances da cor não têm equivalência com um signo linguístico. As artes da figura pertencem a sistemas semióticos complexos, tornando-se uma semiologia indecisa, sem signo definido.

Ao examinar as relações entre sistemas semióticos, comparando o sistema língua com sistemas não linguísticos, sobressai o problema central da semiologia - o estatuto da língua entre os sistemas de signos.

Logo todas as relações e os princípios examinados no texto têm como parâmetro a língua e nos conduzem ao fato de que a língua é investida de uma dupla significância, o modo semiótico e o modo semântico. Se a semiologia da língua foi plenamente esclarecida no texto, a semiologia de Saussure, ou seja, *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*, ainda fica como uma utopia futura. Talvez este estudo nos leve até ela.

Os autores, a seguir, nos auxiliam a enfrentar o deserto. As obras destes autores, em grande maioria, ainda não foram traduzidas para o português. Preferimos conservar nas citações a língua original das obras a fazer uma tradução própria.

⁷ Benveniste, *Plg*, 2, p. 57.

1.2 Longa a travessia, essencial a ajuda

Traçamos agora um panorama das reflexões de vários estudiosos. Iniciamos com Claudine Normand. O que ela diz sobre Benveniste nos deixa um pouco apreensivos: *J'ai donc lu et relu Benveniste avec l'impression, toujours actuelle, de n'avoir pas vraiment cerné cette pensée*⁸. (2006). Se para Normand, estudiosa incomparável de Benveniste, ainda há muito a descobrir, para nós, corajosos cavaleiros em demanda do Santo Graal, restam-nos muita leitura e releitura de Benveniste e do que Normand escreve sobre Benveniste.

Em *Constitution de la sémiologie chez Benveniste*⁹ e *Sémiologie, sémiotique, sémantique: remarques sur l'emploi de ces termes par Émile Benveniste*¹⁰, Normand reafirma *l'ambigüité constitutive du projet unitaire de Benveniste: continuer Saussure en le dépassant; [...] fidèle au maître mais se proposant d'aller plus loin sur la question de la signification et dans le développement du projet de sémiologie générale*.

Normand entende que a ‘necessária ultrapassagem’ reflete os embates entre o trabalho concreto do linguista e o desejo do filósofo. Ela analisa os três termos, semiologia, semiótico e semântico (2001), empregados por Benveniste em *Sémiologie de la langue*, questionando a noção de semiologia, porque a cada ano Benveniste tem uma concepção diferente para o mesmo termo: em 1963, trata-se de uma *semiologia geral, verdadeira ciência da cultura*¹¹, em 1969, de *uma semiologia de segunda geração*¹² e, em 1968, de *ciência geral do homem*¹³.

⁸ Normand, Claudine. *Allegro ma non troppo*. Invitation à la linguistique. Collection “Les Chemins du discours”. Paris: Éditions Ophrys, 2006, p. 181.

⁹ Normand, Claudine. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. *Histoire Épistémologie Langage*.11-II, 1989, p. 141-169.

¹⁰ Normand, Claudine. Sémiologie, sémiotique, sémantique: remarques sur l'emploi de ces termes par Émile Benveniste. *LINX*, 2001, p. 29-37.

¹¹ Benveniste, *Plg*, 1, p. 30.

¹² Benveniste, *Plg*, 2, p. 66

¹³ Benveniste, *Plg*, 2, p. 38

Para a estudiosa (2001, p. 34), é difícil fixar o que Benveniste entende por *sémiologie*, termo que parece designar dois caminhos e dois objetivos distintos: em um primeiro emprego, a semiologia retoma o programa saussuriano de “ciência geral dos sistemas de signos”, e, em um segundo emprego, *uma* semiologia parece designar o conjunto constituído pelas duas análises, semiótico e semântico, que se aplica a um dado domínio, por exemplo, a *semiologia da língua*.

Ela continua: o que sustenta este projeto totalizante é que a língua “é investida de propriedades semânticas e funciona como uma máquina de produzir sentido”¹⁴ e o termo *semiologia* constitui o sustentáculo destes últimos artigos teóricos, representando o ponto de fuga do programa propriamente linguístico que se formula e é chamado *teoria da enunciação*. O programa se funda sobre a distinção do *semiótico* e do *semântico* e é ao mesmo tempo o segundo emprego de *semiologia*, um estudo que distingue e integra estes dois componentes.

A partir do momento em que Benveniste cuida do problema do sentido, ele especifica o emprego do termo *semiótico*, que é usado como adjetivo em sua diferença com o *semântico*. Como a língua é investida de dois modos de significância, no sistema e no discurso, há necessidade de dois estudos linguísticos distintos: o *semiótico*, que é o estudo das propriedades gerais das unidades do sistema, os signos, comuns a todos os locutores de uma mesma comunidade linguística; o *semântico*, que é o estudo do uso da língua e o sentido que aí se produz. A ampliação da descrição linguística seria a saída do imanentismo, que permitiu, graças à ultrapassagem da oposição língua/fala, empreender uma linguística do discurso. Em outro texto, ela comenta que “*le sémantique*” chez Benveniste, *domaine aux limites indéfinies de la langue dans son*

¹⁴ Benveniste, *Plg*, 2, p. 97.

emploi “vivant”, semble échapper à toute formalisation; le terme designe l’union du sens, du sujet et d’une énonciation chaque fois particulière. (2006, p. 192).

Normand vê mais o trabalho do filósofo Benveniste do que do linguista Benveniste à procura de uma teoria totalizante destinada, sob o nome de semiologia, a englobar todas as ciências da cultura, pois é esta perspectiva que toma um lugar cada vez mais afirmativo nos últimos anos de seu trabalho. (2006, p. 186).

Antoine Culioli¹⁵ fala da *position fondamentale et profondément novatrice* de Benveniste, ao entender que a linguagem só pode ser apreendida na diversidade das línguas, *grâce à une théorie de l’observation et de la généralisation.* (p. 118). Este estudioso traz uma questão muito interessante e que, para nós, sempre foi motivo de dúvida: ele acredita que Benveniste introduz *un troisième terme, la langue, au statut incertain*, porque é ao mesmo tempo distinta da linguagem e substituta da linguagem, *par un glissement incessant*, em vários exemplos ao longo de suas obras. Culioli pergunta: *Vacillation sans importance?* (p. 119). Culioli, tomando por base várias afirmações de Benveniste sobre estas noções, considera que a elaboração teórica *insuffisante* das concepções de linguagem e língua leva a introduzir um terceiro termo, *la langue*, sem que as relações assim estabelecidas sejam *réglées de façon explicite.* (p. 120-1).

Quando se estuda *avec minutie* os textos sobre subjetividade, Culioli (p. 121) afirma que aparecem os mesmos defeitos; uma proliferação de designações e um conceito ausente. Nas designações de *je*, “sujeito” (com ou sem aspas), locutor, EGO (maiúsculo ou minúsculo, com ou sem aspas), há uma multiplicação de termos (*sujet*, “sujet”, EGO, “ego”), e Benveniste parece empregar *de façon interchangeable* um termo pelo outro. Culioli acredita que o conceito que falta é o conceito *d’énonciateur*,

¹⁵ Culioli, Antoine. *Théorie du langage et théorie des langues.* E. Benveniste aujourd’hui, Actes du Colloque International du CNRS, *La société pour l’Information grammaticale*, Paris, 1984, p. 115-23.

tal como ele, Culioli, o entende. Há na teoria de Benveniste, comenta Culioli, *curieuses dérives d'une pensée si subtile et si novatrice [...] une pensée vivante*. Suas contradições [...] são produto de seu rigor, e *sont pour nous un fascinant objet d'étude ainsi qu'une leçon*. (p. 123-3).

Dominique Ducard (p. 111)¹⁶ inicia suas reflexões a partir de *Sémiologie de la langue*. Relembra a delimitação benvenistiana entre semiótico e semântico, a insatisfação de Benveniste com os termos empregados, o *sema* que lhes é comum, a necessidade de ultrapassar a noção de signo linguístico como princípio único e o anúncio de uma semiologia de “*deuxième génération*” segundo duas orientações: a primeira, com uma semântica que leva em conta a “nova dimensão de significância”, a do discurso, e, a segunda, com a “análise translinguística dos textos, das obras”, visando a uma “metassemântica que se construirá sobre uma semântica da enunciação.”¹⁷.

Ducard, na verdade, quer nos mostrar a pertinência das análises de Antoine Culioli e de Julia Kristeva para o quadro ‘semântica do discurso/metassemântica’. Ele diz: *Entre une sémiologie fondamentale, — qui interrogerait l'activité symbolique de représentation liée au langage et que nous assimilerons à la “métasémantique” que Benveniste appelait de ses vœux —, et une sémiologie des textes, — que nous rapprocherons de la sémantique des discours, — nous placerons la Théorie des Opérations Énonciatives développée par Antoine Culioli comme une version possible de la sémantique énonciative évoquée.*(p. 111-2)¹⁸.

Ducard (p. 118) chama uma outra filiação, *cette fois revendiquées dès l'origine, entre la nouvelle sémiologie que Benveniste appelait de ses vœux et ce que fut le projet d'une sémanalyse*. Ducard traz as palavras de Julia Kristeva:¹⁹

¹⁶ Ducard, Dominique. *Entre grammaire et sens: études semiologiques et linguistiques*. Paris: Ophrys, 2004.

¹⁷ Benveniste, *Plg*, 2, p. 66.

¹⁸ Os traços são para nosso próprio entendimento da questão.

¹⁹ Kristeva, Julia, apud Ducard, 2004, p. 119-20.

Qu'il me soit permis ici de citer la conclusion du dernier texte de ce maître de la linguistique qui explicite sa conception de la signifiante et trace la voie où pourra se situer, me semble-t-il, la sémanalyse.[...] Nous appelons sémanalyse ce qu'il designe comme une sémantique et une translinguistique.

Para nós, entretanto, é diferente o ponto de vista de Benveniste e o de Kristeva sobre translinguística. Vejamos como Julia Kristeva.²⁰ (p. 169) formula *o problema da produtividade translinguística*:

Para um texto tomado como produção (Pt), não podemos estabelecer um processo sistemático e construtivo para determinar se sim ou não uma fórmula (sequência) tomada em Pt é verossímil, isto é, possui: 1- a propriedade sintática de derivabilidade em Pt ; 2- a propriedade semântica, de verdade idêntica; 3- a propriedade ideológica, de efeito sofrido.

Vemos que a autora trabalha com noções muito distantes de nosso suporte epistemológico enunciativo. Apenas para exemplificar, Kristeva (p.169-170) diz: “o conceito de produtividade textual nos situa em um nível de raciocínio que evoca aquele definido pelos matemáticos como *teoria essencialmente indecidível* (um sistema é indecidível quando não podemos decidir se cada fórmula desse sistema é verdadeira ou falsa).” Referindo-se ao texto de Raymond Roussel²¹, ela diz (p. 171-2):

Mas, tal como é, o texto de Roussel torna ainda mais manifesta a nova etapa que nossa cultura parece transpor desde o fim do século passado (com Mallarmé, Lautréamont e, em um outro nível, fundamental e determinante em última instância, Marx). Trata-se de uma passagem da *dualidade* (do signo) à *produtividade* (trans-signo).

Ducard (p. 120) chama a atenção para o fato de que Julia Kristeva descarta de sua terminologia o termo “muito limitado a seus olhos semântica” e define a “significância” como o que “reconstitui a produção translinguística das mensagens a partir da enunciação, portanto do sujeito, acentuando a intervenção constituinte da psicanálise para a qual Benveniste foi o primeiro linguista a estar atento”.

²⁰ Kristeva, Julia. *Semiótica, Introdução à semánlise*. São Paulo: Perspectiva, 2005. Coleção Debates.

²¹ Raymond Roussel (1877-1933), poeta francês, romancista, dramaturgo e músico.

As análises de Kristeva, extremamente importantes para quem faz das línguas seu objeto de estudo, não poderão aqui neste estudo ganhar o merecido espaço, porque sua linha de pesquisa, embora às vezes com a mesma nomenclatura, contempla paradigmas que extrapolam nossas pretensões neste momento. Ela diz: *Nous appelons sémanalyse ce qu'il designe comme une sémantique et une translinguistique.* (p. 120).

Henri Meschonnic (1997)²², em *Benveniste: sémantique sans sémiotique*, analisa detidamente cada linha de *Sémiologie de la langue*, texto no qual ele encontra as três palavras do título. Iniciando seu diálogo com Benveniste, ele diz (p.307):

En trois mots, c'est toute la question de la poétique, à transformer en problème. [...] Ce qui suppose entre la poétique et la théorie du langage une implication réciproque, une interaction, une réaction en chaîne. [...] Benveniste [...] prépare cette implication théorique [...] et ne la conçoit pas.
23

Ao iniciar sua análise, traz, a exemplo de Benveniste, a comparação entre ‘os dois gênios antitéticos, Peirce e Saussure’²⁴:

Toda a época contemporânea, no que concerne à relação entre linguagem e arte, aqui compreendida a arte da linguagem, pode ser vista como um conflito entre *le côté* de Peirce e *le côté* de Saussure, e sobretudo como a supressão ou a denegação deste conflito. (p. 307).

No entanto é de Benveniste e de sua relação com Saussure que Meschonnic (p. 308) quer falar, quando diz que Benveniste, seguindo Saussure, prende indissociavelmente a história e a teoria, porque “a leitura do *Cours* confirma facilmente que, para Saussure, uma linguística só é possível com esta condição: conhecer-se,

²² Meschonnic, Henri. Benveniste: sémantique sans sémiotique. Émile Benveniste: vingt ans après. *LINX*, 1997, p. 307-25.

²³ Este Colóquio (Émile Benveniste: vingt ans après) tornou público que existem muitas centenas de páginas de Benveniste *sur la poétique* em manuscrito. Meschonnic, 1997, p. 307, nota 1.

²⁴ Benveniste, *Plg*, 2, p. 43.

enfim, descobrindo seu objeto”²⁵. *C’est son propre inconnu que la théorie du langage essaie de reconnaître, en même temps que son objet* (p. 308).

Logo, para Meschonnic (p. 308), o que Benveniste diz de Saussure vale para ele mesmo, quando fala de *termos que criam seus próprios conceitos*.²⁶ *Une démarche déductive. Chez tous les deux, porque a passagem sobre semiologia (como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; mas ela tem direito à existência, seu lugar está determinado de antemão)²⁷, vale para a passagem sobre metassemântica, que é um termo que cria seu próprio conceito, e tem direito à existência, seu lugar também foi determinado de antemão por Benveniste em 1969.*

C’est une démarche de reprise [...] chez Benveniste:²⁸ Et moi aussi je dirais, toute proportion gardée, qu’il en est de même pour la poétique, telle que Benveniste lui prépare sa place: reprenant ce grand problème au point où Benveniste l’a laissé [...]. (p. 308).

Meschonnic (p. 308), então, retomando o grande problema no ponto em que Benveniste o deixou, tentará analisar algumas dificuldades ou contradições em *Sémiologie de la langue*.

Em primeiro lugar, ele destaca a definição *traditionnelle* do signo como *substitut* trazida por Benveniste²⁹, enquanto a poética do *rythme* vê o signo como o conjunto de seis paradigmas, linguístico, antropológico, filosófico, teológico, social, político³⁰. (p. 308).

²⁵ Benveniste, *Plg*, 2, p. 46.

²⁶ Benveniste, *Plg*, 2, p. 47.

²⁷ *C.L.G.* p. 33.

²⁸ “Retomando este grande problema no ponto em que Saussure o deixou [...]”. Benveniste, *Plg*, 2, p. 50.

²⁹ Benveniste, *Plg*, 2, p.51.

³⁰ Meschonnic, p. 308, remete à análise que ele faz em *Politique du rythme, politique du sujet*. Verdier, 1995.

Em todos os momentos desta análise não podemos perder de vista que, para Meschonnic, trata-se aqui da “*poétique, telle que Benveniste lui prépare sa place*”³¹. Logo todos os caminhos de Meschonnic nos levarão à poética.

O que Meschonnic quer com a análise de *Sémiologie de la langue* é encontrar o que há de fecundo em Benveniste e o que permite pensar a linguagem não para reproduzir Benveniste, mas para que ele seja o ponto de partida. (p. 311).

Ce qui suppose, dans ce à-partir-de, qu'il y a, avec Benveniste, une oeuvre, telle qu'on ne peut plus faire comme si elle n'avait pas eu lieu. La définition d'une oeuvre, ici, dans ses effets, c'est qu'on ne peut ni faire comme avant, ni la refaire. (p. 311).

Meschonnic (p. 312) acredita que é a elaboração do discurso que faz de Benveniste um caminho obrigatório para pensar *le continu* na linguagem, uma posição linguística do sujeito na sua enunciação que prepara, mas não constitui, a noção de sujeito do poema³²; noção retórica, poética, ética e política do sujeito [...],

[...] une pensée de l'historicité et de la valeur telle que penser la poétique et penser la modernité deviennent une seule pensée. Ce cheminement même dégage une modernité de Benveniste. Un cas de plus, pour le comique de la pensée, où la modernité, que certains croient finie, survit et survivra au post-moderne. (p. 312).

O pós-moderno, para Meschonnic, se une precisamente no esquecimento das três palavras de Benveniste: ‘semântico sem semiótico’. Porque o pós-moderno fica ao lado de Peirce. E a análise de Meschonnic quer justamente partir destas três palavras considerando-as um programa, embora com problemas. Os prolongamentos deste programa, sem dúvida Benveniste não previu, mas eles se tornam necessários.

³¹ Meschonnic, p. 308.

³² Noção abordada por Meschonnic em *Politique du rythme, politique du sujet*.

Benveniste³³ distingue uma significância unidimensional nos gestos de cortesia e *mudrās*, de um lado, que seriam do semiótico sem semântico e nas expressões artísticas, de outro, que seriam do semântico sem semiótico. Meschonnic discorda de Benveniste, porque entende que os gestos de cortesia, em seu jogo social, não excluem o semântico, e *mudrās*, que são poses ritualizadas e estilizadas dos *Boudhas* e dos *Bodhisatvas*, guardam um sentido, um código, para os iniciados. Há aqui, portanto, uma semântica.

Ele traz exemplos de narrações humorísticas de Tchékhev, em que os signos de polidez dispensados aos personagens são a marca de seu estrato social. Estes signos são ao mesmo tempo do corpo individual e do corpo social e também ligados ao registro da língua, “no sentido da estilística de Bally em 1909”³⁴. Se os signos de cortesia são a expressão de relações sociais, servem a determinados rituais sociais com um código próprio, eles guardam uma semântica, eles não são do semiótico sem semântico. Eles pertencem ao ‘mundo da enunciação’, ao ‘universo do discurso’. Eles devem ser “reconhecidos” mas também “compreendidos”.³⁵ (p. 314).

Quando Benveniste fala das expressões artísticas há, segundo Meschonnic, algumas contradições (p. 315): ele neutraliza a oposição entre semiótico e semântico quando escreve que “o artista cria sua própria semiótica”,³⁶ e ao dizer que a “arte é sempre uma obra de arte particular”³⁷, ora a obra é sempre ‘particular’ se ela é ao mesmo tempo sua semântica e sua semiótica. Para Meschonnic, isto remete à questão do sujeito da obra, sujeito do poema, sujeito específico, que não é o sujeito da enunciação *courante*; a questão da sua historicidade; a questão da sua modernidade; Todos os três formam o problema da poética. (p. 316).

³³ Benveniste, *Plg*, 2, p.65.

³⁴ Meschonnic, 1997, p. 314.

³⁵ Benveniste, *Plg*, 2, p. 64-5.

³⁶ Benveniste, *Plg*, 2, p. 58.

³⁷ Benveniste, *Plg*, 2, p. 59.

Meschonnic, como dissemos anteriormente, analisa linha a linha o texto *Sémiologie de la langue*, suas considerações são de grande valor heurístico, mas precisamos nos deter na parte dedicada à semiologia e à metassemântica.

Segundo as reflexões de Meschonnic (p.323), é uma dialética hegeliana o que Benveniste propõe no fim de *Sémiologie de la langue* para encontrar uma saída ao bloqueio da teoria da linguagem devido ao conflito entre discurso e signo. Ele acredita que Benveniste não faz um *dépassement*, mas um *déplacement* nocional por trazer conceitos novos. O conjunto permanece saussuriano, mas se opõe ao estruturalismo.

É um primeiro efeito de teoria de *Sémiologie de la langue*. Ele explica que hoje conhecemos Saussure filologicamente e podemos ver como a vulgata estruturalista alterou os conceitos saussurianos. A relação de interação entre língua e fala (transformada em dupla excludente pelos estruturalistas) não é *dépassé*, mas é retomada e substituída pelo conceito de discurso.

O que Benveniste vê como um *dépassement était dit presque entièrement au futur*, e anunciado como um duplo movimento “esta ultrapassagem se fará por duas vias”³⁸. Se a primeira via não apresenta nenhuma dificuldade, a segunda traz grandes problemas.

A primeira via resume a bipartição fundamental no interior da língua, o semântico e o semiótico. A parte que concerne ao discurso está no presente, *car le concept est acquis. Ce qui concerne le sémiotique est au futur.* (p. 323).

Porque o trabalho sobre as noções desloca os limites do conceito de língua e de todos os conceitos que dela dependem. Este trabalho não se faz sem um *doublon*³⁹ sobre o termo discurso, que foi notado por Gérard Dessons na dupla oposição de *langue à*

³⁸ Benveniste, *Plg*, 2, p. 66.

³⁹ *Doublon*: repetição errada de uma palavra, uma letra, uma linha. *Dictionnaire Larousse de poche*. Canadá: Larousse, 1991, p. 178.

discours e de *discours à récit*. Mais il s'accompagne d'un porte-à-faux⁴⁰, par un changement de sens, du coup, sur langue, par rapport à la vulgate structuraliste. (p. 323).

Toda a segunda via está no futuro. E é sobre esta via que Meschonnic situa a poética do ritmo. Ela é somente anunciada por Benveniste como um *avenir* da teoria. Em 1969, *son oeuvre s'arrêtant, Sémiologie de la langue reste un programme futur*. Mas, lembrando Saussure, o que não foi ainda descoberto está previsto, seu lugar está lá.

Entretanto, ressalta Meschonnic, *o aparelho novo de conceitos e definições*⁴¹ não está lá. Ele é ainda quase inteiramente desconhecido.

Quanto à análise translinguística — se intralinguística designa, na língua, os dois domínios semiótico e semântico — ela designa uma saída fora da língua, portanto fora do signo, pelo semântico sem semiótico, pois que se trata de 'textos, obras'⁴². Nada mais é dito desta metassemântica senão que ela tratará de obras. Ela é o trabalho do que Meschonnic chama de poética, e *qui n'a que le nom de commun avec telle ou telle stratégie formelle, neo-rhétorique des figures ou continuation de Roman Jakobson* (p.324).

Para Meschonnic (p. 324), a utopia teórica, o termo semiologia, conserva a noção de Saussure mesmo quando Benveniste declara que 'é preciso ultrapassar a noção saussuriana'. Sem dúvida para conservar o projeto de Saussure de uma semiologia geral.

Sémiologie de la langue, diz Meschonnic, *y jouerait le rôle principal*. Porque seus 'instrumentos' e seu 'método' poderão 'concorrer para o desenvolvimento de

⁴⁰Porte-à-faux: *partie d'ouvrage qui n'est pas à l'aplomb*. Fig. *En porte-à-faux: dans une situation fausse*. *Dictionnaire Larousse de poche*. Canadá: Larousse, 1991, p. 443.

⁴¹ Benveniste, *Plg*, 2, p. 65.

⁴² Benveniste, *Plg*, 2, p. 66.

outros ramos da semiologia geral.’⁴³ Foi um projeto *bien situé* (p. 324) naquele momento do estruturalismo, anos 60-70, porque a linguística era vista como ciência-piloto. Hoje, se olhamos para este projeto, o curioso é que apesar dos incrédulos a teoria da linguagem *est la visée majeure des tentatives pour penser* uma teoria do conjunto da sociedade, uma antropologia histórica da linguagem, e do sujeito.

Depois do estruturalismo linguístico, diz Meschonnic, *c’est un avenir de Saussure, par le rôle de la théorie du langage dans une théorie critique de l’art et de la société. L’avenir même de la modernité après le post-moderne.* (p. 324).

Nestas incertitudes e neste emprego do futuro, o fim de *Sémiologie de la langue* para Meschonnic não é um fim,

[...] mais l’inaccompli de la théorie répondant à l’inaccompli qui est le mode même d’activité des oeuvres. Ce qui fait qu’elles continuent. Que seules les vraies continuent. Dans leur poétique prend la poétique. Le sémantique sans sémiotique est cette double poétique, celle de l’activité des oeuvres et l’activité de les reconnaître, de les connaître. [...] Et le sémantique sans sémiotique, critère de l’art, et du sujet du poème, est lui-même le critère du rôle de l’art et de la littérature comme critère des représentations de la société (p.324-5).

Concordamos plenamente com Meschonnic quando ele diz que ‘não é um fim’, porque, para nós, é no fim que tudo começa.

Gérard Dessons, em *Pour une sémantique de l’art*⁴⁴, analisa *Sémiologie de la langue* e a partir do conceito de semântica, que para ele é central na teoria de Benveniste, explora a questão da arte. Ele destaca que a arte ocupa um lugar marginal em *Problèmes de linguistique générale*, em que não é objeto de estudo, exceção feita a *Sémiologie de la langue*, em que a arte tem uma função estratégica.

Para Dessons (p. 327), o conceito de semântica, em Benveniste, guarda dois valores: o valor técnico, um modo de significância particular, e o valor de uma

⁴³ Benveniste, *Plg*, 2, p. 66.

⁴⁴ Dessons, Gérard. Pour une sémantique de l’art. Émile Benveniste: vingt ans après. *LINX*, 1997, p. 327-33.

semântica geral, como a que Benveniste visa em seu projeto de *culturologie*, quando ele evoca “uma semântica que passa por todos os elementos da cultura e os organiza”⁴⁵.

É em *Sémiologie de la langue*, diz Dessons (p. 327), que a relação entre a arte e a significação é abordada, embora se trate exclusivamente de artes plásticas, a reflexão pode ser estendida a outras artes, como a música, que é referida por Benveniste, e a literatura, que é *l’art-langage*, da qual Benveniste não fala, *mais vers laquelle convergent pourtant ses analyses*. Dessons lembra que Benveniste⁴⁶, a propósito da pergunta — *Est-ce que le langage poétique est intéressant pour la linguistique?* responde: — *Immensément. Mais ce travail est à peine commencé.*

A *ce titre*, diz Dessons, o estudo “*Sémiologie de la langue*” *porte en creux le fondement d’une poétique qu’il n’a pas faite* (p. 327).

Dessons (p. 327-8) discute o que Benveniste (*Plg*, 2, p. 65) afirma sobre o fato de as expressões artísticas constituírem um sistema em que a significância é unidimensional, um sistema em que a semântica vive sem a semiótica. É o problema da unidade, que referimos supra. Para Dessons (p. 328), *l’unité sémantique* se definiria por contraste com a unidade semiótica, *le signe qui, non seulement transcende les réalisations individuelles, mais se présente comme un élément discret, alors que le mode sémantique se caractérise par la nature continue de ses unités. Ce qui, par parenthèse, implique l’irréductibilité de la poésie comme art aux signes qui la composent.*

Benveniste (*Plg*, 2, p. 59) diz que a cor, por comportar uma variedade ilimitada de *nuances gradables*, não pode se equivaler ao signo linguístico, então Dessons pergunta: *comment parler de la peinture, si le système de la langue est inadéquat aux systèmes des oeuvres plastiques?*

⁴⁵ Benveniste, *Structuralisme et linguistique*, *Plg*, 2, p. 25.

⁴⁶ Benveniste, *Ce langage qui fait l’histoire*, *Plg*, 2, p. 37.

Em *Émile Benveniste, l'invention du discours*⁴⁷, Dessons considera que Benveniste, ao entender homem e língua como definidores um do outro, faz uma antropologia da linguagem. Para Benveniste, diz Dessons, não é na natureza que a linguagem está, mas “na natureza do homem”⁴⁸.

Benveniste fait subir à la notion de “nature” un changement contextuel, qui implique sa réinterprétation en dehors du couple nature-culture, dans le sens d’une spécificité anthropologique. Il y a une nature de l’homme, qui peut être pensée dans un rapport de nécessité définitoire avec le langage. Le langage définit l’homme comme l’homme le langage. (p. 99).

Nesta bela obra, Dessons revisita Benveniste e não seria demais afirmar que todas as noções fundantes da enunciação aqui se encontram. Seria necessário abrir um novo capítulo para trazer a integralidade da ‘invenção do discurso’.

Roland Barthes⁴⁹ situa por volta de 1956 os primórdios franceses da Semiologia, quando ela desempenhava dupla tarefa: “de um lado, esboçar uma teoria geral da pesquisa semiológica, de outro, elaborar semióticas particulares, aplicadas a objetos, a domínios circunscritos (o vestuário, a alimentação, a cidade, a narrativa etc.)” (p. 7). Ele diz:

[...] parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou de objetos, cujos *significados* possam existir fora da linguagem. [...] o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem. [...] Essa linguagem [...] não é exatamente a dos linguistas: é uma segunda linguagem cujas unidades [...] são fragmentos mais extensos do discurso [...] remetem a objetos ou episódios que significam *sob* a linguagem, mas nunca sem ela. (p. 12).

A partir desta constatação, Barthes acredita que a Semiologia “é talvez, então chamada a absorver-se em uma *translinguística*” (p.13). A translinguística de Barthes tem a unidade de análise definida, porque sua “matéria será ora o mito, a narrativa, o artigo de imprensa, ora os objetos de nossa civilização, tanto quanto sejam *falados* (por

⁴⁷ Dessons, Gerard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: In Press, 2006.

⁴⁸ Benveniste, *Plg*, 1, p. 259.

⁴⁹ Barthes, Roland. *Elementos de semiologia*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

meio da imprensa, do prospecto, da entrevista, da conversa e talvez mesmo da linguagem interior, de ordem fantasmática” (p. 13).

É então que ele admite a possibilidade de

[...] revirar um dia a proposição de Saussure: a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística, mais precisamente a parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes* do discurso. (p.13).

Aqui estaria a possibilidade de surgir “a unidade das pesquisas levadas a efeito atualmente em Antropologia, Sociologia, Psicanálise e Estilística acerca do conceito de significação” (p. 13).

Para Barthes⁵⁰, Benveniste é merecedor dos maiores elogios. A obra de Barthes é extensa e riquíssima. A necessária seleção de seus escritos demanda método e paciência, porque cada frase é insubstituível.

Aya Ono⁵¹, em *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* (2007), estuda as inúmeras noções da teoria que se escondem no termo *enunciação*, uma delas é a noção de frase: *Nous avons vu que la notion de phrase, qui est appelée à être remplacée par celle d'énonciation, a été conçue comme une double ouverture du système de signes vers l'univers du discours.* (p. 133).

Sobre o texto *Sémiologie de la langue*, Ono, em seu capítulo *L'énonciation comme ouverture* (p. 133), analisa as duas vias pelas quais Benveniste sustenta a necessidade de ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único, e diz que a primeira via, a do discurso, se identifica ao que Benveniste chama de semântica, mas a segunda via parece *obscure, voire insolite, d'autant que le mot “métasémantique” ainsi que la locution “sémantique de l'énonciation” sont des hapax*⁵². Ela pergunta como

⁵⁰ Barthes, Roland. *Le Bruissement de la langue*. Paris:Éditions du Seuil, 1984.

⁵¹ Ono, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

⁵² *Hapax: mot ou expression dont on n'a qu'un exemple dans un corpus donné. Dictionnaire Larousse de Poche*, 1991, p. 274.

podemos compreender estas expressões às quais não temos quase nenhum acesso. Para a autora, como a metassemântica tem como base a semântica da enunciação, *on peut en inférer que l'énonciation est non seulement un interface entre sémiotique et sémantique, mais qu'elle franchit le seuil de la linguistique proprement dite pour se porter vers le "translinguistique"*. A noção não é mais apreendida nos parâmetros da linguística *standard*. (p.134).

Ainda há uma outra questão que Ono enfatiza: Benveniste elaborou a noção de enunciação a partir da frase, que é propriamente linguística, mas, no final do texto *Sémiologie de la langue*, *il souligne la fertilité potentielle de cette notion du côté du translinguistique*. Para Ono, *la dimension "acte" de l'énonciation* estando identificada, ele introduz conceitos *étrangers* à linguística, como sujeito, história e sociedade. (p.134).

A autora pergunta se a expressão *sémantique de l'énonciation* poderia ser lida como a vontade de Benveniste de aplicar a noção de enunciação a domínios mais amplos *qui tendent vers le domaine du sujet qui agit dans la société*. Ela apresenta a seguinte questão: o princípio de abertura é o universo do discurso, mas *la notion d'énonciation outrepassa celui-ci pour atteindre d'autres horizons, vers des dimensions qui "organisent" le discours*. O que a autora entende por "dimensões que organizam o discurso"? "Esta abertura não é unidimensional, mas do interesse também da antropologia, da mitologia, da narratologia ou teoria literária, e da psicologia". (p. 135).

Ono acredita que não precisamos necessariamente entender textos e obras, em *Sémiologie de la langue*, como obras literárias, isto é, objetos de linguagem, mas como atividades significantes dos homens em sua interação social. E é nesta visão que a autora entende metassemântica, *comme le texte est déjà une oeuvre sémantique*, na

qual o homem agencia suas ações, a questão do texto será tratada pela metassemântica, semântica da semântica. (p. 135).

Jean-Michel Adam⁵³ dedica algumas páginas de seu livro à “translinguística de Émile Benveniste”. Ele retoma a filiação a Saussure, a distinção que Benveniste faz entre signo e frase, as noções de nível, de forma e sentido, de semiótico/semântico. Adam entende que Benveniste divide “programaticamente o campo geral da linguística em três domínios, com a linguística da enunciação ocupando uma posição central”. De um lado, ele coloca a “Linguística do sistema” e, do outro, a “Translinguística dos textos, das obras”. A enunciação garantiria “a transição entre os dois domínios aos quais ela pertence”. (p. 39).

1.3 Inadiável enfrentar o deserto

É hora de desenharmos nosso percurso. Vimos as questões da semiologia em Benveniste e investigamos o pensamento de vários linguistas sobre semiologia e metassemântica. Agora precisamos escolher um caminho próprio. Em primeiro lugar, porque não encontramos a resposta clara nos ilustres estudiosos que foram referenciados supra. Em segundo lugar, porque a leitura da obra de Benveniste nos dá a certeza de que a metassemântica deve comportar uma abertura maior do que simplesmente texto ou obra. Neste ponto concordamos com Ono. Também acreditamos que a metassemântica, se é a poética, pensada por Meschonnic, também não é somente a poética.

Assim, considerando a nossa hipótese de que a metassemântica pode ser comparada a um jogo de dominó, decidimos procurar as 28 pedras nos escritos de Benveniste. O conhecimento que temos até agora da teoria nos faz acreditar que há

⁵³ Adam, Jean-Michel. *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

muitas pistas e que com elas construiremos uma possibilidade de análise, pelo menos uma.

Se Normand diz que lê e relê Benveniste, é também o que faremos. Em primeiro lugar, considerar que o ponto de partida é *Sémiologie de la langue*. Vimos, em 1.2, como este texto serviu a inúmeras análises. É nele que se encontra a expressão fundante da metassemântica, é uma segunda via que se ocupará de textos e obras, cuja base é a semântica da enunciação.

A semântica da enunciação tem como princípio gerador o fato de que homem e língua definem-se mutuamente, ou seja, trata-se de uma antropologia da linguagem. A língua está na natureza do homem. A partir desta premissa estudar a língua é estudar o homem na língua, enquanto indivíduo, enquanto sociedade, enquanto cultura. É mister, então, descobrir as marcas que o indivíduo, a sociedade, a cultura, deixam na língua para que possamos identificá-las, inventariá-las, classificá-las e descrevê-las.

De que modo podemos identificar as marcas? Se o homem imprime na língua seus sentimentos, ele imprime sua subjetividade e, para tal, a língua tem recursos: os indicadores de subjetividade, pronomes pessoais, “eu/tu”, primeiro ponto de apoio da subjetividade na linguagem, os demarcadores espaciais e temporais, “aqui/agora”, e seus correlatos, o verbo no presente do indicativo, que é o tempo da enunciação, como determinador do passado e do futuro em relação ao tempo presente; a não-pessoa, “ele”, convocada por “eu/tu” a fazer parte da situação de discurso, e responsável pela possibilidade de alargar o horizonte da língua enunciativa.

Há um aparelho formal de enunciação que permite a todo locutor apropriar-se da língua e, ao dizer “eu”, instituir-se como sujeito instaurando um interlocutor, “tu”, qualquer que seja seu grau de materialidade. Este mesmo aparelho nos dá o direito a perguntas, a declarações, a exclamações etc., enfim a comunicações intersubjetivas.

Falamos no homem que junto com os símbolos da língua aprende os símbolos da sociedade e da cultura. As marcas que a sociedade e a cultura deixam na vida deste homem são registradas pela língua, porque a língua é um sistema semiótico interpretante do sistema semiótico sociedade e do sistema semiótico cultura. Lemos ou escrevemos estas marcas usando os recursos que a língua oferece.

Em enunciação dizemos que a linguagem é instanciada, ou seja, o sentido da língua e a referência são cada vez únicos e dependentes do sujeito que enuncia em uma dada situação de discurso, em um dado momento enunciativo único e fugaz. A língua mostra toda a sua subjetividade em variadas formas.

Falamos de situações enunciativas em que a língua é o instrumento de comunicação, entretanto vimos em *Sémiologie de la langue*, que há sistemas semióticos não linguísticos. É claro que estes sistemas podem contar com a interpretação da língua, mas pensamos em situações de enunciação em que a língua não se apresenta: música, escultura, pantomima etc. Também são sistemas semióticos, cujos signos têm significância. Queremos entender as relações que se estabelecem entre estes sistemas linguísticos e não linguísticos. Temos certeza de que vamos chegar às tamareiras em flor.

2 O OURO SE ESCONDE EM MEIO ÀS DUNAS

Disse-me que seu livro se chamava *O livro de areia*, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim.

Jorge Luis Borges, *El libro de arena*, 1975.

Este capítulo pretende acuradamente encontrar em meio às dunas o ouro escondido. Vamos palmilhar atentamente a areia em busca de pegadas, de marcas e de vestígios que confirmem nossa hipótese, a de que a metassemântica, *um termo que cria seu próprio conceito*, é gestada, é construída e é anunciada nas linhas e entrelinhas de muitos textos de Benveniste. A vida roubada a partir de 1970 cortou-lhe o fio do discurso e a tarefa de aclarar esta outra via restou-nos como legado.

Se Saussure diz, “em linguística, as emboscadas se escondem atrás de cada locução”, dizemos, em metassemântica, as emboscadas se escondem atrás de cada parágrafo. Ao falar sobre a língua, a sociedade, a cultura e muito mais, Benveniste já nos conduz, vagarosamente, ao entendimento de que ele plantou sementes em fértil terreno e agora cabe a nós regá-las, adubá-las e vê-las florescer. Nossa intenção aqui é a de apresentar questões já conhecidas e dissecadas pelos amantes da enunciação, porém deslocando o foco para permitir que reconheçamos nos escritos, ora explícita ora

implicitamente, a via (que ultrapassa a noção saussuriana do signo como princípio único) da metassemântica.

As questões foram separadas para dar leveza à nossa caminhada heurística.

2.1 As areias se misturam nas três dunas: língua, sociedade, cultura

Iniciamos pela análise da língua⁵⁴ em sua relação com a sociedade e a cultura porque as marcas da sociedade e as da cultura na língua são importantes recursos heurísticos para a comprovabilidade, até agora empírica, de nossa hipótese.

Vimos, no capítulo 1, que um sistema semiológico se caracteriza pelo modo operatório, domínio de validade, natureza e número de signos e tipo de funcionamento; podemos depreender que estas quatro características não são as mesmas para os sistemas semiológicos língua, sociedade e cultura, logo cabem aqui dois princípios: o princípio da não- redundância entre estes sistemas e o princípio de que *il n'y a pas de signe trans-systématique* entre eles. (Plg, 2, p. 51-3).

Dos três tipos de relação elencados por Benveniste (Plg, 2, p. 60-1), não há, entre estes três sistemas, a relação de engendramento e nem a de homologia, mas sendo esta relação de natureza semiótica e determinada pela ação de um mesmo meio humano, podemos enunciá-la como uma relação entre sistema interpretante e sistema

⁵⁴ Benveniste, em *Tendances récentes en linguistique générale*, escrito em 1954, diz que a procura pelas ligações entre a língua e os outros domínios é problema de todos os tempos, citando Meillet (1866-1936), que, em 1906, escreve: “*Il faudra déterminer à quelle structure sociale répond une structure linguistique donnée et comment, d'une manière générale, les changements de structure sociale se traduisent par des changements de structure linguistique*”. Benveniste diz que houve tentativas, mas, à medida que os estudiosos tentavam comparar sistematicamente a língua e a sociedade, apareciam as discordâncias. A correspondência de uma e de outra era constantemente *troubée par le fait majeur de la diffusion*, tanto na língua como na estrutura social, visto que sociedades de cultura semelhante apresentavam línguas heterogêneas, assim como línguas vizinhas serviam para a expressão de culturas inteiramente diferentes. Se a reflexão se aprofundar, ele complementa, encontraremos os problemas inerentes à análise da língua, de um lado, da cultura, de outro, *et ceux de la “signification” qui leur sont communs*. Para Benveniste, o plano de estudos de Meillet não é irrealizável, *le problème sera bien plutôt de découvrir* a base comum à língua e à sociedade, os princípios que regem estas duas estruturas, definindo-se primeiro as unidades que, em uma e em outra, se prestariam à comparação e que ressaltariam sua interdependência. (Plg, 1, p. 14-5).

interpretado. A língua é o interpretante da sociedade e da cultura. Este é um princípio geral de hierarquia. Os signos da sociedade e os da cultura podem ser integralmente interpretados pelos signos da língua, nunca o inverso.

No texto de 1968, *Structure de la langue et structure de la société* (Plg, 2, p. 91- 102), vemos que para a língua ser o interpretante da sociedade, isto é, fazer existir o interpretado e transformá-lo em noção inteligível, a língua deve preencher duas condições *à l'égard* da sociedade:

1– A língua acolhe e nomeia todas as novidades da sociedade: a sociedade evolui, mas o interpretante deve permanecer capaz de registrar, de designar e mesmo de orientar as mudanças que sobrevêm no interpretado.

Todas as novidades que a vida social e as condições técnicas produzem são acolhidas e nomeadas pela língua, mas a estrutura da língua permanece intocável, salvo em situações violentas, como guerras ou conquistas. *La langue entoure de toute part la société et la contient dans son appareil conceptuel, mais en même temps, en vertu d'un pouvoir distinct, elle configure la société en instaurant ce qu'on pourrait appeler le sémantisme social* (Plg, 2, p. 98).

É este aspecto da língua que mais tem sido estudado pelos historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário, que resulta abundante, conserva testemunhos insubstituíveis da organização social, dos regimes políticos, dos modos de produção etc. Entretanto estes testemunhos *ne prennent tout leur prix que s'ils sont liés entre eux et coordonnés à leur référence*. [...] O estado da sociedade em determinada época *n'apparaît pas toujours reflété dans les désignations dont elle fait usage, car les désignations peuvent souvent subsister alors que les référents, les réalités désignées ont changé*.

Os melhores exemplos são os termos ‘língua’ e ‘sociedade’, porque a diversidade de referências que podemos dar a um e a outro *est le témoin justement et la condition de l’emploi que nous devons faire des formes*. O que chamamos *polysémie* é esta capacidade da língua de *subsumer* em um termo constante uma grande variedade de *types* e depois admitir a variação da referência na estabilidade da significação. (*Plg*, 2, p. 98). Como o sistema da língua muda muito lentamente e geralmente sob pressão de necessidades internas, a comunidade falante de uma língua, em condições normais, nunca será testemunha de mudanças linguísticas. Será necessário que este estado linguístico seja preservado por muitíssimas gerações de escribas para que os descendentes conheçam suas origens ou pelo menos um estágio de seu desenvolvimento;

2 – A língua é o instrumento de comunicação da sociedade: como instrumento de comunicação, a língua é e deve ser comum a todos os membros da sociedade. Benveniste (*Plg*, 2, p. 97) chama a atenção *au coeur du problème*:

[...] a língua é o instrumento mesmo da comunicação porque ela é investida de propriedades semânticas e funciona como uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua própria estrutura. A língua permite a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas. Esta propriedade única deve-se à estrutura da língua que é composta de signos, de unidades de sentido, numerosas mas sempre em número finito, que entram em combinações regidas por um código e que permitem um número de enunciações que ultrapassa qualquer cálculo, e que o ultrapassa necessariamente cada vez mais, uma vez que o efetivo dos signos vai sempre aumentando e que as possibilidades de utilização dos signos e de combinação destes signos aumentam em conseqüência. (*Plg*, 2, p. 97).

Podemos entender, então, que há duas propriedades inerentes à língua em seu nível mais profundo — a que é constitutiva *de sa nature* de ser formada *d’unités signifiantes* e a que é constitutiva *de son emploi* de poder *agencer* estes signos *d’une manière signifiante*; o elo entre estas duas propriedades é estabelecido por uma terceira propriedade, a propriedade *syntagmatique*, que combina os signos em certas regras de

consecução e somente de certa maneira. Nada pode ser compreendido, *qui n'ait été réduit a la langue*. (Plg, 2, p. 97).

Assim a língua é o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, *donc ce composé de nature et d'expérience qui s'appelle la société*. É graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Por conseguinte podemos dizer que há uma metalinguagem mas não há metassociedade. (Plg, 2, p. 97).

Talvez o dado mais profundo da condição humana seja *cet appareil symbolique*, intermediário entre o homem e o mundo e entre o homem e o homem, e que torna possível o pensamento e a linguagem. A capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano, fora da esfera biológica. *En posant l'homme dans sa relation avec la nature ou dans sa relation avec l'homme, par le truchement du langage, nous posons la société*. Este é um encadeamento necessário, porque a linguagem se realiza sempre *dans une langue*, em uma estrutura linguística *définie et particulière, inséparable d'une société définie et particulière*. (Plg, 1, p. 29). Seguindo Benveniste, os homens que decoraram as cavernas de Lascaux, no XV milênio antes da nossa era, é evidente que falavam, porque não há existência comum sem língua, embora não saibamos como falavam. Logo é tão impossível datar as origens da linguagem como as da sociedade. (Plg, 2, p. 23).

Todos nós nascemos na sociedade dos homens, aprendemos a nos comunicar, conscientizamos-nos do ambiente social a que pertencemos e que moldará o nosso espírito por meio da linguagem. À medida que nossa capacidade intelectual se desenvolve, vamos nos integrando à cultura que nos rodeia. Cada língua e cada cultura

empregam um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. (*Plg, 1, p. 30*).

E queremos ressaltar que quando falamos em língua e sociedade não é língua como idioma empírico, histórico, (língua chinesa, portuguesa etc.) e nem sociedade como dado empírico, histórico, (sociedade chinesa, portuguesa etc.) que nos interessam, mas língua enquanto sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação, e sociedade enquanto coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens. (*Plg, 2, p. 94*).

Portanto falamos de língua e sociedade que estão, por assim dizer, imbricadas, porque ambas são para os homens realidades inconscientes, representam o meio natural e a expressão natural, isto é, *ceux qui ne peuvent pas être conçus comme autres qu'ils ne sont et qui ne peuvent pas être imaginés absents*; não conseguimos conceber língua e sociedade separadamente; elas são sempre herdadas e não podem ser mudadas pela vontade dos homens (*Plg, 2, p. 94*), portanto são *données*, e ao mesmo tempo *appries* pelo ser humano, que não possui delas o conhecimento inato. A aquisição da língua é uma experiência que se dá concomitantemente com a formação do símbolo e a construção do objeto. (*Plg, 1, p. 29*).

A faculdade de simbolizar é inerente à condição humana, é *la faculté de représenter le réel par un signe et de comprendre le signe comme représentant le réel, donc d'établir un rapport de signification entre quelque chose et quelque chose d'autre*. (*Plg, 1, p. 26*). A faculdade simbolizante vai nos permitir a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. Essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem, é próprio do homem e faz do homem um ser racional. Desperta

cedo na criança, antes da linguagem, na aurora da sua vida consciente. Mas falta ao animal. (*Plg*, 2, p. 97).

Embora considere muito importantes as experiências do professor de Zoologia da Universidade de Munique, Karl von Frisch, realizadas ‘há uns trinta anos’ (*Communication animale et langage humain* data de 1952) sobre o comportamento das abelhas, Benveniste (*Plg*, 1, p. 56-62) acredita que a comunicação entre as abelhas não pode ser igualada à linguagem humana.

Von Frisch examinou paciente e exaustivamente em uma colmeia transparente o processo de comunicação entre as abelhas, quando uma delas volta carregada de pólen. Assim que o pólen é absorvido pelas companheiras, a abelha seguida pelas outras executa danças. Benveniste (*Plg*, 1, p. 57) diz *c’est ici le moment essentiel du procès et l’acte propre de la communication*. Na verdade são dois tipos de dança, uma circular e a outra em forma de ‘oito’.

Foram necessárias milhares de experiências até o professor conseguir entender que as danças indicam a distância que separa o alimento da colmeia. A dança em círculo significa que o alimento está em um raio de cem metros ao redor da colmeia. As abelhas se espalham ao redor e encontram o alimento.

A dança em ‘oito’ mostra que a distância é maior do que cem metros e a direção do alimento: a distância é marcada pelo número de ‘oitos’ que a abelha descreve em determinado tempo e varia na razão inversa da frequência: por exemplo, dez ‘oitos’ em quinze segundos equivalem a cem metros, sete são duzentos metros, quatro e meio correspondem a um quilômetro e dois significam que as abelhas precisarão andar seis quilômetros.

Quanto mais lenta é a dança maior é a distância. A direção do alimento é mostrada pelo eixo do ‘oito’ em direção ao sol, isto é, a inclinação do eixo para a direita

ou para a esquerda indica o ângulo de alinhamento do local do alimento com o sol. As observações de von Frisch foram repetidas por outros zoólogos na Europa e nos Estados Unidos e confirmadas em aproximadamente quatro mil experiências.

As conclusões dos zoólogos revelaram-se de suma importância para os estudos da psicologia animal, pois as abelhas são capazes de registrar relações de posição e de distância, de conservá-las na “memória”, de comunicá-las simbolizando-as por diversos comportamentos somáticos, [...] *elles manifestent une aptitude à symboliser: il y a bien correspondance ‘conventionnelle’ entre leur comportement et la donée qu’il traduit.* (Plg, 1, p. 59). Seguindo as palavras de Benveniste (Plg, 1, p. 60), as abelhas preenchem as condições sob as quais a linguagem é possível, isto é, a capacidade de formular e de interpretar um ‘signo’ que remete a uma certa ‘realidade’, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la; [...] a situação e a função são as de uma linguagem, pois o sistema é válido no interior de uma determinada comunidade em que cada membro dessa comunidade tem aptidões para empregá-lo ou compreendê-lo nos mesmos termos.

Entretanto a linguagem humana é muito mais. A primeira diferença diz respeito ao aparelho vocal, a mensagem das abelhas é a dança, é gestual; daí decorre a segunda diferença, de ordem física, a comunicação gestual necessita de luz, a vocal não. Na comunicação humana há diálogo enquanto entre as abelhas há apenas uma mensagem que provoca uma certa conduta. No diálogo é possível produzir mensagens ao infinito, mensagens de mensagens, entre as abelhas a informação é sempre a mesma, o local do alimento. *Le caractère du langage humain est de procurer un substitut de l’expérience apte à être transmis sans fin dans le temps et l’espace, ce qui est le propre de notre symbolisme et le fondement de la tradition linguistique.* (Plg, 1, p. 60-1).

As diferenças dizem respeito também ao conteúdo das mensagens: para as abelhas é sempre o alimento, para nós não há limite. E o simbolismo da mensagem das

abelhas? É sempre particular, refere-se a uma única situação possível de mensagem, sem nenhuma variação. E, o mais importante, a mensagem das abelhas não se deixa analisar, não podemos decompor o conteúdo nos seus ‘morfemas’, entretanto há análises na linguagem humana e há combinações livres segundo regras definidas em que podemos tudo dizer. Benveniste (*Plg, I*, p. 62) conclui que o modo de comunicação empregado pelas abelhas não é uma linguagem é um código de sinais.

E aqui *on peut montrer plus précisément où est la différence qui sépare l’homme de l’animal. Prenons d’abord grand soin de distinguer deux notions qui sont bien souvent confondues quand on parle ‘du langage animal’*: o sinal e o símbolo. O sinal é um fato físico que se liga por uma relação natural ou convencional a outro fato físico. Vemos sinais de tempestade nos relâmpagos, sinal de que é meio-dia no sino que tange as badaladas etc. O animal percebe e reage ao sinal, é treinado, Pavlov demonstrou eficazmente tal situação. *L’homme aussi, en tant qu’animal, réagit à un signal*. Entretanto, eis a diferença, o homem inventa e compreende símbolos e o símbolo não tem relação natural com o que simboliza. O animal obedece à palavra, mas não a interpreta como símbolo, ‘exprime’ suas emoções mas não as ‘nomeia’, nos meios de expressão empregados pelos animais não há começo ou aproximação com a linguagem. (*Plg, I*, p. 27).

Entre la fonction sensori-motrice et la fonction représentative, il y a un seuil que l’humanité seule a franchi. Car l’homme n’a pas été créé deux fois, une fois sans langage, et une fois avec langage. L’émergence de Homo dans la série animale [...] est due avant tout à sa faculté de représentation symbolique, source commune de la pensée, du langage et de la société. (Plg, I, p. 27).

Para um pesquisador que dedicou sua vida à linguagem, talvez tenha causado muita estranheza a questão das abelhas, e talvez esta tenha sido a razão de seu artigo tão minucioso, tentando realmente esclarecer a diferença entre a linguagem humana e a comunicação animal. Benveniste chama a atenção para o limiar que só a humanidade

transpôs, a faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. O simbolismo é recorrente em suas reflexões e voltaremos a ele muitas vezes.

É hora, porém, de deixarmos as abelhas em suas danças e olharmos detidamente para os ensinamentos de Benveniste. No estudo da relação entre *Structure de la langue et structure de la société*, nosso autor (Plg, 2, p. 100) diz que recorreu principalmente ao mecanismo que permite à língua tornar-se o denominador, o interpretante das funções e das estruturas sociais. Entretanto ele completa o seu pensamento

Mais au-delà on entrevoit certaines analogies moins visibles entre les structures profondes, les fonctionnements même de la langue et les principes fondamentaux de l'activité sociale. Ce sont là des comparaisons encore sommaires, des homologues larges dont il faudrait pousser beaucoup plus loin la théorie pour les rendre fructueuses, mais je les crois nécessaires et fondées. Je ne peux donner ici qu'une première approximation en désignant trois notions essentielles. (Plg, 2, p. 100).

Acreditamos que há qualquer coisa oculta atrás daquela duna, talvez seja uma emboscada. Vejamos mais de perto, porém cautelosamente. O que é que se esconde em:

- a) certas analogias menos visíveis entre as estruturas profundas, o próprio funcionamento da língua e os princípios fundamentais da atividade social,
- b) comparações ainda sumárias e homologias amplas,
- c) seria preciso levar muito mais longe a teoria para torná-las frutuossas.

Façamos, no entanto, uma curva e sigamos mais uns passos, talvez desvendemos o que há na tocaia: Benveniste (Plg, 2, p. 100-2) dá uma primeira aproximação entre língua e sociedade designando três noções essenciais – *la langue peut être envisagée à l'intérieur de la société comme un système productif*:

- d) a língua produz sentido, graças à sua composição de significação e ao código que condiciona *cet agencement*;
- e) a língua produz indefinidamente enunciações, graças a certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, *des formes, des schèmes de formation*;

f) a língua cria objetos linguísticos que são introduzidos no circuito da comunicação. (*La communication devrait être entendue dans cette expression littérale de mise en commun et de trajet circulatoire*). (Plg, 2, p. 100-1).

Se a língua é entendida no interior da sociedade como um sistema produtivo, estamos então no terreno da economia. Saussure mostrou muitas analogias entre as noções de economia e *celles qu'il fondait, qu'il énonçait, qu'il organisait pour la première fois dans le processus de la communication linguistique*. Saussure nos ensinou que a economia, como a língua, é um sistema de *valeurs*, e ligada à noção de valor está a noção de *l'échange*.

Podemos fazer analogia com a troca paradigmática na língua. O eixo paradigmático, em sua relação com o eixo sintagmático, se caracteriza pela possibilidade de troca de um termo pelo outro, de uma função pela outra, enquanto *une valeur* de uso sintagmático. Saussure comparou a relação salário-trabalho à relação significante-significado porque dos dois lados há *une valeur* em jogo e porque os dois membros deste binômio são de natureza totalmente diferente e *rapprochés* em uma relação arbitrária. Embora Benveniste não concorde plenamente com a homologia estabelecida entre a relação salário-preço, salário-trabalho, e a relação significante-significado, ele diz que se trata aqui menos de exemplo particular e mais do entendimento sobre a maneira de aplicar certas noções comuns à língua e à sociedade.

Prestemos atenção ao que Benveniste diz (Plg, 2, p. 101): [...] *en vue d'une élaboration future*, é suficiente trazer à reflexão estas três noções de base que fornecem o meio de ultrapassar o quadro tradicional que coloca língua e sociedade uma ao lado da outra. Da relação entre língua e sociedade *peuvent émerger des analogies profondes sous les discordances de surface*. Os traços comuns do funcionamento da língua e da sociedade deverão ser descobertos na prática social, no exercício da língua, na relação

de comunicação inter-humana, *car l'homme est encore et de plus en plus un objet à découvrir, dans la double nature que le langage fonde et instaure en lui.*(Plg, 2, p. 102).

Repetindo, para encadear o raciocínio, o que vimos em a, b, c: Benveniste diz que para tornar frutuosas as comparações, que ainda são sumárias, e as homologias, que ainda são amplas, é preciso levar a teoria mais longe. Ele fala também em elaboração futura, em emergência de analogias profundas, em prática social e exercício da língua para descobrir os traços comuns que existem quando se trata do funcionamento da língua e o da sociedade.

Nós então nos indagamos, será que nesta emboscada não estará oculta uma possibilidade de abertura da teoria à formação de um novo ponto de vista que criará novo objeto de análise? Será que tornar mais visíveis as analogias, apreender as comparações e resgatar as homologias, no exercício da língua, não nos levará necessariamente ao confronto destas questões em um outro paradigma, para tanto levando a teoria mais longe, isto é, além da análise intralinguística? Não nos esqueçamos: *c'est là le dernier niveau que notre analyse atteint, celui de la phrase [...].* (Plg, 1, p. 128).

Novas perquirições nos esperam e voltaremos a estes pontos suspensos e sem ainda a definitiva conclusão. Se até aqui abordamos mais detidamente a relação entre língua e sociedade, agora é preciso entender como as areias da língua e as da cultura se misturam.

Benveniste (Plg, 1, p. 30) *appelle culture le milieu humain, tout ce qui, par-delà l'accomplissement des fonctions biologiques, donne à la vie et à l'activité humaines formes, sens et contenu. La culture est inhérente à la société des hommes, quel que soit le niveau de civilisation.*

Em uma entrevista concedida a Pierre Daix em 1968, (Plg, 2, p. 11-28), Benveniste encadeia uma reflexão a partir das noções de semiótico e de semântico que nos interessa. Vamos repetir o que já sabemos de cor para chegar à sua conclusão, que é o importante aqui e agora.

Ele diz que há duas modalidades de sentido, semiótico e semântico; o signo saussureano é a unidade semiótica, quer dizer a unidade dotada de sentido. Neste domínio, é reconhecido o que tem um sentido; todas as palavras que se encontram em um texto em francês, para os falantes de francês, têm sentido. *Mais il import peu qu'on sache quel est ce sens et on ne s'en préoccupe pas. Le niveau sémiotique, c'est ça: être reconnu comme ayant ou non un sens. Ça se définit par oui, non.* (Plg, 2, p. 21).

O semântico é *le sens résultant de l'enchaînement, de l'appropriation à la circonstance et de l'adaptation des différents signes entre eux. Ça c'est absolument imprévisible. C'est l'ouverture vers le monde.* O semiótico pode ser determinado isoladamente, por exemplo, em francês, a palavra *rôle* tem sentido. E *ril* tem? Em francês não. Eis o nível semiótico, que é muito diferente de distinguir “*le rôle* da ciência no mundo”, ou “*le rôle* de um ator”, ou “*le rôle* do signo”, que é o nível semântico, o qual é preciso compreender e distinguir. É neste nível semântico que se manifestam os 80 sentidos do verbo *faire* ou do verbo *prendre*. Trata-se, pois, de duas dimensões *tout à fait* diferentes. (Plg, 2, p. 21-2).

Et si on ne commence pas par reconnaître cette distinction, je crains qu'on reste dans le vague. Mais c'est là encore une vue qui m'est personnelle, qui reste à démontrer. Nous avons à élaborer peu à peu tout un corps de définitions dans cet immense domaine, lequel ne comprend pas seulement la langue. Et cela m'amène à la culture. La culture est aussi un système distinguant ce qui a un sens, et ce qui n'en pas. Les différences entre les cultures se ramènent à cela. (Plg, 2, p. 22).

Abrimos aqui pequeno parêntese: em 1966, ele aborda a distinção semiótico/semântico em *La forme et le sens dans le langage*, e, dois anos depois, na entrevista de 1968, ele mostra a pertinência da distinção, entretanto ele enfatiza que é

um ponto de vista pessoal, precisa ser demonstrado, as definições serão elaboradas pouco a pouco neste imenso domínio que não se limita apenas à língua, mas o leva à cultura.

Ora, em 1969, ele escreve *Sémiologie de la langue*, e o domínio semântico é visto como uma das vias de *dépassement* do signo saussuriano, e a elaboração da metassemântica como a outra via. Entre 1968 e 1969, talvez Benveniste tenha elaborado algumas definições e seu ponto de vista pessoal estivesse a ponto de ser demonstrado. Se fizermos um paralelo entre o que Benveniste diz no final de *Sémiologie de la langue* – “esta será uma semiologia de segunda geração, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral”⁵⁵ – e “imenso domínio que não compreende somente a língua, mas também a cultura”, não veremos aqui uma outra emboscada?

Se a língua é um sistema semiológico, e aqui Benveniste já aponta para uma semiologia de segunda geração, e sendo a cultura também um sistema semiológico, este imenso domínio que abarca a língua e a cultura e, conseqüentemente a sociedade, não poderia ser pensado como um projeto amplo, e, aqui repetimos, levando a teoria mais longe, isto é, além da análise intralíngua? Outras considerações de Benveniste nos ajudarão a completar o raciocínio. Agora fechamos o parêntese.

Retomando o pensamento (supra) de Benveniste (*Plg*, 2, p. 22), a cultura é um sistema que distingue o que tem sentido e o que não tem. Ele traz um exemplo que não é linguístico, a cor branca: para: para nós é a cor da alegria, da luz, da juventude, e para os chineses é a cor do luto. Da articulação entre uma certa cor e um certo comportamento temos um valor inerente à vida social. *Tout cela s'intègre dans un réseau de différences* (lembramos Saussure), o branco e o preto não têm o mesmo valor no ocidente e no

⁵⁵ Benveniste, *Plg*, 2, p. 66.

orientes. *Tout ce qui est du domaine de la culture relève au fond de valeurs, de systèmes de valeurs. D'articulation entre les valeurs.* (Plg, 2, p. 22). Ampliando esta noção, as tradições, a religião, as leis, a política, a ética, as artes formam um conjunto de representações organizadas por um código de relações e de valores que se impregna em nossa consciência e dirige nosso comportamento. (Plg, 1, p. 30).

Estes valores – dados herdados pela língua – que se imprimem na língua são difíceis de vir à luz, tendo em vista que a língua não se transforma na mesma velocidade que a cultura. É o que faz *l'éventail sémantique*. (Plg, 2, p. 22). Por exemplo “homem honesto” é uma concepção que remonta ao classicismo enquanto “sou seu homem” refere-se ao feudalismo, expressões que denotam a estratificação da cultura. *Dans notre culture d'aujourd'hui s'intègre toute l'épaisseur d'autres cultures. C'est en cela que la langue peut être révélatrice de la culture.* (Plg, 2, p. 23). É pela língua que o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. A cultura nos prende em noções, prescrições, interdições; *ce qu'une culture interdit la caractérise au moins autant que ce qu'elle prescrit.* (Plg, 1, p. 30).

Este fenômeno humano, a cultura⁵⁶, é um fenômeno inteiramente simbólico. Assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. (Plg, 1, p. 30).

⁵⁶ Benveniste em *Tendances récentes en linguistique générale*, escrito em 1954, fala sobre o estudo da impressão cultural na língua, que, na prática, se limita ao léxico. Ele ressalta que neste estudo já não é da língua que se trata, mas da composição do seu vocabulário, matéria muito rica e, apesar das aparências, muito pouco explorada. Para Benveniste, a dificuldade consiste em separar de uma massa crescente de fatos empíricos as constantes que permitiriam construir uma teoria da significação lexical, já que estes fatos empíricos são um desafio constante a toda previsibilidade. A ação das “crenças” sobre a expressão apresenta várias questões, como a importância do tabu linguístico, as modificações das formas linguísticas para indicar a atitude do falante em relação às coisas de que fala, a hierarquia cerimonial das expressões focalizando a ação complexa dos comportamentos sociais e dos condicionamentos psicológicos no uso da língua. (Plg, 1, p. 15).

Em 1963, o desenvolvimento dos estudos de linguística abre novas perspectivas e esclarece *le fonctionnement profond de l'esprit dans ses démarches opératoires: approfondissant la nature du langage, décelant ses relations avec l'intelligence comme avec le comportement humaine ou les fondements de la culture.* (Plg, 1, p. 30).

Ciências vizinhas acompanham o desenvolvimento da linguística e se inspiram em seu método e muitas vezes em sua terminologia, *ces recherches parallèles engendreront de nouvelles disciplines, et concourront à une véritable science de la culture qui fondera la théorie des activités symboliques d l'homme.* (Plg, 1, p. 30). Estas investigações inovadoras levam a crer *que le caractère foncier de la langue*, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem *la culture.* (Plg, 1, p. 43- 4).

Emboscada à vista! Vemos que todos os verbos são futuros ‘as pesquisas paralelas engendrarão [...] e concorrerão [...]’ então ‘uma verdadeira ciência da cultura fundará a teoria das atividades simbólicas do homem’.

Benveniste (Plg, 2, p. 26) reforça esta ideia de que há uma apropriação pelas outras ciências do modelo de pesquisa linguístico, e fala em *culturologie, si ce terme est admis*, embora des *modèles qui ne seront pas nécessairement à imiter mécaniquement [...]*.

O que nos interessa enfatizar aqui é que a faculdade de simbolizar é recorrente tanto entre as dunas da língua, como entre as da sociedade e as da cultura. Nas palavras de Benveniste: é definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura. (Plg, 1, p. 30).

Vamos, a cada emboscada, tentando apreender o que se esconde na cilada oculta. E se as marcas na areia foram nos levando ao encontro do ouro, nós acreditamos que a

possibilidade de elaborar uma metassemântica, tarefa legada por Benveniste, esta elaboração passa necessariamente pela teoria das atividades simbólicas do homem.

Vimos, no capítulo 1, a dificuldade de se estabelecer a unidade de análise nos sistemas semiológicos não-verbais, como a cultura. E agora Benveniste (*Plg*, 2, p. 25-6) nos explica que sendo o mecanismo da cultura um mecanismo de caráter simbólico, damos sentido a certos gestos, não damos nenhum a outros, no interior de nossa cultura e geralmente não sabemos por que é assim. Seria necessário, portanto, identificar os elementos de nossa cultura, decompô-los e depois classificá-los. Este trabalho ainda não foi feito. *Il y faut une capacité d'objectivation qui est assez rare*. Talvez impossível, nós diríamos. Mas se este trabalho fosse feito, Benveniste acredita que poderíamos ver *qu'il y a comme une sémantique qui passe à travers tous ces éléments de culture et qui les organise – qui les organise à plusieurs niveaux*. (*Plg*, 2, p. 25).

Precisaríamos levar em conta também o valor que se dá a certas imagens: *la hiérarchie qu'on établit entre des valeurs nouvelles*. A importância hoje de questões que há trinta ou sessenta anos nem eram pautadas: a noção de juventude não tinha o mesmo sentido que tem hoje. Há um deslocamento completo de sentidos e este deslocamento atinge todos os elementos materiais ou não da cultura, o costume, *la tenue jusqu'aux fins dernières de la vie*. (*Plg*, 2, p. 26). A hierarquia, a ação recíproca destes valores, e conseqüentemente os modelos que são propostos, os objetos desejados, tudo se desloca no interior de nossa cultura *et n'a pas rien de commun en 1910 ou en 1930 et en 1960*.

Queremos concluir esta parte trazendo uma questão importante. Benveniste (*Plg*, 1, p. 44) diz que os fenômenos próprios ao meio humano sempre são reconhecidos como duplos porque eles sempre se ligam a outra coisa, qualquer que seja o seu 'referente'. Um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo

diferente. Nas palavras de Benveniste, no dia em que uma ciência da cultura tomar forma, fundar-se-á provavelmente sobre este caráter primordial e elaborará as suas dualidades próprias a partir do modelo que Saussure deu para a língua, sem se submeter necessariamente a ele. Nenhuma ciência do homem escapará a essa reflexão sobre o seu objeto e sobre o seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, pois o homem não nasce dentro da natureza mas dentro da cultura. E se Benveniste diz isso *c'est que tout enfant et à toutes les époques, dans la préhistoire la plus reculée comme aujourd'hui, apprend nécessairement avec la langue les rudiments d'une culture.*⁵⁷ (Plg, 2, p. 24).

2.2 Uma antropologia da linguagem

Em 2.1 vimos que as areias das três dunas, língua, sociedade e cultura, misturam-se de tal maneira que não há possibilidade de, separadamente, datar suas origens. É hora de apresentar o personagem central destes três sistemas semióticos, aquele que nasce na língua, na sociedade e na cultura e aprende e apreende os signos semióticos durante toda a sua vida. *C'est un homme parlant que nous trouvons dans le monde, un homme parlant à l'autre homme, et le langage enseigne la définition même de l'homme.* (Plg, 1, p. 259). Entender o homem na língua⁵⁸ significa identificar as

⁵⁷ Lembramos nosso amado Michel Bréal (1832-1915), quando diz “a língua oferece a matéria do primeiro ensinamento em qualquer país, na antiguidade como em nossos dias, na China e na Índia, como em Atenas e em Roma. Bréal, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992, p. 163.

⁵⁸ Lembramos nosso querido Michel Bréal (1832-1915) em sua bela maneira de colocar o homem na língua: “Se é verdade, como se pretendeu, algumas vezes, que a linguagem é um drama em que as palavras figuram como atores e em que o agenciamento gramatical reproduz os movimentos dos personagens, é necessário pelo menos melhorar essa comparação por uma circunstância especial: o produtor intervém frequentemente na ação para nela misturar suas reflexões e seu sentimento pessoal, não à maneira de Hamlet, que, mesmo interrompendo seus atores, permanece alheio à peça, mas como nós mesmos fazemos no sonho, quando somos ao mesmo tempo espectador interessado e autor dos acontecimentos. Esta intervenção é o que proponho chamar *o aspecto subjetivo da linguagem*.” (Bréal, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992, p. 157).

marcas de suas reflexões ou de seus sentimentos por meio de índices específicos que vão desenhando nas areias o mapa de sua subjetividade.

A língua se apresenta aos falantes sob duas possibilidades: 1- no discurso, em que eles dispõem de um mesmo sistema de referências pessoais, que é a possibilidade do diálogo, da correferencialidade, das relações intersubjetivas, isto é, a língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso, manifestação da língua na comunicação viva; 2- no sistema, em que os signos estão paradigmaticamente à espera de se atualizarem no discurso, pois constituem um conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas. (*Plg, 1*, p. 130).

Estes sistemas diferentes, semiótico e semântico, se superpõem na língua tal como a utilizamos, mas são separados teoricamente para que possam ser estudados em suas especificidades. Esta distinção foi proposta pela primeira vez, em 1966, em *La forme et le sens dans le langage*, e Benveniste diz que, neste texto de 1966, *on y verra l'aboutissement de l'analyse présentée antérieurement sous le titre de Niveaux de l'analyse linguistique*, escrito em 1962. (*Plg, 2*, p. 63). É no texto de 1969, *Sémiologie de la langue*, que Benveniste estabelece os dois tipos de análise, intralinguística e translinguística, como dimensões de significância a partir do semântico, *désormais distincte de celle qui est liée au signe, et qui sera sémiotique*. (*Plg, 2*, p. 66). O que queremos destacar é que esta dicotomia é, por necessidade e não por contingência, o berço da teoria da enunciação, embora desde o nascimento tenha recebido codinomes, como, por exemplo, *forma e função, sintaxe e discurso* etc. Se ficarmos atentos às reflexões do excelente herdeiro do mestre Saussure, esta dicotomia nos aparecerá amiúde.

Como é a instância de discurso o lugar em que o homem deixa suas pegadas, Benveniste, falando sobre forma e função na língua, enfatiza que a diferença entre as duas, forma e função, só é percebida no exercício da língua, na instância de discurso. Trazemos três exemplos:

1-Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e *inventoriées* nas descrições, mas suas funções só aparecem claramente quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem. [...] duas categorias fundamentais do discurso, [...] necessariamente ligadas, (são) a de pessoa e a de tempo. (*Plg*, 2, p. 67).

2- Todas as nossas descrições linguísticas consagram um lugar frequentemente importante ao ‘emprego das formas’, [...] um conjunto de regras fixando as condições *syntactiques* nas quais as formas podem ou devem aparecer, *pour autant qu’elles relèvent d’un paradigme qui recense les choix possible*. [...] As condições de emprego das formas não são [...] idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as escrever e de as interpretar. O emprego das formas, parte necessária de toda descrição, tem dado lugar a um grande número de modelos, tão variados quanto os tipos linguísticos dos quais eles procedem. A diversidade das estruturas linguísticas, tanto quanto sabemos analisá-las, não se deixa reduzir a um pequeno número de modelos, que compreendem sempre e somente os elementos fundamentais. Ao menos dispomos assim de certas representações muito precisas, construídas por meio de uma técnica comprovada. *Tout autre chose est l’emploi de la langue*. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, *si nécessaire qu’il échappe à la vue*. (*Plg*, 2, p. 79-80).

3- No debate [...] sobre a natureza dos pronomes, temos o hábito de considerar estas formas linguísticas como formando uma mesma classe, formal e funcionalmente. [...] os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes *selon le mode de langage dont ils sont les signes*. Uns pertencem à sintaxe da língua, os outros são característicos do que chamaremos *les instances de discours*, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor.⁵⁹ (*Plg*, 1, p. 251).

Com esta introdução queremos chegar à noção de subjetividade, cujo pressuposto é a noção de intersubjetividade. Estas noções pertencem ao discurso, ou, melhor dizendo, só existem a partir do momento em que a língua é colocada em

⁵⁹ Benveniste diz: [...] “é ao mesmo tempo original e fundamental que estas formas ‘pronominais’ não remetam à *la ‘réalité’* nem a posições ‘*objectives*’ no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, *et réfléchissent ainsi leur propre emploi*.” (*Plg*, 1, p. 254).

funcionamento por um ato individual de utilização, o ato de enunciar. Antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade de língua e, depois da enunciação, a língua *est effectuée en une instance de discours* [...]. (Plg, 2, p. 80-1). E precisamos entender que estamos diante de ultrapassagens necessárias. Para ultrapassar a noção do signo saussuriano como princípio único, Benveniste concedeu à língua dois modos de significância, semiótico e semântico. A língua, no entanto, pretendeu outras concessões, alegou sua necessidade de ir além do limite dado pela primeira via de ultrapassagem, para que pudesse exibir toda a magnitude de sua significância. Então a enunciação, cujos estudos têm privilegiado a análise intralinguística⁶⁰, acolheu os anseios da língua e ampliou seu horizonte abraçando todo o deserto.

Nosso estudo entende que um dos atalhos para elaborar uma metassemântica, ou, para encetarmos uma análise translinguística, seria aquele marcado pela subjetividade nas dunas da língua. Como a subjetividade se apoia em índices específicos, os indicadores de dêixis ou indicadores de subjetividade, — os signos vazios⁶¹ —, que são as formas conhecidas em gramática como pertencentes às classes gramaticais, por exemplo, pronomes, adjetivos, conjunções, advérbios e *les temps verbaux dont la forme axiale, le présent*, coincide com o momento da enunciação (Plg, 2, p. 83), é, a seguir, destes indicadores que tratamos.

Vimos, em 2.1, as estreitas relações que se estabelecem no entrecruzar das areias das três dunas, língua, sociedade e cultura. E concordamos plenamente com Benveniste quando ele apresenta a situação paradoxal da língua *à l'égard de la société*: a língua

⁶⁰ Para o estudo de análises intralinguísticas na teoria da enunciação de Benveniste, sugerimos: FLORES et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶¹ Benveniste diz: “A importância de sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu este problema criando um conjunto de signos ‘vazios’, não referenciais com relação à ‘realidade’, sempre disponíveis, e que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância de discurso. Desprovidos de referência material, não podem ser mal empregados; não afirmando nada, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. O seu papel consiste em fornecer o instrumento de uma conversão, a que se pode chamar a conversão *du langage en discours*.” (Plg, 1, p. 254).

que é *l'émanation irréductible du soi le plus profond dans chaque individu est en même temps une réalité supraindividuelle et coextensive à la collectivité tout entière*, coincidência entre a língua como *réalité objectivable, supraindividuelle*, e a produção individual do falante. A língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que lhe permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o funcionamento duplo do discurso — subjetivo e referencial: a distinção entre “eu” e “não-eu” presente em todas as línguas, sociedades ou épocas. (*Plg*, 2, p. 99).

Como o falante julga que a fala emana dele e volta a ele, cada falante se determina como sujeito à *l'égard de l'autre ou des autres*. (*Plg*, 2, p. 98). E aqui aos caracteres da linguagem humana, que vimos em 2. 1, — natureza imaterial, funcionamento simbólico, organização articulada, conteúdo —, queremos acrescentar uma noção fundamental à teoria: *c'est dans et par le langage que l'homme se constitue comme sujet; [...] la capacité du locuteur à se poser comme sujet est la subjectivité*. (*Plg*, 1, p. 259). A subjetividade se define como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas *qu'elle assemble*, e que assegura a permanência da consciência. *Est ego qui dit ego*. Eis aqui o fundamento *de la subjectivité*, *qui se détermine par le statut linguistique de la personne*. (*Plg*, 1, p. 260). Mas a consciência de si mesmo só é experimentada por contraste, entre “eu” e “não-eu”, distinção operada por índices especiais, constantes na língua *et qui ne servent qu'à cet usage*, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam dupla oposição: “eu”/ “tu” e “eu-tu”/ “ele”. (*Plg*, 2, p. 99).

A primeira oposição “eu/tu” é exclusivamente humana, empregada fora do meio humano apenas em casos de licença poética, código pessoal ou religioso. A segunda oposição “eu-tu”/ “ele” opõe a pessoa à não-pessoa⁶² e fundamenta a possibilidade do

⁶² Vejamos como Bréal considera as pessoas. Ele diz: “O homem ao falar está tão longe de considerar o mundo como observador desinteressado que se pode julgar, ao contrário, que a parte que ele se dá a si mesmo na

discurso sobre o que está fora da alocação “eu/tu”. Temos aqui o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua. (*Plg*, 2, p. 99).

No texto de 1946, *Structure des relations de personne dans le verbe*, Benveniste fala em *corrélacion de personnalité opposant les personnes je/tu à la non-personne il*, e *corrélacion de subjectivité, intérieure à la précédente et opposant je à tu*. (*Plg*, 1, p. 235).

As pessoas “eu/tu” apresentam como características a unicidade e a inversibilidade. O “eu” que enuncia, o “tu” ao qual o “eu” se dirige são cada vez únicos⁶³; o que “eu” define como “tu” pode inverter-se em “eu”, e “eu” se transformar em “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma destas pessoas e “ele”, a “não-pessoa”. (*Plg*, 1, p. 230). O que diferencia “eu” de “tu” é que “eu” é interior ao enunciado e exterior a “tu”, mas este exterior não suprime a realidade humana do diálogo; quando *je sors de moi* para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um “tu”, que é, fora de mim, a única *personne* imaginável. Estas qualidades de interioridade e de transcendência pertencem particularmente ao “eu” e se invertem em “tu”. Podemos definir o “tu” como a *personne non-subjective*, em face da *personne subjective* que “eu” representa; estas duas pessoas se oporão juntas à “não-pessoa”, “ele”. (*Plg*, 1, p. 232).

Abrimos aqui um parêntese para falar da “não-pessoa”, “ele”, que não é indicador de subjetividade. Benveniste sempre sublinhou a diferença entre a parte

língua é desproporcionada. Sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar *primeira*). Desse modo ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda pessoa ela não nos distancia ainda muito de nós mesmos, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da língua.” (Bréal, op. cit., p. 161).

⁶³ Benveniste diz: “Se cada locutor, para exprimir o sentimento que tem da sua subjetividade irredutível, dispusesse de um *indicatif* distinto (no sentido em que cada estação radiofônica emissora possui o seu *indicatif* próprio) haveria praticamente tantas línguas quantos indivíduos, e a comunicação se tornaria estritamente impossível. A língua previne este perigo instituindo um signo único, porém móvel, “eu”, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância de seu próprio discurso. Este signo está, pois, ligado à *l'exercice du langage* e declara o locutor como tal. É esta propriedade *qui fonde* o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta *le langage entier*.” (*Plg*, 1, p.254).

subjativa da linguagem representada pelas pessoas “eu”-“tu”, e a parte não-subjativa representada pela “não-pessoa”, “ele”. No texto de 1946, *Structure des relations de personne dans le verbe*, (Plg, 1, p. 225-36), e no texto de 1956, *La nature des pronoms*, (Plg, 1, p. 251-7), ele diz:

Há sempre três pessoas e não há senão três. Entretanto o caráter sumário e não-linguístico de uma categoria assim proposta deve ser denunciado. Quando alinhamos em uma ordem constante e sobre um plano uniforme *des personnes* definidas pela sua sucessão e relacionadas à *ces êtres* que são “eu”, “tu” e “ele”, nós apenas transpomos para uma teoria pseudolinguística diferenças *de nature lexicale*. Estas denominações não nos informam nem sobre a necessidade da categoria, nem sobre o conteúdo que ela implica, nem sobre as relações que reúnem as diferentes pessoas. É preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las senão pelo que as diferencia. (Plg, 1, p. 226). [...] Nas duas primeiras pessoas há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre esta pessoa. “Eu” designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre “eu”: dizendo “eu” não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por “eu” e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e ao mesmo tempo “eu” enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora de “eu-tu”; esta forma é *ainsi exceptée* da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. A legitimidade desta forma como *personne* é questionada. A forma dita de terceira pessoa comporta realmente uma indicação de enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não referida à *une personne spécifique*. O elemento variável e propriamente *personnel* destas denominações falta aqui. [...] a “terceira pessoa” não é uma “pessoa”; é inclusive a forma verbal que tem por função exprimir a “não-pessoa”. (Plg, 1, p. 228). Na classe formal dos pronomes, os chamados de “terceira pessoa” são inteiramente diferentes de “eu” e “tu” pela sua função e pela sua natureza. “Eu” e “tu” se referem à situação cada vez única do discurso [...], “ele”, a “não-pessoa” é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que remetem a uma situação “objetiva”. (Plg, 1, p. 255). O que é preciso considerar como distintiva da “terceira pessoa” é a propriedade 1- de se combinar com qualquer referência de objeto; 2- de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3- de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4- de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como *aquí, agora* etc. (Plg, 1, p. 256-7).

Para os enunciados que são do domínio da terceira pessoa, e que não se referem à instância de discurso, mas aos objetos *réels*, aos tempos e lugares *historiques*, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem à sintaxe da língua. Daí as correlações como *eu: ele; aquí: lá; agora: então; hoje: no mesmo dia; ontem: na véspera; amanhã: no dia seguinte; na próxima semana: na semana seguinte; há três dias: três dias antes* etc. A própria língua revela a profunda diferença entre estes dois

planos. (Plg, 1, p. 253-4). Entretanto estes dois planos convivem na língua em uso. A linguagem em exercício se produz por necessidade em instâncias discretas, necessidade que faz da língua um conjunto de instâncias pessoais e não pessoais (Plg, 1, p. 255), assim em nossa comunicação intersubjetiva, quando “eu” se apropria da língua e institui “tu”, “ele” também é trazido para o discurso, pois *la forme “ il” tire sa valeur de ce qu’elle fait nécessairement partie d’un discours énoncé par “ je”*. (Plg, 1, p. 265).

A diferença entre enunciação “subjativa” e enunciação “não-subjetiva” aparece *en pleine lumière*, quando se percebe a natureza da oposição entre as “pessoas” do verbo. Há verbos que denotam por seu sentido um ato individual de alcance social, como “eu juro”, “eu prometo”, diferente de “ele jura”, “ele promete”; enquanto “eu juro” é um compromisso, “ele jura” é apenas uma descrição. *Il faut garder a l’esprit que a “terceira pessoa” é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) qui ne renvoie pas a uma pessoa, porque ela se refere a um objeto colocado fora da alocação. Mais elle n’existe et ne se caractérise que par opposition à la personne “je” du locuteur qui, l’énonçant, la situe comme “non-personne”*. (Plg, 1, p. 265).

Em 1970, com *L’appareil formel de l’énonciation*, muda o lugar epistemológico da não-pessoa no quadro enunciativo, e a referência é a questão axial a determinar esta mudança. Entre a enunciação subjativa, cujos indicadores de subjetividade, representados por “eu-tu-aqui-agora” e todos os seus correlatos, e a enunciação não-subjetiva, representada pela “não-pessoa”, “ele”, há um marco divisório que é o modo de referência. Quando se trata do mundo subjetivo, a referência é sempre o discurso, enquanto no mundo não-subjetivo a referência não é o discurso, porque a “não-pessoa” é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não remetem a elas mesmas, mas que predicam o processo *de n’importe qui ou n’importe quoi*,

exceto a própria instância, *ce n'importe qui ou n'importe quoi pouvant toujours être muni d'une référence objective*. (Plg, 1, p. 255-6).

O que muda a partir de 1970, com o texto *L'appareil formel de l'énonciation?* Benveniste, visionário de grandes horizontes para a linguística, em suas reflexões sobre a linguagem e a língua, entre os anos de 1946 e 1970, acreditava que *de longues perspectives s'ouvrent à l'analyse des formes complexes du discours, à partir du cadre formel esquissé ici*. (Plg, 2, p. 88). Prestemos bastante atenção em 'formas complexas do discurso': não há aqui uma feliz emboscada? Raciocinemos enunciativamente: em 1969, em *Sémiologie de la langue*, Benveniste considera que as análises intralinguísticas são do domínio do discurso, o semântico, e ele não acrescenta nenhum qualificativo a discurso. (Plg, 2, p. 66). Ora, em 1970, em *L'appareil formel de l'énonciation*, ele prevê "amplas perspectivas para a análise das formas complexas do discurso". (Plg, 2, p. 88). Por que complexas? O discurso apresenta-se, então, em formas complexas e em formas simples? A que tipo de análise ele se refere? Tudo leva a crer que aqui ele quis complementar o que havia dito em 1969, quando fala em semiologia de "segunda geração", e, com "análise das formas complexas", mostrava-nos o caminho para uma análise translinguística.

É por isso que insistimos em falar que o texto de 1969, já amplamente comentado, e o de 1970 acarretam mudanças epistemológicas na teoria. Lendo atentamente seus ensinamentos, perscrutando suas frases, entendemos que, a partir de 1970, a língua não mais é dividida entre parte subjetiva e não-subjetiva. Ele diz:

Coisa bem diferente é o emprego da língua. Trata-se aqui de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. A dificuldade é apreender este grande fenômeno, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido. A enunciação é *cette mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation*. (Plg, 2, p. 80). [...] Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, *chez le locuteur, le besoin de référer par le discours, et, chez l'autre, la possibilité de co-référer*

identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor *un co-locuteur*. A referência é parte integrante da enunciação. (*Plg*, 2, p. 82).

Nas palavras de Benveniste podemos destacar:

1- o mecanismo afeta a língua inteira, ou seja, não há mais separação entre parte subjetiva e parte não-subjetiva. A língua da enunciação, a partir deste texto, repousa seu olhar benevolente sobre a “não-pessoa”, entendendo que sua ausência impossibilitava conhecer todo o deserto. Havia uma separação, à primeira vista irreconciliável, entre areias subjetivas – sob a tutela de “eu-tu” e todos os seus correlatos, os signos vazios responsáveis pela conversão da linguagem em discurso e pela subjetividade na linguagem – e areias não-subjetivas – marcadas pela “não-pessoa”, “ele”. Se considerarmos, por oposição, como bons estruturalistas, que a “não-pessoa” é o que o par “eu-tu” não é, concluímos que na “não-pessoa” cabe porção tão grande e tão significativa quanto ao par “eu-tu”, pois a sociedade, a cultura, a lei, a ordem, a vida, são o “ele”, a “não-pessoa”, de quem o par “eu-tu” fala em situação de discurso;

2- a referência faz parte da enunciação, portanto não há mais referência à situação de discurso e referência à situação objetiva. Cada vez que o locutor se apropria da língua em um ato de discurso, tudo ficará sob a responsabilidade de *ego* e tudo terá referência no discurso. A “não-pessoa” faz parte da enunciação.

Fechamos o parêntese.

A linguagem é marcada tão profundamente pela expressão da subjetividade que, *si autrement construit*, talvez ela não pudesse funcionar e se chamar linguagem. (*Plg*, 1, p. 261). E ele está falando realmente da linguagem e não somente de línguas particulares. *Mais les faits des langues particulières, qui s'accordent, témoignent pour le langage: les pronoms personnels*,⁶⁴ que existem em todas as línguas. *Une langue sans*

⁶⁴ Benveniste, em texto de 1965, *L'antonyme et le pronom en français modern*, faz um estudo sobre as duas séries de pronomes pessoais em francês: a série combinada *je, tu, il*; e a série autônoma *moi, toi, lui*.

expression de la personne ne se conçoit pas. (Plg, 1, p. 261). Os pronomes pessoais são le premier point d'appui pour cette mise au jour de la subjectivité dans le langage. (Plg, 1, p. 262). Estes pronomes se distinguem de todas as designações que a língua articula, porque eles não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo, les pronoms personnels échappent au statut de tous les autres signes du langage, porque se referem à instância de discurso. A realidade a qual eles remetem é a realidade do discurso. Il est donc vrai à la lettre que le fondement de la subjectivité est dans l'exercice de la langue. (Plg, 1, p. 262).

Todo o homem *se pose* em sua individualidade *en tant que* “eu” *par rapport a* “tu” e “ele”: eis aqui uma estrutura de oposições linguísticas inerente ao discurso. (Plg, 2, p. 67). Sempre que o pronome “eu” aparece em um enunciado evocando –

Benveniste diz que, em seu emprego atual, alguns autores pretendem caracterizar as duas séries em seu valor *d'insistance* ou de *relief* próprio a *moi* e ausente em *je*. “Este valor não é uma causa, é um efeito, resulta de uma função sintática. A definição de Pichon e Damourette opõe *je, personne tenue, a moi, personne étoffée*. Estes termos recobrem concepção *stylistique ou impulsive*, e a distinção só poderia ser admitida se houvesse livre escolha ou possibilidade de troca entre as duas séries de pronomes nas mesmas posições. Isto jamais acontece na língua francesa. É preciso, portanto, um exame da distribuição dos dois pronomes *je et moi*. A série *je* é a forma sempre combinada do pronome, na asserção, anteposto à forma verbal, e, na interrogação, posposto. Com exceção do imperativo e das formas nominais do verbo, nenhuma forma verbal pode ser empregada sem pronome em francês. Na terceira pessoa, *il, elle*, o pronome é sempre permutável: com um substantivo, *La nuit vient*; com um nome próprio, *Pierre vient*; com um pronome de outra classe, *Qui vient?* A série do pronome autônomo comporta muitas características: 1- Este pronome designa a pessoa sintática e pode, como tal, *s'employer seul*: ‘Qui est là? – *Moi*’; ou ‘*Moi, j'aime marcher, lui non*’. 2- admite um aposto identificador: ‘*Moi, Pierre*’; ‘*moi, le facteur*’. 3- serve de antecedente a um pronome pessoal combinado que, sozinho, pode se unir a um verbo: ‘*Moi, je pense que...*’. 4- serve de antecedente a um pronome relativo: ‘*moi, qui suis...*’. 5- serve como forma predicativa: ‘*c'est moi. – c'est moi qui l'ai fait*’. 6 – combina-se com todas as preposições: ‘à *moi*; chez *toi*; avec *lui* etc.’. 7- por intermédio das preposições, combina-se com diversos adjetivos: ‘digne de *moi*; pareil à *toi*’. 8- pode ser seguido por advérbios: ‘*moi aussi*’ e por certos adjetivos: ‘*moi même; toi seul; nous autres; vous tous*’. 9- coordena-se, anteposto ou posposto, com outros pronomes autônomos: ‘*moi et toi*’; com nomes próprios: *moi et Pierre*; com substantivos: *moi et mes amis*’. Nenhum destes traços pode ser estendido a *je*. Os traços distintivos, funcionais e sintáticos, da série pronominal autônoma se encontram em totalidade na classe dos nomes próprios. Nome próprio é a marca convencional de identificação social que designa constantemente e de maneira única um indivíduo único. À semelhança e à diferença do nome próprio social, *Moi* é, na instância de discurso, a designação *autique* (própria) daquele que fala: *c'est son nom propre de locuteur*, aquele nome pelo qual um falante, sempre e somente ele, se refere a si próprio enquanto falante, denominando *TOI* aquele que está diante de si, e denominando *LUI* aquele que está fora do diálogo”. Este *nom propre de locuteur*, que se realiza sempre e somente no ato de fala e que todo falante assume por sua conta pessoal, Benveniste propõe o termo ‘antônimo’ (*antonyme* vem do grego *ἀντωνυμία*, traduzido em latim por *pronomen*). Benveniste identifica com o termo ‘antônimo’, *antonyme*, a série autônoma *moi, toi, lui*, distinta da série combinada *je, tu, il, elle*. Benveniste (Plg, 2, p. 197-214) explicita esta distinção em belas páginas, concluindo que a terceira pessoa é essencialmente diferente da primeira e da segunda em seu estatuto, sua função e distribuição de suas formas, e que especialmente nos antônimos e pronomes, o singular e o plural na terceira pessoa podem nem mesmo ser simétricos. (Plg, 2, p. 198-214).

explicitamente ou não – o pronome “tu” para se opor *ensemble* a “ele”, uma experiência humana se instaura *à neuf* e desvela o instrumento linguístico que a funda: distância *à la fois infime et immense* entre o dado e sua função, pois estes pronomes, “eu”, “tu”, ensinados nas gramáticas e ofertados como os outros signos igualmente disponíveis, de dado transformam-se em função, quando alguém pronuncia “eu”, e este pronome “eu”, elemento de um paradigma, é transformado em uma designação única e produz a cada vez uma nova pessoa.⁶⁵ *C’est l’actualisation d’une expérience essentielle, dont on ne conçoit pas que l’instrument puisse jamais manquer à une langue.* (Plg, 2, p. 68). Esta condição se estende a todos os indicadores de subjetividade, cujo estatuto se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, que eles são produzidos por este acontecimento individual e, se podemos dizer, *semel-natif*.⁶⁶ (Plg, 2, p. 83).

A condição, porém, da subjetividade na língua é a intersubjetividade, porque ao dizer “eu” o locutor assume a língua e *il implante l’autre en face de lui*, e queremos ressaltar, *quel que soit le degré de présence qu’il attribue à cet autre.* (Plg, 2, p. 82).

Para Benveniste:

[...] *le langage re-produit la réalité*, literalmente falando: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e, através deste discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e a do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, o ato de discurso representa a realidade, para o ouvinte, recria a realidade. Isto faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (Plg, 1, 25).

⁶⁵ Para Bréal, “os pronomes são o que há de mais móvel na linguagem, pois eles não estão jamais definitivamente vinculados a um ser, viajam continuamente. Há tantos *eu* quanto os indivíduos que falam. Há tantos *tu* quanto os indivíduos a quem eu possa me dirigir. Há tantos *ele* quanto os objetos reais ou imaginários que o mundo contém. Os pronomes são [...] a parte mais antiga da linguagem. Como o *eu*, cujo lugar tem tanto destaque para a maioria dos homens, poderia não ter uma expressão para se designar?” (Bréal, op. cit., p. 132).

⁶⁶ *Semel*, do Latim, advérbio numeral, significa “uma vez”. Valente, Padre Milton. *Gramática Latina para o Ginásio*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1949, p. 35.

A intersubjetividade é noção primeira, pressuposta, epistemologicamente, pela noção de subjetividade. A intersubjetividade se marca na língua pela relação de oposição pessoa eu/ pessoa não-eu, distinção necessária à noção de unicidade de cada uma das pessoas. Esta unicidade se apresenta em uma relação complementar, que é intrínseca à relação de subjetividade – há pessoa subjetiva porque há pessoa não-subjetiva, relação que pode inverter-se. A Teoria da Enunciação de Benveniste tem como fundamento a noção de intersubjetividade [...]. (Flores et al., 2009, p. 146).

Uma dialética singular é *le ressort* desta subjetividade:

La langue pourvoit les parlants d'un même système de références personnelles que chacun s'approprie par l'acte de langage et qui, dans chaque instant de son emploi, dès qu'il est assumé par son énonciateur, devient unique et nonpareil, ne pouvant se réaliser deux fois de la même manière⁶⁷. Mais hors du discours effectif, le pronom n'est qu'une forme vide, qui ne peut être attachée ni à un objet ni à un concept. Il reçoit sa réalité et sa substance du discours seul. (Plg, 2, p. 68).

Nossa língua, felizmente, além dos pronomes pessoais, é pródiga em indicadores de subjetividade⁶⁸, os dêiticos, referidos anteriormente, — denominados pronomes

⁶⁷ Quando Benveniste diz “ato de linguagem que [...] se torna único e sem igual não podendo se realizar duas vezes da mesma maneira”, lembramos nosso amado Saussure (1857-1913): “Quando, em uma conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Messieurs!*, temos o sentimento de que se trata toda vez da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas *très appréciables – aussi appréciables que celles qui servent ailleurs à distinguer des mots différents* (cf. *pomme*(maçã) et *paume*(palma), *goutte*(gota) et *je goûte*(eu gosto), *fuir*(fugir) et *fouir*(cavar) etc); *en outre*, este sentimento de identidade persiste, *bien qu'au point de vue sémantique* não haja tampouco identidade absoluta *d'un Messieurs!* à *l'autre, de même qu'un mot* pode exprimir ideias bastante diferentes sem que sua identidade fique seriamente comprometida (cf. *adopter une mode et adopter un enfant, la fleur du pommier et la fleur de la noblesse* etc.)”. (CLG, p. 150-1).

⁶⁸ Para Bréal, “o aspecto subjetivo é representado: 1- por palavras ou membros de frase; 2- por formas gramaticais; 3- pelo plano geral de nossas línguas. Uma quantidade de advérbios, de adjetivos, de membros de frase, que intercalamos (nas frases) são reflexões, sentimentos ou apreciações do narrador. Expressões como *sem dúvida, talvez, provavelmente, seguramente*, marcam a maior ou menor confiança daquele que fala. Todas as línguas possuem uma provisão de advérbios desse gênero: quanto mais voltamos no passado mais os encontramos. O grego é largamente provido deles. Contentemo-nos em lembrar essa variedade de partículas das quais a prosa de Platão está repleta e que servem para dar nuança às impressões ou às intenções dos interlocutores. (H, μήν, τοί, πού, ίσως, δή, τάχα, άρα, νύν). Podemos compará-las a gestos feitos *en passant* ou a olhares inteligentes lançados para o ouvinte. [...] A trama da linguagem é continuamente tecida por essas palavras. Se me ocorre formular um silogismo, as conjunções que marcam os diferentes membros do meu raciocínio dizem respeito à parte subjetiva. Elas fazem apelo ao entendimento, elas o tomam como testemunho da verdade e do encadeamento dos fatos. Elas não são, pois, da mesma ordem que as palavras que me servem para expor os próprios fatos.” (Bréal, op. cit., p. 157-8).

possessivos, demonstrativos, adjetivos, advérbios, verbo⁶⁹ —, que organizam as relações espaciais e temporais *autour du sujet pris comme repère*. (Plg, 1, p. 262).

Benveniste insiste:

La “*forme verbale*” é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre e necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência deste ato. Não pode comportar nenhuma forma virtual e “objetiva”. Se o verbo é usualmente representado pelo seu infinitivo como entrada de léxico para inúmeras línguas, isto é pura convenção; o infinitivo em língua é totalmente diferente da metalíngua lexicográfica. Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa etc. resultam desta atualização e desta dependência em face da instância de discurso, principalmente o “tempo” do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal. (Plg, 1, p. 255).

Antes de prosseguirmos com os indicadores de subjetividade, já que estamos falando das formas verbais, não podemos deixar de referir o belo trabalho de análise que Benveniste faz sobre derivados verbais, apresentando os verbos que são derivados de locuções, ou seja, de instâncias de fala. Nós conhecemos de longa data os deverbativos e os denominativos, entretanto em 1958, ele escreve *Les verbes délocutifs*, ressaltando que “o termo dado como título a este artigo não é ainda corrente em linguística”. (Plg, 1, p. 277).

Sabemos que as análises de Benveniste são extremamente minuciosas. Somente de um verbo, o verbo latino *salutare*, ele escreve três páginas, com inúmeros exemplos, e a genialidade deste mestre está em sua metodologia, que sempre conduz à lógica enunciativa (é preciso reduzir *salutare* não a *salus*, como signo nominal, mas a *salus* como locução de discurso). (Plg, 1, p. 277).

Das línguas modernas, ele diz:

⁶⁹ Nas palavras de Bréal: “É no verbo que a trama entre os elementos subjetivos e os não-subjetivos é mais visível. Para os gramáticos gregos, os modos verbais servem para marcar as disposições da alma (διαθέσεις ψυχής); é no modo imperativo que o elemento subjetivo se mostra mais fortemente, porque ele une à ideia da ação a ideia da vontade daquele que fala. É o tom de voz, é o aspecto da fisionomia, é a atitude do corpo que são encarregados de expressá-la.” (op. cit., p. 159-60).

Etant donné que le terme de base est pris en quelque sorte comme nom de la notion, et non comme expression de la notion, as línguas modernas guardam a possibilidade de construir um delocutivo sobre uma partícula, com a condição de que esta possa ser empregada como locução. Por exemplo, em inglês, *to hail* é “gritar *hail!*”, *to encore* é “gritar *encore!*”, no americano, *to okey, to yes*, é “assentir”, em francês, *bisser* é “gritar *bis!*”. (*Plg, I*, p. 281).

O tempo/espço é exíguo para o aprofundamento destas análises tão ricas, por isso registramos apenas *le trait essentiel et signalétique* de um delocutivo⁷⁰:

1- “estar com a sua base nominal na relação ‘dizer...’, e não na relação ‘fazer...’, que é própria do denominativo”;

2- “esta classe nos mostra um signo da língua derivando de uma locução de discurso e não de um outro signo da língua”;

3- “consequentemente, os delocutivos, no momento em que são criados, são sobretudo verbos que denotam atividades de discurso”;

4- “sua estrutura e as razões que os chamam à existência lhes garantem uma posição totalmente particular entre as outras classes de derivados verbais”. (*Plg, I*, p.285).

Continuamos com os indicadores de subjetividade.

Os pronomes possessivos⁷¹, “meu”, “teu” etc., serão sempre signos vazios fora da realidade do discurso, alcançam, porém, sua plenitude a partir do momento em que, assumidos por *ego*, sua referência é a situação cada vez única da enunciação.

Os pronomes demonstrativos, “este”, “aquele” etc., índices de ostensão, indicam os objetos e organizam o espaço a partir de um ponto central, que é *ego*, segundo categorias variáveis: o objeto está longe ou perto de mim ou de ti, em frente ou atrás, em cima ou embaixo, visível ou invisível, conhecido ou desconhecido etc. Este sistema

⁷⁰ Embora seja “o traço”, nós o organizamos em quatro itens, para que a noção fique mais clara.

⁷¹ Para Bréal, “os pronomes *eu* e *tu*, *meu* e *teu*, que, mudando de boca em boca, se transpõem de um a outro, contêm a primeira lição de psicologia das crianças”. (op. cit., p. 163).

de coordenadas espaciais pode localizar qualquer objeto em qualquer campo, *une fois que celui qui l'ordonne s'est lui-même désigné comme centre et repère*. (Plg, 2, p. 69).

O advérbio “aqui” (*hic*), ou seus correlatos, ao ser assumido por *ego*, situa os corpos em um espaço que é reinventado a cada ato enunciativo; cada vez que alguém toma a palavra, cria-se um espaço novo ainda não habitado, é o espaço linguístico, que se define e se ordena como função do discurso e está ligado organicamente ao exercício da fala; “aqui” (*hic*) é o fundamento das oposições espaciais da língua, e constitui os espaços do *não-aqui*, portanto o único espaço inerente à linguagem é o espaço axial do discurso, que é sempre implícito e que determina os outros. O espaço do discurso funciona como fator de intersubjetividade. (Fiorin, 2001, p. 263).

O advérbio “agora” (*nunc*), ou seus correlatos, delimita a instância temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém “eu”. (Plg, 1, p. 253).

De todas as formas linguísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão rica quanto aquelas que exprimem *le temps*. (Plg, 2, p. 69). No texto de 1965, *Le langage et l'expérience humaine*, Benveniste fala do tempo linguístico, do tempo físico e do tempo crônico. Como nosso interesse momentâneo é o tempo linguístico, falaremos sobre ele e apenas *en passant* sobre os outros. Benveniste diz que a temporalidade não é um quadro inato do pensamento, ela é produzida na e pela enunciação. É da enunciação que procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. *Le présent est proprement la source du temps*. O presente formal apenas explicita o presente inerente à enunciação renovado em cada situação de discurso. (Plg, 2, p. 83).

A língua deve, por necessidade, ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente a situação de discurso. (Plg, 2, p. 74). O tempo linguístico igual ao

espaço linguístico, tem de singular o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala e de se definir e de se organizar como função do discurso. *Ce temps a son centre – un centre générateur et axial ensemble – dans le présent de l’instance de parole.* (Plg, 2, p. 73). O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente constitui *la ligne de partage* entre dois momentos, engendrados pelo presente e inerentes ao exercício da fala: 1- o momento em que o acontecimento já não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e é evocado pela memória; 2- o momento em que o acontecimento ainda não é presente, *va le devenir et surgit en prospection*. Os tempos não-presentes, o passado e o futuro, sempre explicitados na língua, não estão no mesmo nível do tempo que o presente; a língua não os situa no tempo segundo sua posição própria, mas como pontos para frente ou para trás *à partir du présent.* (Plg, 2, p. 74).

Benveniste explica:

Le temps du discours n’est ni ramené aux divisions du temps chronique ni enfermé dans une subjectivité solipsiste. Il fonctionne comme un facteur d’intersubjectivité, ce qui d’unipersonnel qu’il devrait être le rend omnipersonnel. La condition d’intersubjectivité permet seule la communication linguistique. (Plg, 2, p. 77).

Le temps physique do mundo é “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.” (Plg, 2, p. 70).

Le temps chronique é

[...]. o tempo dos acontecimentos e engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. Nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar.[...] O calendário é exterior ao tempo. Ele não o acompanha. Ele registra as séries de unidades constantes, denominadas dias, que se agrupam em unidades superiores, semanas, meses, anos.[...] O tempo crônico fixado em um calendário é estranho ao tempo vivido e não pode coincidir com ele. (Plg, 2, p.70).

Queremos concluir esta parte destacando algumas questões importantes sobre enunciação e intersubjetividade.

O falante se inclui como sujeito em seu discurso e como participante de uma sociedade com quem estabelece relações no espaço e no tempo, que vão definir os modos de sua enunciação. (*Plg, 2, p. 99*). Ao enunciar, durante toda a vida, o falante inventa sua própria língua e cada vez de diferentes maneiras. (*Plg, 2, p. 18*). Quando ele diz ‘bom dia’ todos os dias, *c’est chaque fois une réinvention*. Ele fabrica sua língua e fabrica suas frases, porque nas frases o importante é a organização do conjunto completo, *l’arrangement original*, e não os elementos constitutivos. (*Plg, 2, p. 19*).

A partir do momento em que se trata do homem que fala, o pensamento reina e o homem *est tout entier dans son vouloir parler, il est sa capacité de parole*. (*Plg, 2, p. 19*). Pode-se presumir, diz Benveniste (*Plg, 2, p. 19*), que há uma organização mental própria do homem, e que lhe dá a capacidade de reproduzir certos modelos, mas variando-os infinitamente. Como os modelos se encadeiam? Que leis permitem passar de uma estrutura sintática a outra, de um tipo de enunciado a outro? Como as frases positivas se transformam em negativas? Como uma expressão formulada através de verbo ativo pode se transformar em formulação passiva? Trata-se aqui da língua como organização e do homem como capaz de organizar sua língua. (*Plg, 2, p. 20*).

Para Benveniste (*Plg, 1, p. 266*), se noções da linguística e da psicologia fossem compreendidas a partir da língua em uso, ou seja, da língua assumida pelo homem que fala, em seu quadro discursivo, *et dans la condition d’intersubjectivité*, única condição que torna possível a comunicação linguística, talvez aparecessem sob luz diferente. A intersubjetividade é vista por Benveniste como ‘condição’ da experiência humana inerente à linguagem. Esta experiência se reflete na língua.

A intersubjetividade tem sua temporalidade, seus termos, suas dimensões. Eis refletida na língua a experiência de uma relação primordial, constante,

indefinidamente reversível, entre o falante e seu parceiro. Em última análise é sempre ao ato de fala no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem. (*Plg*, 2, p. 78).

2.3 O horizonte é o limite?

Sucintamente, apenas para relembrar: em 2.1, vimos a relação entre língua, sociedade e cultura, e, em 2.2, tratamos dos indicadores de subjetividade. Agora nossa pesquisa se detém em alguns escritos endereçados a plateias de não linguistas. Benveniste desvela aos ouvintes a linguagem e a língua em suas roupagens diversas, suas máscaras, seus mistérios. Todavia ele acentua a necessidade do método, a necessidade de que toda a investigação sobre a linguagem e a língua se conduza com um rigor exaustivo, levando em conta o que a linguagem tem de eminentemente distintivo - ela se estabelece sempre em dois planos, significante e significado.

Se em 1954, os estudos linguísticos se tornam difíceis porque os linguistas percebem *que la langue est un complexe de propriétés spécifiques à décrire par des méthodes qu'il faut forger*, constatando que há um esforço para submeter a linguística a métodos rigorosos, para banir, ou quase, as construções subjetivas, o apriorismo filosófico (*Plg*, 1, p. 16), oito anos depois a mesma questão é dita de outro modo : eis que surge o problema que persegue toda a linguística moderna, a relação “forma-sentido” que muitos linguistas gostariam de reduzir a uma só noção de “forma” mas sem conseguir libertar-se de seu correlato, o “sentido”. Quantos caminhos foram percorridos a fim de *éviter, ignorer ou expulser le sens?* Tudo foi inútil: *cette tête de Méduse est toujours là*, no centro da língua, fascinando os que a contemplam. (*Plg*, 1, p. 126).

É a fascinação por Benveniste que nos move. Ele conseguiu exhibir *cette tête de Méduse* em belíssimos escritos, que a exiguidade da pesquisa nos permite apenas trazer

excertos, suficientes, porém, para que reconheçamos, no desenho, no qual ele cria seu objeto de pesquisa, a possibilidade de a enunciação abraçar todo o deserto almejando a uma semiologia de *deuxième génération*. Ele deixa o recado: Há com frequência, sem que todos os linguistas a vejam claramente, uma opção preliminar que determina a posição do objeto e a natureza do método. (*Plg, 1, p. 17*).

Em um belo texto de 1954, *Tendances récentes en linguistique générale*, (*Plg, 1, p. 3-17*), escrito para o *Journal de Psychologie*, ele fala sobre o rápido desenvolvimento da linguística nos últimos decênios, seu extenso domínio e o aumento quantitativo de sua produção, *tel qu'un gros volume de bibliographie annuelle ne suffit pas à la recenser*. (*Plg, 1, p. 3*). Entretanto a multiplicação destes trabalhos apenas mascara as transformações profundas que sofrem *la méthode et l'esprit* da linguística desde alguns decênios, e os conflitos que a dividem hoje. (*Plg, 1, p. 4*). Ele amplia seu pensamento:

Quand on a ouvert les yeux à l'importance de l'enjeu et aux conséquences que les débats présents peuvent avoir pour d'autres disciplines aussi, on est tenté de penser que les discussions sur les questions de méthode en linguistique pourraient n'être que le prélude d'une révision qui engloberait finalement toutes les sciences de l'homme. (*Plg, 1, p. 4*).

Queremos dar realce às suas palavras porque vemos aqui uma emboscada: em 1954, há a referência a outras disciplinas e a discussões sobre o método em linguística como a possibilidade de englobar finalmente todas as ciências do homem. Este **finalmente**, para nós, é muito importante, (grifo nosso), porque em 1969, quinze anos mais tarde, em *Sémiologie de la langue*, ele se refere “aos instrumentos e ao método de uma semiologia de ‘segunda geração’ com vistas a outras ramificações da semiologia geral”. (*Plg, 2, p. 66*). O que é possível depreender: tanto em 1954 com em 1969, o método⁷² em linguística, e conseqüentemente em semiologia, é referência para

⁷² O *Cours* apresenta a linguística sincrônica e a linguística diacrônica opostas em seus métodos: “a sincrônica conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e por conseguinte um único método que consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e

“englobar finalmente todas as ciências do homem” e para “desenvolver outras ramificações da semiologia geral”.

Neste texto de 1954, ele se preocupa com a predominância de um tipo de estudo, *ces dernières années*, que privilegia a descrição sistemática, parcial ou total, de uma língua particular, com uma preocupação técnica que jamais havia sido tão minuciosa. (*Plg*, 1, p. 10). Exige-se de uma descrição que ela seja explícita e coerente e que a análise seja conduzida somente em virtude de critérios formais, *sans égard à la signification*.

Estes princípios são afirmados sobretudo na América, onde foram origem de muitas discussões. Benveniste cita Zellig S. Harris, que, *dans un livre récent, Methods in structural linguistics* (1951), produziu uma espécie de codificação. O que os partidários deste método apresentam efetivamente é um método de transcrição e de decomposição material aplicado a uma língua que seria representada por um conjunto de textos orais e cuja significação o linguista ignoraria. Benveniste diz: *Souignons bien cette caractéristique qui, plus encore que la technicité particulière des opérations, est propre à la méthode*: admite-se, por princípio que a análise linguística, para ser científica, *doit s'abstraire de la signification et s'attacher* unicamente à definição e à distribuição dos elementos. As condições de rigor impostas ao processo exigem *qu'on élimine cet élément insaisissable, subjectif, inclassable*, que é a significação ou o sentido. Nas palavras de Benveniste, a relação entre a forma e o sentido é então reduzida à relação entre a expressão linguística e a situação, nos termos da doutrina

suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. A diacrônica, pelo contrário, deve distinguir duas perspectivas: uma, prospectiva, que acompanhe o curso do tempo, e outra, retrospectiva, que faça o mesmo em sentido contrário; a prospectiva corresponde ao curso verdadeiro dos acontecimentos; é a que se emprega necessariamente para escrever um capítulo qualquer de Linguística histórica, para desenvolver qualquer ponto da história de uma língua. O método consiste unicamente em criticar os documentos de que se dispõe. Mas em um grande número de casos, esta maneira de praticar a Linguística diacrônica é insuficiente ou inaplicável; a retrospectiva exige um método reconstrutivo que se apoia na comparação. Quanto mais numerosos forem os termos de comparação, mais precisas serão tais induções, e elas rematarão – se os dados forem suficientes – em verdadeiras reconstruções”. (*C.L.G.*, p. 127-8/105-6, e p. 291-2/ 247-8).

behaviorista, e a expressão poderá ser ao mesmo tempo resposta e estímulo. A significação se reduz praticamente a um condicionamento linguístico. (*Plg, 1, p. 11*).

Benveniste cita textualmente Harris:

Não há presentemente nenhum método para medir as situações sociais e para identificar unicamente as situações sociais como compostas de partes constituintes, de tal maneira que *nous puissions diviser l'énoncé linguistique survenant dans cette situation sociale*, ou que a ela corresponde, em segmentos que corresponderão às partes constituintes da situação. Não podemos presentemente confiar em nenhuma subdivisão natural ou cientificamente controlável do campo semântico da cultura local, *parce qu'il n'existe pas en ce moment de technique pour une telle analyse complète de la culture en éléments discrets*; ao contrário, é a linguagem que é uma de nossas principais fontes de conhecimento sobre a cultura (ou sobre “o mundo da significação”) de um povo e sobre as distinções ou divisões que aí são praticadas. (Harris, apud *Plg, 1, p. 12*).

Benveniste alerta para o perigo: Este método pode se generalizar e a linguística não poderá jamais reunir-se a nenhuma das outras ciências do homem nem da cultura. (*Plg, 1, p. 12*). Vemos aqui seu receio de que este método se propague e ao mesmo tempo seu anseio por uma ciência que reúna linguística, homem e cultura.

É preciso entender que a segmentação do enunciado em elementos discretos não leva a uma análise da língua assim como a segmentação do universo físico não leva a uma teoria do mundo físico. Muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização podem ser concebidos, mas todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, *est informé de signification, que c'est par là qu'il est structuré*, e que esta condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos. É difícil conceber o que resultaria de uma segmentação da cultura em elementos discretos. Em uma cultura, como em uma língua, há um conjunto de símbolos cujas relações ainda precisam ser definidas. Benveniste pergunta: *Pourra-t-on dégager dans l'appareil de la culture des structures formelles du type de celles que M. Lévi-Strauss a introduites dans les systèmes de parenté?* Ele responde: *C'est le problème de l'avenir.* (*Plg, 1, p. 12-3*).

Se nós somos *l'avenir*, pois este texto é de 1954, então *le problème* é nosso. Benveniste nos indica um caminho: será necessária, para o conjunto das ciências que operam com formas simbólicas, uma investigação das propriedades do símbolo. Prosseguir na análise dos símbolos, iniciada por Peirce, levar-nos-ia a uma melhor compreensão dos processos complexos da significação na língua e provavelmente também fora da língua. Como este funcionamento é inconsciente — assim como é inconsciente a estrutura dos comportamentos —, psicólogos, sociólogos e linguistas poderiam, com muito proveito, unir seus esforços para levar avante a pesquisa dos símbolos. (*Plg, 1*, p. 13).

Queremos destacar uma questão assaz interessante:

Comprova-se em toda parte um esforço para submeter a linguística a métodos rigorosos, para banir ou quase as construções subjetivas, os apriorismos filosóficos. Os estudos linguísticos tornam-se hoje cada vez difíceis por causa exatamente destas exigências e porque os linguistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos que é preciso forjar. *Si particulières sont les conditions propres au langage qu'on peut poser en fait qu'il y a non pas une mais plusieurs structures de la langue, dont chacune donnerait lieu à une linguistique complète. D'en prendre conscience aidera peut-être à voir clair dans les conflits actuels.* (*Plg, 1*, p. 16).

Repetimos para concatenar o raciocínio: não há uma mas muitas estruturas da língua e cada uma daria lugar a uma linguística completa, porque, explica Benveniste, *le langage* se estabelece em dois planos, significante e significado: o simples estudo desta propriedade constitutiva *du langage* — e das relações de regularidade ou de desarmonia que ela acarreta, das tensões e das transformações que daí resultam *en toute langue particulière*, — poderia servir de fundamento a uma linguística. (*Plg, 1*, p. 16).

Além destas questões ainda há outra, o fato de que a linguagem é um fato humano, então é no homem o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento desta interação. Logo é possível uma linguística sobre os termos do trinômio: *langue, culture, personnalité*. (*Plg, 1*, p. 16). A língua, a cultura e

as pessoas formariam uma outra linguística? Aqui vemos mais uma emboscada? Uma linguística ou uma ciência que englobe a língua, a cultura e a sociedade ou ainda uma semiologia que estude os signos da língua, os signos da cultura e os signos da sociedade?

Estamos realmente entendendo a importância do que Benveniste diz? Vejamos quantas linguísticas ainda estão à espera do gênio da lâmpada:

1: a língua como objeto de uma descrição exaustiva que procederá por segmentação dos dados observáveis, um estudo estritamente objetivo;

2: a pesquisa e a elucidação de enunciações manifestadas contingencialmente em uma infraestrutura escondida, este mecanismo latente será o objeto da linguística;

3: a linguagem constituída em estrutura de “*jogo*” como um conjunto de “*figuras*” produzidas pelas relações intrínsecas de elementos constantes, então, a linguística será a teoria das combinações possíveis entre estes elementos e as leis universais que os governam;

4: o estudo da linguagem como ramo de uma semiótica geral que cobriria ao mesmo tempo a vida mental e a vida social, e o linguista definiria a natureza própria dos símbolos linguísticos com a ajuda de uma formalização rigorosa e de uma metalíngua distinta. (*Plg, I*, p. 16-7).

Ele conclui que a enumeração não é exaustiva e nem pode sê-lo. Outras concepções *verront peut-être le jour*. É tudo que almejamos. Ele entende que existe com frequência uma opção preliminar que determina a posição do objeto e a natureza do método. (*Plg, I*, p. 17).

Préciser la méthode ou *demander compte de sa méthode* são as expressões de Benveniste para acentuar a todo o momento a importância do método quando queremos nos inscrever em uma ciência. Em suas primeiras frases do belo texto de 1956,

Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne (Plg, 1, p. 75- 87), ele acredita ser legítimo pedir contas à psicanálise de seu método, de seus meios e de seus projetos, e ainda compará-los com os das “ciências” reconhecidas, se efetivamente *la psychanalyse veut se poser en science*. (Plg, 1, p. 75). E por que Benveniste põe em dúvida a cientificidade da psicanálise? Porque:

Quem quiser discernir os processos de raciocínio sobre os quais repousa *la méthode analytique* é levado a uma constatação singular. Da inquietação constatada até a cura, tudo se passa como se nada de material estivesse em jogo. A prática não se presta a nenhuma verificação objetiva. Não é estabelecida, de uma indução à seguinte, a relação de causalidade visível que se procura em um raciocínio científico. Quando, diferente do psicanalista, o psiquiatra tenta reduzir a perturbação a uma lesão, ao menos sua tentativa tem a aparência clássica de uma pesquisa que remonta à “causa” para tratá-la. Nada é igual *dans la technique analytique*. (Plg, 1, p. 75).

E ele explica a técnica analítica:

Para quem não conhece a análise senão nas relações dadas por Freud [...] e considera menos a eficácia prática, que não está aqui em questão, do que a natureza dos fenômenos e as relações *où on les pose*, a psicanálise parece se distinguir de todas as outras disciplinas. Principalmente por isto: o analista opera sobre o que o sujeito lhe diz. *Considere-o nos discursos que este lhe dirige examina-o em seu comportamento locutório, “fabulateur”[...]*. (Plg, 1, p. 75-6).

Portanto a situação do analista diante de seu paciente é a de muita escuta; ele considera os discursos do paciente e vê configurar-se lentamente um outro discurso sepultado no inconsciente e que ele, o analista, precisará exumar, e desta exumação depende o sucesso da cura. Assim, diz Benveniste (Plg, 1, p. 76), do paciente ao analista e do analista ao paciente todo o processo é intermediado totalmente pela linguagem.

Trata-se de uma experiência humana marcada profundamente pela intersubjetividade, um processo de troca refém de um ato de fala: a relação dialógica que se estabelece entre analista/paciente e paciente/analista. Para Benveniste, tudo anuncia aqui o advento de uma técnica que faz da linguagem seu campo de ação e instrumento privilegiado de sua eficiência. (Plg, 1, p. 77).

Quel est donc ce “langage” qui agit autant qu’il exprime? É idêntica à linguagem usada fora de uma situação de análise? Somente os dois parceiros falam a mesma linguagem? Benveniste cita o que le docteur Lacan, dans son brillant mémoire sobre a função e o campo da palavra e da linguagem na psicanálise, diz sobre la méthode analytique:

Seus meios são os da palavra tendo em vista que ela confere às funções do indivíduo um sentido; seu domínio é o do discurso concreto enquanto realidade *transindividuelle* do sujeito; suas operações são as da história na medida em que ela constitui a emergência da verdade *dans le réel*. (Lacan apud Plg, 1, p. 77).

Em primeiro lugar encontramos o universo da palavra, que é o da subjetividade. Nas análises freudianas, o sujeito serve-se da palavra e do discurso *pour se “représenter” lui-même, tel qu’il veut se voir, tel qu’il appelle l’“autre” à le constater*. O discurso do paciente é apelo e recurso: solicitação veemente ao analista através do discurso, lugar de desespero, e recurso muitas vezes mentiroso ao outro para se individualizar a seus próprios olhos.

Du seul fait de l’allocution, celui qui parle de lui-même installe l’autre en soi et par là se saisit lui-même, se confronte, s’instaure tel qu’il aspire à être, et finalement s’historise em cette histoire incomplète ou falsifiée. (Plg, 1, p. 77).

Benveniste diz:

Le langage est donc ici utilisé comme parole, converti en cette expression de la subjectivité instante et évasive qui forme la condition du dialogue. La langue fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele. Or, la langue é estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um desenho novo e estritamente pessoal. La langue é sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação. Neste sentido as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior e por intermédio du langage. Há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua. (Plg, 1, p. 77-8).

Continuamos com o quadro aqui apresentado sobre as questões da psicanálise por sua imensa contribuição ao entendimento desta prática dialógica, que desvela, para nós, um discurso *sui-generis*.

Mas para o analista a antinomia *s'établit à un plan tout différent et revêt un autre sens*. Ele deve ficar atento ao conteúdo do discurso, mas não menos e sobretudo às rupturas do discurso. Se o conteúdo o informa sobre a representação que o sujeito *se donne de la situation et sur la position qu'il s'y attribue, il y recherche*, através deste conteúdo, um novo conteúdo, aquele da motivação inconsciente que procede do complexo sepultado. Para além do simbolismo inerente à linguagem, ele perceberá um simbolismo específico que se constituirá, com o desconhecimento do sujeito, tanto do que ele omite quanto do que enuncia. E na história em que o sujeito *se pose*, o analista provocará a emergência de uma outra história, que explicará a motivação. Ele tomará então o discurso como intermediário *d'un autre "langage"*, que tem suas regras, seus símbolos e sua "*syntaxe*" próprios, e que remete às estruturas profundas *du psychisme*. (*Plg, 1, p. 78*).

Certas confusões podem se estabelecer em um domínio no qual já é difícil saber do que se fala quando se estuda a linguagem *naïf*, linguagem ingênua, simples, e em que as preocupações da análise introduzem uma nova dificuldade. Dificuldade porque esta atividade verbal suspende o poder de censura e se revela nas suas fraquezas, nos seus aspectos de jogo, na sua livre divagação. Freud lançou luzes decisivas sobre estes aspectos ao entender que toda a força anárquica que refreia ou sublima a linguagem normalizada tem a sua origem no inconsciente. Freud observou também a profunda afinidade entre estas formas da linguagem e a natureza das associações que se estabelecem no sonho – outra expressão das motivações inconscientes. Era levado assim a refletir sobre o funcionamento da linguagem nas suas relações com as estruturas infraconscientes do psiquismo e a se perguntar se os conflitos que definem esse psiquismo não teriam imprimido a sua marca nas próprias formas da linguagem. (*Plg, 1, p. 78-9*).

Freud publicou, em 1910, *Sobre os sentidos opostos nas palavras primitivas*, e pensou encontrar em um estudo de Karl Abel a prova de que “a maneira precipitada de proceder, habitual à elaboração do sonho, é igualmente própria das mais antigas línguas

conhecidas”. Benveniste traz as palavras de Freud: “Impõe-se então a nós, psiquiatras, a ideia de que compreenderíamos melhor e traduziríamos mais facilmente a linguagem do sonho se estivéssemos mais instruídos sobre a evolução da linguagem”. Benveniste traz exemplos conclusivos das línguas antigas e destrói os argumentos de Karl Abel, dizendo que não é inútil assinalar que razões de fato tiram todo o crédito às especulações etimológicas de Karl Abel que seduziram Freud. (*Plg, 1*, p. 79).

Freud perguntou em vão à linguagem “histórica” o que teria podido perguntar ao mito ou à poesia. Certas formas de poesia podem aparentar-se ao sonho e sugerir o mesmo modo de estruturação, introduzir nas formas normais da linguagem essa indeterminação do sentido que o sonho projeta nas nossas atividades. Nesse caso, paradoxalmente, é no surrealismo poético, que Freud teria podido encontrar algo do que procurava ao acaso na linguagem organizada. (*Plg, 1*, p. 83).

Para a nossa pesquisa, é importante o estudo de outras linguagens, como a do sonho, e as questões da negação e do recalque:

*[...] a característica da negação linguística é qu'elle ne peut annuler que ce qui est énoncé, qu'elle doit poser explicitement pour supprimer, qu'un jugement de non-existence a nécessairement aussi le statut formel d'un jugement d'existence. Ainsi la négation est d'abord admission. Tout autre est le refus d'admission préalable qu'on appelle recalque. [...] seu discurso (o do recalque) pode ser pródigo em denegações, mas não vai abolir a propriedade fundamental da linguagem, qui est d'impliquer que quelque chose correspond à ce qui est énoncé, quelque chose et non pas “rien”. (*Plg, 1*, p. 84).*

Voltamos sempre ao ponto central da semiologia: o simbolismo. Toda psicanálise é fundada sobre a teoria do símbolo e a linguagem é tão-somente simbolismo e se realiza necessariamente em uma língua. As profundas análises que Freud faz do simbolismo do inconsciente esclarecem também os diferentes caminhos pelos quais se realiza o simbolismo da linguagem. (*Plg, 1*, p. 85).

No simbolismo linguístico, eis a diferença, *le langage est appris, il est coextensif* à aquisição que o homem faz do mundo e da inteligência, com os quais acaba por unificar-se. Para o homem, os símbolos e sua sintaxe não se separam das coisas e das experiências que ele adquire. Ele se torna seu senhor à medida que as descobre como realidades. (*Plg, 1, p. 85*).

No simbolismo do inconsciente, descoberto por Freud, as características são específicas, por exemplo, a universalidade dos símbolos: os símbolos que traduzem os sonhos e as neuroses constituem um “vocabulário” comum a todos os povos sem aceção de língua, porque não são nem aprendidos nem reconhecidos como tais por aqueles que os produzem. (*Plg, 1, p. 85*).

A relação entre estes símbolos e o que eles relatam mostra que para uma riqueza de significantes há a unicidade do significado, considerando-se que o conteúdo é recalcado e só se liberta se encoberto pelas imagens. *En revanche*, ao contrário do signo linguístico, estes significantes múltiplos e este significado único são constantemente ligados por uma relação de “motivação”⁷³. A “sintaxe” encadeante destes símbolos inconscientes não obedece a nenhuma exigência lógica e só conhece uma dimensão, a da sucessão, que, para Freud, significa causalidade. (*Plg, 1, p. 85-6*).

Esta “linguagem” é tão particular *qu’il a tout intérêt à le distinguer de ce que nous appelons ainsi*. É sublinhando estas discordâncias que se pode melhor situá-las no registro das expressões linguísticas. (*Plg, 1, p. 86*). Freud diz:

Esta simbólica não é específica do sonho, encontramos-la em toda a imagística inconsciente, em todas as representações coletivas, principalmente populares: no folclore, nos mitos, nas lendas, nos ditados, nos provérbios, nos trocadilhos correntes; *elle y est même plus complete que dans le rêve*. (*Plg, 1, p. 86*).

⁷³ Em *Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*, Benveniste discute a questão da relação de causalidade *versus* relação de motivação, que nós não nos detivemos. Para maiores esclarecimentos, sugerimos a leitura do belo texto.

Aqui Freud apresentou realmente o fenômeno:

Na área em que esta simbólica inconsciente se revela poder-se-ia dizer que ela é ao mesmo tempo infralinguística e supralinguística. Infralinguística, porque tem sua fonte em uma região mais profunda que aquela em que a educação instala o mecanismo linguístico. Utiliza signos que não se decompõem e que comportam numerosas variantes individuais, *susceptibles elles-mêmes de s'accroître par recours au domaine commun de la culture ou à l'expérience personnelle*. Ela é supralinguística porque utiliza signos extremamente condensados, que, na linguagem organizada, corresponderiam mais a grandes unidades do discurso do que a unidades mínimas. E entre estes signos se estabelece uma relação dinâmica de intencionalidade que se reduz a uma motivação constante (a “realização de um desejo recalcado”) e que segue os desvios mais singulares. (*Plg, I, p. 86*).

Benveniste diz que estas comparações poderiam nos levar a fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso. (*Plg, I, p. 86*). E sem dúvida trata-se de processos “estilísticos” do discurso, porque é no estilo mais do que na língua que há possibilidade de comparação com as propriedades que Freud desvendou como sinaléticas da “linguagem” onírica.

As analogias impressionam, porque o inconsciente emprega uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem suas “figuras” *et le vieux catalogue des tropes fournirait un inventaire approprié aux deux registres de l'expression*: no inconsciente e no estilo estão todos os processos de substituição engendrados pelo tabu - eufemismo, alusão, antífrase, preterição, litotes, todas as modalidades de metáfora – é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade -, a metonímia, a sinédoque, e, entre todos, a elipse. (*Plg, I, p. 86-7*).

A linguagem do inconsciente nos revela muito e aquilo que chamamos de inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, pelo que ele afirma e pelo que ele rejeita ou ignora, *ceci motivant cela*. (*Plg, I, p. 87*).

Deixamos Freud e seus importantes estudos sobre o ‘homem na língua’, e vamos agora ao encontro de uma linguagem dita ordinária, em um texto de 1963, *La philosophie analytique et le langage*. Afirma Benveniste (*Plg, I*, p. 267) que a filosofia analítica, na escola de Oxford, conta com filósofos que se dedicam à análise da linguagem ordinária, tal como é falada, para renovar o próprio fundamento da filosofia, libertando-a das abstrações e dos quadros convencionais. Estes filósofos entendem que as línguas naturais contêm uma riqueza de conceitos e as mais sutis distinções, e desempenham uma variedade de funções às quais os filósofos frequentemente permanecem cegos. (*Plg, I*, p. 268).

Benveniste, neste texto, retoma a distinção entre proferimento performativo e constativo⁷⁴, proposta por John Langshaw Austin, filósofo de Oxford. Como sabemos, Austin propôs esta distinção e logo a diluiu e a enfraqueceu a ponto de, como afirma Benveniste, tornar-lhe problemática a existência. (*Plg, I*, p. 270).

Nosso interesse se prende ao fato de que, ao discutir a pertinência da distinção performativo/constativo, Benveniste refere o texto de 1958, escrito para a psicologia, *De la subjectivité dans le langage*, em que ele já indicava a diferença entre “eu juro”, que é um ato, e “ele jura”, que é uma informação, embora sem os rótulos performativo/constativo. Como a subjetividade se marca na língua por índices específicos, já vistos anteriormente em 2.2, a comparação entre o ato de fala e o ato de enunciação nos parece, no mínimo, instigante, visto que ambos são: únicos, *sui-referenciais*, precisam de situações específicas, e podemos dizer que um enunciado é performativo na medida em que “denomina” o ato *performé* pelo fato de *Ego* pronunciar uma fórmula que contém o verbo na primeira pessoa do presente: “Declaro aberta a sessão”. Assim um enunciado performativo deve nomear *la performance* de palavra e

⁷⁴ Esta distinção faz parte do livro *How to do things with words*, de John Langshaw Austin (1911-1960), que em língua portuguesa recebeu o nome de *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho.

son performateur. (Plg, 1, p. 274). Este texto retoma Austin, porém Benveniste sustenta a diferença entre performativo e constativo. Como todas as análises de Benveniste, estas também são preciosas. Não vamos nos deter porque acreditamos que nas questões da subjetividade/intersubjetividade estão implícitas as noções de performativo/constativo.

Benveniste, em 1966, endereça *La forme et le sens dans le langage* aos filósofos. Entretanto este texto será longamente discutido no capítulo 3. Nosso objetivo em 2.3 foi o de apresentar o pensamento de Benveniste quando ele se dirige a filósofos, psicólogos, psicanalistas, áreas de saber que mantém grande aproximação com a linguística.

3. As tamareiras em flor: seis princípios para a elaboração de uma metassemântica

[...] embora soubesse as generalidades dos idiomas, desconhecia os matizes, tons e usos locais, o que muitas vezes o fazia parecer tosco ou grosseiro.

Mario Vargas Llosa, *Travessuras da menina má*, 2006.

De emboscada em emboscada, chegamos ao oásis repleto de tamareiras em flor. Nossa bagagem, leve, ao iniciar-se a caminhada deserto adentro, agora pesa com o acréscimo das 28 pedras do dominó. Este capítulo retoma o aprendizado desde o capítulo 1 e quer dar as respostas.

Nossa reflexão, em 1.1, nos mostrou a importância do sistema semiótico língua e a necessária ultrapassagem da noção saussuriana do signo como princípio único pelas duas vias de análise, semântica e metassemântica; em 1.2, as noções de metassemântica concebidas por vários linguistas nos auxiliaram a desenhar em 1.3 o nosso próprio caminho; em 2.1, 2.2 e 2.3, dedicamo-nos à busca das emboscadas que escondem a possibilidade de uma metassemântica.

Este capítulo não tem a pretensão de dar regras para a elaboração da metassemântica, mesmo porque acreditamos que há inúmeras vias de acesso à significação na linguagem, e o caminho da metassemântica é apenas um deles com seus

muitos atalhos. Vamos, apenas, propor uma possibilidade de análise translinguística tendo por base o quadro teórico da semântica da enunciação.

Tal como um jogo de dominó — cujo jogar vai desenhando diferentes e inumeráveis figuras até a completa exaustão das pedras —, a metassemântica propicia feitos condizentes à análise pretendida pelo estudioso, seja sociedade, seja cultura, seja outra. Sabemos quão infundáveis são as questões da significação – *cette tête de Méduse* – e precisamos usar de artimanhas, como Perseu, para que não nos transformemos em estátuas de pedra.

Se o jogo de dominó contém 28 pedras, mas apenas sete configurações (uma vazia)⁷⁵ que se combinam formando desenhos variados, as 28 ciladas também podem ser agrupadas em sete temas (um vazio para que sempre seja possível uma nova configuração metassemântica, um novo tipo de análise translinguística ainda não pensado aqui). Este estudo nos permite propor uma metassemântica que possa ser elaborada a partir do que denominamos de princípios, serão seis (para ser fiel ao jogo de dominó, um será o princípio vazio):

3.1 A metassemântica é uma semiologia de segunda geração

O que aprendemos no capítulo 1 sobre sistemas semióticos linguísticos e não linguísticos nos vale agora para confirmar que a caminhada no deserto e as 28 emboscadas nos ensinaram que: a metassemântica é uma semiologia de segunda geração, é o feliz desdobramento da ultrapassagem do signo como princípio único e a possibilidade de um estudo sobre as relações que se estabelecem entre sistemas semiológicos, tendo a semântica da enunciação como pressuposto teórico.

⁷⁵ Esta configuração vazia é literalmente referida ao jogo de dominó e não ao artigo de Gilles Deleuze, Como se reconhece o estruturalismo? publicado em *Histoire de la philosophie*, dirigida por Fr. Châtelet, Paris: Hachete, 1973, t. VIII.

Saussure estabelece a língua como objeto de estudo da linguística e lança as bases da semiologia. *L'objet concret de notre étude est donc le produit social déposé dans le cerveau de chacun, c'est-à-dire la langue.* (C.L.G. p. 44). Retomemos o que diz Saussure sobre a semiologia: uma ciência que vai estudar a vida dos signos no seio da vida social, será uma parte da Psicologia social e conseqüentemente da Psicologia geral, e a linguística será apenas uma parte desta ciência geral (C.L.G. p. 33), embora a língua seja o mais completo e o mais conhecido dos sistemas arbitrários (C.L.G. p. 101). A semiologia, quando organizada, poderá decidir se os signos de *systemes autres qu'arbitraires* lhe pertencem de direito, porque estes signos aceitos em uma sociedade repousam, em princípio, em um hábito coletivo ou, *ce qui revient au même, sur la convention*: por exemplo, *les signes de politesse*, (os chineses, no passado imperial, prosternavam-se nove vezes diante do imperador), estão fixados por uma regra que os obriga a empregá-los e não por seu valor intrínseco. Se a semiologia acolher estes signos, o objeto da semiologia será “o conjunto de sistemas fundados sobre o arbitrário do signo”. (C.L.G., p. 100-1).

Benveniste acredita que ritos simbólicos e formas de polidez somente se sustentam sobre uma relação semiológica por intermédio de um discurso: o “mito” acompanha o “rito”; o “protocolo” regula as formas de cortesia. Estes signos precisam da língua para nascer e se estabelecer, ela os produz e os interpreta. Ele conclui que “não menos que os sistemas de signos, as RELAÇÕES entre estes sistemas constituirão o objeto da semiologia”. (Plg, 2, p. 50).

Por que retomamos toda esta discussão? Porque, ao fim do deserto, como as areias, as ideias vão-se entrecruzando, a lâmpada fica cada vez mais clara, e enxergamos questões ainda não divisadas.

Refazendo o raciocínio de Saussure em relação à semiologia:

Psicologia Geral { Psicologia social { Semiologia { Linguística

Saussure diz que é tarefa do linguista definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos (C.L.G. p. 33) e Benveniste, em *Sémiologie de la langue* (Plg, 2, p. 61), introduz e justifica o princípio de que a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Em *Structure de la langue et structure de la société* (Plg, 2, p. 100-2), partindo deste princípio, ele fala em levar a teoria muito mais longe para ver seus frutos, pois os traços comuns da relação entre língua e sociedade serão descobertos na prática social, no exercício da língua, na relação de comunicação inter-humana.

Refazendo o raciocínio, queremos mostrar que a semiologia de segunda geração, ao analisar as relações entre sistemas semióticos, ou as relações entre áreas do saber (digamos a psicologia e a medicina conversando com o direito), já estava em Saussure, quando ele concebe a semiologia como um ramo da psicologia social e como um estudo de signos da sociedade, ressaltadas as questões epistemológicas implicadas em um quadro e em outro.

Benveniste estabelece a língua em dois modos de significância, um no sistema, outro no uso, e funda ao mesmo tempo um projeto semiológico e um projeto antropológico, pois é o homem que usa a língua e eles são inseparáveis. Então, é esta semiologia, a de segunda geração, que vai buscar a significação em análises translinguísticas nas relações signo/antropo: o homem na língua, a comunicação intersubjetiva, a mídia, as trocas no convívio humano, as exclusões e inclusões, as guerras, a violência, os projetos nucleares, o enriquecimento de urânio para fins pacíficos ou bélicos, a vida boa ou má permitida em determinada sociedade e cultura para determinado grupo, resumindo, toda manifestação da cultura, de tal modo que Benveniste fala em *culturologie* (Plg, 2, p. 26) ou em “verdadeira ciência da cultura que

fundará a teoria das atividades simbólicas do homem, [...] é definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura” (*Plg, 1*, p. 30).

Benveniste sabe que são necessários instrumentos e método para a análise metassemântica (*Plg, 2*, p. 66). Nós sabemos agora, depois de tanta areia, que não há um método *a priori*, pois cada pesquisa é única, requer um método, um *corpus* e dados, que serão sempre únicos. O pesquisador deve se orientar por Saussure: *Bien loin que l’objet precede le point de vue, on dirait que c’est le point de vue qui crée l’objet [...]* (*C.L.G.* p. 23).

Vamos repetir o que dissemos supra em 2.1, porque é importante e muito belo. Benveniste, em *Saussure après un demi-siècle*, acredita que se deveria estabelecer uma distinção fundamental entre duas ordens de fenômenos: de um lado, os dados físicos e biológicos [...] e, de outro, os fenômenos próprios ao meio inter-humano que:

[...] têm essa característica de não poderem jamais ser tomados como dados simples nem definir-se dentro da ordem da sua própria natureza, mas devem sempre ser recebidos como duplos, pelo fato de que se ligam a outra coisa, qualquer que seja seu “referente”. Um fato de cultura não o é a não ser na medida em que remete a algo diferente. No dia em que uma ciência da cultura tomar forma, fundar-se-á provavelmente sobre este caráter primordial e elaborará suas dualidades próprias a partir do modelo que Saussure deu para a língua, sem se submeter necessariamente a ele. Nenhuma ciência do homem escapará a esta reflexão sobre o seu objeto e sobre o seu lugar no seio de uma ciência geral da cultura, pois o homem não nasce na natureza, mas na cultura. (*Plg, 1*, p. 44).

3.2 Uma análise das formas complexas do discurso

A questão que mais nos instigou na travessia do deserto foi a unidade de análise da metassemântica, a sua materialidade. Seria apenas o texto e o livro, literalmente falando? A cada emboscada, a leitura atenta ensinava-nos mais e mais. Quando no texto de 1970, *L’appareil formel de l’énonciation*, lido inúmeras vezes, a lâmpada brilha em

‘formas complexas do discurso’ (Plg, 2, p. 88), as tamareiras em flor deixam de ser uma ilusão do deserto.

Entendemos, então, que qualquer fato humano, como jogo de futebol, baile, festa, cerimônia de casamento, jantar, entrega do *Oscar*, Festival de cinema, consulta médica, aula, diálogo, a arte em suas variedades (teatro, filme, televisão, ópera, música, imagens, reproduções plásticas), obras em prosa, em verso, ou científicas, em que seja possível construir a relação entre o método global de apreensão do sentido e o método analítico, tendo por base a semântica da enunciação, pode ser objeto de análise translinguística. Como se constrói esta relação é questão assaz complicada, tão complicada que Benveniste em vez de esclarecê-la, dificultou-a ainda mais.

Explicamos: Quando Benveniste fala a filósofos, em 1966, sobre *La forme et le sens dans le langage* (Plg, 2, p. 215-38), ao final, há um debate, em que Jean-Claude Piguet⁷⁶ discute com Benveniste a relação semiótico/semântico. Ele inicia a pergunta retomando a fala de Benveniste:

Benveniste *a dit à peu près ceci*: “O sentido da frase é outra coisa que o sentido das palavras que a compõem; o sentido da frase é dado pela ideia, o sentido das palavras pelo seu emprego na frase”. [...] como estes dois métodos se reúnem no interior da linguística? Como a semiótica e a semântica podem coexistir metodologicamente, se uma é do tipo analítico e outra do tipo global não-analítico? Qual deve ser, então, finalmente o método fundamental que orienta a linguística em seu conjunto? (Plg, 2, p. 235).

Benveniste não esclarece a questão de Piguet, respondendo que *c’est une question largement anticipatrice; toute réponse catégorique supposerait justement ce que j’ai écarté au début, qu’il existe une doctrine linguistique à ce sujet* (Plg, 2, p. 235).

Nossa reflexão, hoje, nos permite dizer que a possibilidade de construir a relação entre o método global e o método analítico já se encontrava no texto de 1966. A recusa

⁷⁶ Jean-Claude Piguet escreveu *De l’esthétique à la métaphysique*; é editor, dirige Éditions Mon Village e Les Presses du Belvédère, editora franco-suíça dedicada a publicações de obras sobre a montanha Chasseron, no Maciço Jura, dos dois lados da fronteira.

em esclarecê-la a Piguet talvez se deva ao extremo e rigoroso cuidado que Benveniste concedia aos fenômenos linguísticos. Ele mesmo afirma três anos depois que fora na sessão inaugural do XIII Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa, em Genebra, em 3 de setembro de 1966, a primeira vez em que ele mencionara a distinção semiótico/semântico⁷⁷.

Esclarecer a pergunta de Piguet nos leva a descobrir a resposta para construir a relação entre o método global de apreensão do sentido e o método analítico, tendo por base a semântica da enunciação de Benveniste. Retomamos, então, algumas cansadas noções, todavia importantes, e, com a claridade da lâmpada, tentaremos ajustar às noções as palavras precisas.

Benveniste diz que “quando Saussure introduziu a ideia do signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; ele não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre *langue et parole*. Compete-nos, portanto, tentar ir além do ponto où *Saussure s’est arrêté* na análise da língua como sistema significante”. (*Plg*, 2, p. 219). Como é que Benveniste pensa em ir além? Ele considera signo e frase como dois mundos distintos e instaura na língua “uma divisão fundamental, em tudo diferente daquela que Saussure tentou entre *langue et parole*.” (*Plg*, 2, p. 224). Ele diz:

[...] devemos traçar, através da língua inteira, uma linha que distingue duas espécies e dois domínios do sentido e da forma, se bem que, eis aqui um dos paradoxos *du langage*, sejam os mesmos elementos que encontramos em uma e outra parte, dotados, entretanto, de um estatuto diferente. Há para a língua dois modos de ser língua no sentido e na forma. (*Plg*, 2, p. 224).

Precisamos, então, organizar o raciocínio: 1- a língua combina dois modos distintos de significância: o semiótico (o signo) deve ser reconhecido e o semântico (o discurso) deve ser compreendido. São duas modalidades fundamentais da função

⁷⁷ *Plg*, 2, p. 63, nota 1.

linguística, a de significar, para o semiótico, e a de comunicar, para o semântico. 2- o semiótico tem dois modos de ser língua no sentido e na forma e o semântico tem dois modos de ser língua no sentido e na forma. É o que Benveniste ensina em *La forme et le sens dans le langage*.

Não vamos tratar do modo semiótico em sua forma e seu sentido por duas razões: primeiro, porque este assunto, acreditamos, coube inteiramente em 1.1, quando exaustivamente falamos sobre sistemas semióticos, e, segundo, porque, na distinção entre signo e frase, que Benveniste propõe, “qualquer forma de frase não tem espaço no domínio do semiótico. Tudo é da ordem do semântico [...]”. (*Plg*, 2, p. 231).

E a ordem do semântico é o

[...] domínio da língua em emprego e em ação; vemos [...] aqui sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e, por consequência, a regulação do pensamento e o desenvolvimento da consciência. E a expressão semântica por excelência é a frase. [...] nós nos comunicamos por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, [...]. (*Plg*, 2, p. 224).

É esta a âncora que queremos: a frase, “a produção do discurso, [...] o que se pode chamar o intencionado, o que o locutor quer dizer, a atualização linguística de seu pensamento; (*Plg*, 2, p. 225); a frase é a unidade do discurso. (*Plg*, 1, p. 130).

Antes de prosseguirmos, porém, é importante que vejamos claramente a distinção entre semiótico e semântico proposta por Benveniste:

Do semiótico ao semântico há uma mudança radical de perspectiva; todas as noções que passamos em revista retornam, mas outras e para entrar em relações novas. A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua; a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é senão particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. (*Plg*, 2, p. 225).

É preciso ler e reler este texto de 1966, porque há muitas noções implicadas em relações muito semelhantes. Estejamos atentos: ainda que “do semiótico ao semântico exista uma mudança radical de perspectiva”:

Esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação, cada um destes signos tem uma denotação conceptual e incluem em uma subunidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada produzida pela sintagmação das palavras em que cada palavra retém apenas uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. (*Plg*, 2, p. 229).

Dissemos supra que Benveniste em *La forme et le sens dans le langage*, em 1966, ensina que há uma forma e um sentido no modo semiótico e uma forma e um sentido no modo semântico, no primeiro estamos no sistema e no segundo estamos no discurso.

Quando se trata, portanto, de frase, unidade do discurso, e de palavra, unidade do semântico, estamos no domínio semântico, único lugar possível para análise de unidades de discurso, assim como a análise das formas complexas do discurso só encontra abrigo na metassemântica. Então se retomamos a pergunta de Piguet, vamos perceber que sua pergunta se refere somente ao modo semântico, ele pergunta pela frase e pela palavra. Vejamos o que nos diz Benveniste sobre sentido e forma no modo semântico:

[...] o sentido da frase está na totalidade da ideia, percebida por uma compreensão global; a forma é obtida pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras. Além disso, as unidades não podem mais ser dissociadas sem cessar de preencher sua função. (*Plg*, 2, p. 228). [...] o sentido se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma. [...] O sentido da frase é com efeito a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que as palavras exercem umas sobre as outras. (*Plg*, 2, p. 225).

As noções de sentido e de forma, *ces notions jumelles* (Plg, 2, p. 216), são dadas ao mesmo tempo, portanto não há possibilidade de um estudo, seja de uma unidade do discurso, seja das formas complexas do discurso, em que se privilegie uma ou outra.

Podemos dizer, então, que a semiologia de segunda geração estuda as relações que se estabelecem entre sistemas semiológicos, utilizando o método global de apreensão do sentido e o método analítico, ou seja, o sentido nas formas complexas do discurso está “na totalidade da ideia, percebida por uma compreensão global; a forma é obtida pela dissociação analítica do enunciado” processada até as unidades do discurso (as frases), ou até as unidades semânticas (as palavras). (Plg, 2, p. 228).

É sempre essencial a palavra de Normand⁷⁸

A análise do semântico (análise desta ou daquela unidade de discurso) associa uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação cada vez particular da enunciação (tal sujeito, tal tempo, tal referente, tal interação, cujas marcas fazem parte da descrição semiótica); assim como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido. (p. 182).

Para Normand, o que há de novidade é que este comentário se apoia na descrição semiótica, “em particular, a dos marcadores da enunciação, que, ao mesmo tempo, pertencem ao sistema da língua e têm a propriedade específica (de qualquer modo, ontológica) de assinalar a presença do sujeito, da ‘pessoa’, e de centrar sobre ela o tempo e o espaço da troca”. (2009, p. 181-2). Ela retoma a questão semiótico/semântico, que foi, nós o sabemos, motivo de muitos artigos memoráveis.

A distinção *semiótico/semântico* [...] somente levaria a lembrar da necessidade de considerar aquele que fala (o sujeito) e, por consequência, de não pretender dizer o todo do sentido do que ele enuncia, que nenhuma análise pode encerrar. Como consequência, Benveniste descarta implicitamente todo projeto de *semântico* isolável como tal da análise das formas (do semiótico) [...]. Seu programa de análise do semântico (discurso) [...] conduz à descrição do particular, da diversidade do que a língua permite a serviço de sujeitos vivos e falantes na interação subjetiva, de qualquer maneira, uma nova hermenêutica. (p. 182).

⁷⁸ Normand, Claudine. *Convite à linguística*. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

Deduzimos, então, que a metodologia usada na “análise desta ou daquela unidade de discurso” pode ser estendida à análise das “formas complexas do discurso”, resguardada a abrangência de cada análise, mas considerando que uma análise translinguística é um “comentário” a buscar sua sedimentação nas marcas do sujeito, do tempo e do espaço em uma situação de discurso. Como bem reafirma Benveniste em *La forme et le sens dans le langage, [...] la situation est une condition unique, à la connaissance de laquelle rien ne peut suppléer*, (Plg, 2, p. 227).

Para que possamos conservar o clima de Copa do Mundo, já que o Brasil, pela segunda vez em sua história futebolística, será a sede da Copa em 2014, tomamos como exemplo, para uma análise metassemântica, uma partida de futebol. Em primeiro lugar, precisamos considerar os vários planos de enunciação: 1- no campo de futebol acontece o jogo, 2- na arquibancada estão os torcedores dos dois times, 3- há a imprensa que transmite o jogo por rádio ou televisão, 4- há as pessoas que assistem ao jogo em casa, 5- há as pessoas que assistem ao jogo em um bar, e, se quisermos, acharemos mais outros planos.

Consideremos o que chamamos de plano 1: Benveniste, em *L'appareil formel de l'énonciation*, diz que na enunciação é preciso considerar o próprio ato (as pessoas “eu-tu”, que formalizam o ato), a situação em que este ato se realiza e os instrumentos de sua realização. (Plg, 2, p. 81). Ora, no campo de futebol, a situação de enunciação é aquele momento do jogo, os sujeitos da enunciação são os jogadores, mas o instrumento de enunciação não é a língua, é a bola. A partir do momento em que o jogador se apropria da bola, ele se torna sujeito da partida, ele pode determinar a vitória com um gol, ou então passar a bola para outro jogador, o “tu”, que passa a ser “eu”, e assim, sucessivamente, a enunciação vai-se realizando a cada lance, a cada gol, a cada falta, até o fim do tempo regulamentar ou da prorrogação.

Plano diferente é o da torcida, o que chamamos de plano 2: Na arquibancada, há inúmeras situações de enunciação, podemos dizer, tantas quantos forem os torcedores. Neste plano, a comunicação intersubjetiva se dá entre os torcedores e o que se passa no campo, ou seja, os próprios jogadores, o juiz, o treinador. Os torcedores se apropriam da língua principalmente para os gritos da alma, as interjeições de aplauso ou de xingamento.

No plano 3, a imprensa narra e comenta o jogo apoiada nas marcas que a bola vai deixando no gramado a cada chute, a cada gol. Neste caso é a imprensa que se apropria da língua para narrar situações múltiplas de enunciação, pois cada momento no campo será único e evanescente, jamais se repetirá.

Os planos 4 e 5 podem e devem permitir muitos comentários, pois cada sujeito faz a sua interpretação do jogo, já que seu espaço, seu tempo, sua referência e sua interação são únicas, as marcas que ele julga importantes talvez não sejam importantes para seu vizinho. Portanto haverá inúmeras interpretações de um mesmo acontecimento, como diz Normand, “uma nova hermenêutica”.

Vimos, portanto, que: todos os planos acontecem ao mesmo tempo, o tempo cronológico da partida de futebol; é possível construir a relação entre a apreensão global do sentido, traduzida por comentários sobre cada situação de enunciação relativa aos diversos planos, e a análise do enunciado traduzida pelas marcas deixadas no enunciado pelo sujeito e suas coordenadas espaciais e temporais.

Queremos ressaltar que todos os planos têm como interpretante a língua, e que esta **RELAÇÃO DE INTERPRETÂNCIA**, “do ponto de vista da língua, é a relação fundamental, aquela que divide os sistemas em sistemas que articulam, porque manifestam sua própria semiótica, e sistemas que são articulados e cuja semiótica só aparece através da matriz de um outro modo de expressão.” (*Plg*, 2, p. 61). A língua é o

interpretante de todos os sistemas semióticos, já o dissemos repetidas vezes, porque “nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma.” (Plg, 2, p. 61-2). Benveniste estabelece um princípio geral de hierarquia, em que $S \rightarrow L$ (S é o conjunto dos sistemas de signo, L é a língua, e a conversão se faz dos outros sistemas para a língua, nunca o inverso). (Plg, 2, p. 54).

Apenas para concluir o raciocínio, a semiologia de segunda geração, melhor dizendo, a semiologia da língua de segunda geração contempla a análise das formas complexas do discurso cuja via é a translinguística.

Vamos falar, a seguir, mais um pouco sobre a forma e o sentido.

3.3 A forma e o sentido na metassemântica

Falamos bastante em forma e sentido, nós o sabemos, contudo queremos nos deter um pouco mais neste tema e trazê-lo para o quadro da metassemântica. Quando Benveniste fala aos filósofos sobre *La forme et le sens dans le langage*, ele diz que “a presente exposição é um esforço para situar e organizar *ces notions jumelles de sens et de forme*.” (Plg, 2, p. 216).

Ele explica que a natureza e o funcionamento do sentido na língua foram olhados sempre com muita desconfiança pelos linguistas, pois eles geralmente se ocupam “do que pode ser apreendido, estudado, analisado por técnicas cada vez mais precisas e cada vez mais concretas”. (Plg, 2, p. 216). Esta desconfiança se justifica

[...] em certa medida pelo caráter bastante vago, fluido e mesmo inconsistente das noções que se encontram nas obras, em geral de linha bastante tradicional, que se consagram ao que se chama de semântica. De fato, as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*. (Plg, 2, p. 216).
[...] o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como

conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendido por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico [...], ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos no nível linguístico do qual ele releva. Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade. (Plg, 2, p. 217).

Sentido e forma são as necessárias faces do importante problema da significação. “*Avant toute chose, le langage signifie*, tal é sua característica primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano.” (Plg, 2, p. 217). Quais funções? Todas: as atividades da fala, do pensamento, da ação, todas as realizações individuais e coletivas que se ligam ao exercício do discurso. Sempre que uma atividade é concebida como representação de alguma coisa, sempre que podemos dizer “isto significa”, é com a linguagem que a comparamos; falamos em linguagem musical, em linguagem das flores etc., porque instituímos uma categoria comum, ‘a linguagem’, para muitos modelos que, para nós, são significantes. (Plg, 2, p. 218). Para chegarmos à significância na língua, seja no modo semiótico, seja no modo semântico, a porta é o entendimento de sua forma e de seu sentido.

Benveniste diz que “a natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, porque são entidades de dupla face semelhantes ao signo linguístico. E esta faculdade semiótica comum compõe, para cada conjunto, um sistema que, aliás, em sua maior parte, resta ainda a resgatar.” (Plg, 2, p. 223). Parece-nos que esta tarefa cabe à metassemântica.

Consideremos, a título de ilustração, a possibilidade de construir a relação entre sentido e forma em conjuntos de sistemas semióticos não linguísticos e, além do mais, sem a língua como interpretante. Há um exemplo belíssimo desta possibilidade que é o filme *Le Bal (O Baile)* de Ettore Scola, de 1983, ambientado em Paris entre os anos de

1930 e 1980. Não é cinema mudo e não há um diálogo sequer. O único espaço físico do filme é o salão de baile, onde os atores apenas com suas expressões e gestos conseguem transmitir perfeitamente a essência e a dramaticidade desses anos conturbados da história mundial, como a Segunda Guerra e o nazismo.

Os sistemas que enunciam a narrativa são aqueles representativos de uma certa sociedade e de uma certa cultura: a música, a dança, a moda, a iluminação, o cenário com os símbolos e ícones da história mundial. A música não é somente a trilha sonora, pano de fundo, ela é a parte essencial da narrativa, pois é a alternância dos ritmos (baladas francesas, tango, música latina, rock), e conseqüentemente das danças, da moda e do comportamento dos personagens, que indica a passagem do tempo. (Na II Guerra, o cenário é escuro, as janelas do salão de baile trancadas e reforçadas e nas entradas há barricadas; a invasão nazista é representada pela chegada de um homem vestido de preto, um olho fechado, uma cicatriz, que faz a saudação a Hitler; a libertação de Paris é representada por muitos abraços e danças).

A linguagem escrita, por mais inusitado que nos pareça, só é necessária para algumas indicações: os banheiros, os rótulos das bebidas, o nome dos conjuntos musicais, as revistas e os jornais que os personagens leem. Os rótulos das bebidas, os nomes das bandas e os jornais e revistas obviamente são também indicativos do tempo da enunciação.

Resumindo: imagem, som, iluminação, movimento corporal e gestual, vestuário, expressão facial, eis os sistemas semióticos dotados de sentido e de forma, cuja enunciação se inscreve em determinada sociedade e cultura.

Benveniste diz que, na enunciação, o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos (dêiticos), e por meio de procedimentos acessórios (gestos). (*Plg*, 2, p. 82). O que Benveniste diz não se

aplica ao filme, porque os gestos não são procedimentos acessórios, isto é, procedimentos que acompanham a enunciação e servem para melhor contextualizá-la, por exemplo, indicando a cadeira ao amigo ao mesmo tempo em que se diz “sente-se, por favor”. No caso do filme só há gestos, o locutor não se apropria do aparelho formal da língua. É de um sistema semiótico não linguístico que estamos tratando.

A relação entre sentido e forma se apoia em inúmeras situações enunciativas dependentes de cada sistema semiótico considerado que permitem a construção da narrativa. O inusitado é que o locutor não se apropria do aparelho formal da língua, o personagem se apropria do som, do movimento corporal e gestual, e o aparelho enunciativo é a imagem, o som, o vestuário, a iluminação.

Benveniste tem razão quando fala em “amplas perspectivas para a análise das formas complexas do discurso”, pois vemos um horizonte sem limite à espera de ser motivo de análise. Estas análises aguardam, possivelmente, por um estudioso que, debruçado sobre as relações que se estabelecem entre os vários sistemas semióticos, como os que acabamos de ver em *Le Bal*, faça a sua interpretação tomando por base a semântica da enunciação e considerando os princípios e as relações que Benveniste ensina em *Sémiologie de la langue* (Plg, 2, p. 43-66).

3.4 Os níveis de análise na metassemântica

Falar em sentido e forma nos leva aos níveis de análise linguística, os estudos se complementam. Benveniste nos ensina:

A noção de *nível* nos parece essencial na determinação do procedimento de análise. Ela somente é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode nos fazer reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. (Plg, 1, p. 119).

Neste texto de 1962, *Les niveaux de l'analyse linguistique*, Benveniste diz que o domínio no qual estudará a noção de nível é o da “língua como sistema orgânico de signos linguísticos”. (*Plg, 1*, p. 119). Nós sabemos que a análise metassemântica só é possível porque a noção de signo linguístico como princípio único foi ultrapassada, à primeira vista, portanto, pareceria perda de tempo discutir este texto. Logo nos damos conta de que só temos a aprender.

Não há espaço aqui para detalharmos a minuciosa análise de Benveniste, centramos, portanto, nossa atenção nas noções de forma e de sentido em sua relação com os níveis linguísticos:

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente* e *integrante*. Quando reduzimos uma unidade aos seus constituintes, reduzimo-la aos seus elementos *formais*. (*Plg, 1*, p. 126).

Constituente e integrante funcionam entre dois limites: O limite superior é traçado pela frase, que comporta constituintes, mas que não pode integrar nenhuma unidade mais alta. O limite inferior é o do merisma, traço distintivo do fonema, que não comporta ele próprio nenhum constituinte de natureza linguística. A frase só se define por seus constituintes, o merisma só se define como integrante. Benveniste considera a distinção entre constituinte e integrante “o princípio racional que governa, nas unidades dos diferentes níveis, a relação entre forma e sentido.” (*Plg, 1*, p. 125, 6).

Ele ensina:

A *forma* de uma unidade linguística se define como sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior. O *sentido* de uma unidade linguística se define como sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas,

dadas necessária e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua. As suas relações mútuas revelam-se na estrutura dos níveis linguísticos, percorridos pelas operações descendentes e ascendentes da análise e graças à natureza articulada da linguagem. (*Plg, 1*, p. 126-7).

É com a frase que abandonamos “o domínio da língua como sistema de signos e entramos em um outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso”. A frase é uma unidade completa que carrega ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque ela é *informée* de significação e referência porque ela se refere a uma situação dada. A referência é a possibilidade da comunicação, pois muitas vezes entendemos o sentido mas a referência nos escapa. (*Plg, 1*, p. 129-30).

O linguista, para analisar os níveis, parte das unidades elementares, o locutor faz o sentido inverso, interessa-se apenas pela frase, porque é “no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem.” (*Plg, 1*, p. 131).

Tentemos compreender estas noções em discursos não linguísticos, em formas complexas de discurso, em que os níveis são muitos e heterogêneos, e pressupostamente complexos, portanto as análises translinguísticas devem necessariamente ser sempre descobertas e redescobertas.

Tomemos como exemplo três modalidades do que convencionamos chamar de arte: a escultura, a pintura e a criação de jóias. Falamos, então, do magnífico *David*, de Michelangelo, de *Os Girassóis*, de Vincent van Gogh, e de um colar de ouro e diamantes. Michelangelo Buonarroti (1475-1564) viu-se diante de um bloco imenso de mármore, esquecido por 40 anos em Florença, e usou sua força física e golpes de martelo para arrancar da pedra a grandiosidade de uma estátua que em seus cinco metros de altura retrata a mais pura beleza. Trabalhou de 1501 a 1504. Vincent van Gogh (1853-1890) pintou sua dor e enfermidade em telas imortais. O fabricante de jóias trabalha com material delicado, nobre e caríssimo. Vemos aqui três situações de

enunciação diferentes, em que há indivíduos, que, para enunciar, não é da língua que se apropriam, mas, respectivamente, do mármore e do martelo, das tintas e da tela, dos diamantes e do ouro. O mármore, a tela e os diamantes são a condição para que eles se instituam como sujeitos de sua enunciação.

Os artistas também trabalham com níveis, com forma e com sentido. Há um nível abaixo do qual nada tem significado para eles, este nível é o da matéria bruta com a qual eles trabalham. À medida que a matéria bruta vai ganhando forma, ela também vai agregando sentido. O sentido é construído a cada forma que o golpe do martelo deixa no duro mármore; a cada pincelada amarela; a cada pedra lapidada.

Foram as batidas do martelo que delinearam o corpo magnífico de David e a expressão de seus olhos à espera do embate com Golias; as tintas espalhadas desta ou daquela maneira desenharam os fantásticos girassóis; as pedras lapidadas e o ouro torcido e retorcido moldaram um enfeite raro.

A enunciação fugaz e fuida é agora um enunciado absolutamente incomparável: *David, Os Girassóis e o colar*. O tempo cronológico levou os sujeitos. A forma e o sentido permanecem a nos dar lições sobre suas vidas e sua arte. Inquietos, frágeis e sofridos homens de um tempo de privações transfigurados na grandiosidade de sua arte. Se a vida despojou-os de conforto, também os beneficiou com o mais sagrado dos dons, a imortalidade.

E a imortalidade tem sido, ao longo dos séculos, a matéria privilegiada dos que se dedicam ao estudo da arte, qualquer que seja a sua expressão. E aqui queremos novamente enfatizar o princípio de hierarquia que rege as relações entre sistemas semióticos linguísticos e não linguísticos: a língua é o interpretante de todos os outros sistemas. Se falamos de arte como uma forma complexa de discurso, que apresenta forma, sentido e níveis de análise, é porque o discurso sobre a arte só se dá através da

língua em uma análise translinguística, ou seja, é a língua que vai nos mostrar a forma, o sentido e os níveis de análise possíveis em determinada manifestação de arte.

3.5 O aparelho formal da enunciação e a metassemântica

Em 1970, Benveniste escreve *L'appareil formel de l'énonciation*. Acreditamos que seja seu último texto. Ele nos ensina que a enunciação, embora fugaz, impescinde de um aparelho, e, o mais importante, este aparelho é o das formas. Se aprendemos bem as lições supra, sabemos que forma e sentido são noções *jumelles*, logo o aparelho da forma implicitamente traz o aparelho do sentido.

Definir a enunciação no quadro formal de sua realização é o objeto do texto de 1970. Benveniste quer tentar “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza. Estes caracteres são uns necessários e permanentes, os outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido”. (*Plg*, 2, p. 81).

Quais são os caracteres necessários e permanentes? O ato, a situação e o instrumento. O ato introduz um locutor que postula um alocutário, a situação é sempre única e irrepitível, o instrumento é a língua, que é usada para a expressão de uma certa relação com o mundo. O processo de apropriação da língua instaura locutor e alocutário referindo e correferindo pelo discurso em um consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor. (*Plg*, 2, p. 82). A referência além de ser parte integrante da enunciação, tem um *locus* epistemológico. Quando Benveniste, no texto de 1970, estende a referência a toda língua, parte subjetiva e não subjetiva, abre-se a possibilidade de estudos sobre a não-pessoa, considerada até então apenas em sua referência objetiva.

Um dado constitutivo da enunciação é que o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala, fazendo com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. O locutor estabelece relação constante e necessária com a sua enunciação por meio de formas específicas: índices de pessoa, índices de ostensão, formas temporais e espaciais. (*Plg*, 2, p. 82-4). Além destas, a enunciação dá condições necessárias às grandes funções sintáticas, pois o enunciador dispõe de um aparelho de funções para influenciar o alocutário: asserção, interrogação, negação, intimação, modalização etc. (*Plg*, 2, p. 82-5).

Sabemos que as noções apresentadas são destinadas a análises linguísticas. Queremos estendê-las para a análise das formas complexas do discurso: Um dia qualquer de uma semana qualquer, quando tudo é repetitivo e comum: o levantar, o café, o trânsito, a aula, o almoço, a aula, o trânsito, a casa, o deitar. Sempre tudo igual. Sempre tudo enunciativamente muito diferente. O ato, a situação, o instrumento, a forma, o sentido, o aparelho de funções são modificados infinitas vezes. Quantos sistemas semióticos nos rodearam e entrelaçaram a nossa vida? Com quantas situações enunciativas nos deparamos? Quantos alocutários instauramos? Quantas vezes o instrumento de nossa enunciação deixou de ser linguístico?

Luis XIV, *le Roi-Soleil*, fazia de seu *levée* uma cerimônia, um ritual demoradíssimo e complicado. Os nobres eram especialmente escolhidos para atendê-lo. Alguns apenas assistiam, mas os favoritos tinham permissão para ajudar o rei a se vestir. Grandes cerimônias acompanhavam todos os atos do rei, desde o amanhecer, quando ele acordava, até a noite, quando ia deitar-se⁷⁹. Que ato de enunciação é estabelecido entre o rei e seus súditos? Que situação de discurso? Qual o instrumento? De quantos sistemas semióticos é feito o dia do rei?

⁷⁹ Taylor, Laurence. *O cotidiano europeu do século XVII*. São Paulo: Melhoramentos, 1992, p. 8-9. Luis XIV (1638-1715), rei da França, ficou conhecido como *Rei-Sol*.

Nossa intenção maior é a de apresentar possibilidades de análise das formas complexas do discurso. Por certo, o ritualismo diário de Luis XIV em nada se compara ao nosso corre-corre, mas diferenças e semelhanças podem ser fonte de inquietação.

3.6 A metassemântica é sempre uma interpretação parcial do analista

Começamos esta parte falando em um analista notável. Ele nos ensina que em qualquer tipo de descrição ou de formalização, nós devemos necessariamente supor que o objeto de análise, *la langue, est informé de signification, que c'est par là qu'il est structuré, et que cette condition est essentielle au fonctionnement de la langue parmi les autres systèmes de signes.* (Plg, I, p. 12). Sua vida inteira se prende aos fios de inúmeras e diversificadas análises: das funções sintáticas, do léxico e da cultura, de estruturas, ao mesmo tempo em que escreve o que se convencionou chamar de “textos canônicos da enunciação”, quando também analisa pessoas, tempo, espaço, dêiticos etc.

Em suas análises a presença ‘daquele que fala’ marca a diferença. A riqueza de suas descrições pode ser verificada em um excerto do texto, de 1949, *Le système sublogique des prépositions en latin*:

[...] *prae* causal tem sempre por complemento um termo de sentimento (*laetitia* etc.) [...]; esse termo de sentimento afeta sempre o sujeito do verbo, de sorte que a condição enunciada por *prae* está em relação interna e “subjativa” com o processo verbal, o sujeito do processo sendo sempre o possuidor do sentimento. Quando *prae* marca uma causa, essa causa não é objetivamente colocada fora do sujeito e relacionada com um fator exterior, mas reside em um certo sentimento próprio do sujeito e, mais exatamente, ela retém um certo ‘grau’ desse sentimento. Na verdade, todos os exemplos fazem sobressair o ‘grau extremo’ do sentimento experimentado pelo sujeito. Essa é a explicação de *prae*, que significa literalmente “na beirada, na ponta” da afeição enacarada, portanto, “no extremo”. [...]: *prae laetitia lacrimae prosiliunt mihi*, “no extremo da minha alegria, as minhas lágrimas brotam”; *cor Vlixi frixit prae pauore*, “o coração de Ulisses gelou no extremo do pavor”; *prae amore excludi hunc foras*, “por excesso de amor o puseste para fora” [...]. (Plg, I, p. 137-38).

Para Normand, “as interpretações, pelas quais Benveniste conclui a maior parte de suas análises, fazem intervir a noção de sujeito (sem que esteja realmente definido o estatuto dessa noção)”. Seguindo Normand, as análises de Benveniste sobre a enunciação não têm a particularidade de introduzir a subjetividade na análise linguística, porque para a interpretação semântica das estruturas ele já se apoiava na situação do sujeito (aquele que fala em tal frase) em relação ao mundo do qual ele fala, como vimos no exemplo supra. (2009, p. 175).

O que queremos realçar é que toda análise metassemântica vai depender, em primeiro lugar, do analista; é o ponto de vista do analista que vai criar o objeto de análise. Para que este objeto de análise seja a metassemântica, o analista criará instrumentos e método modelados na semântica da enunciação.

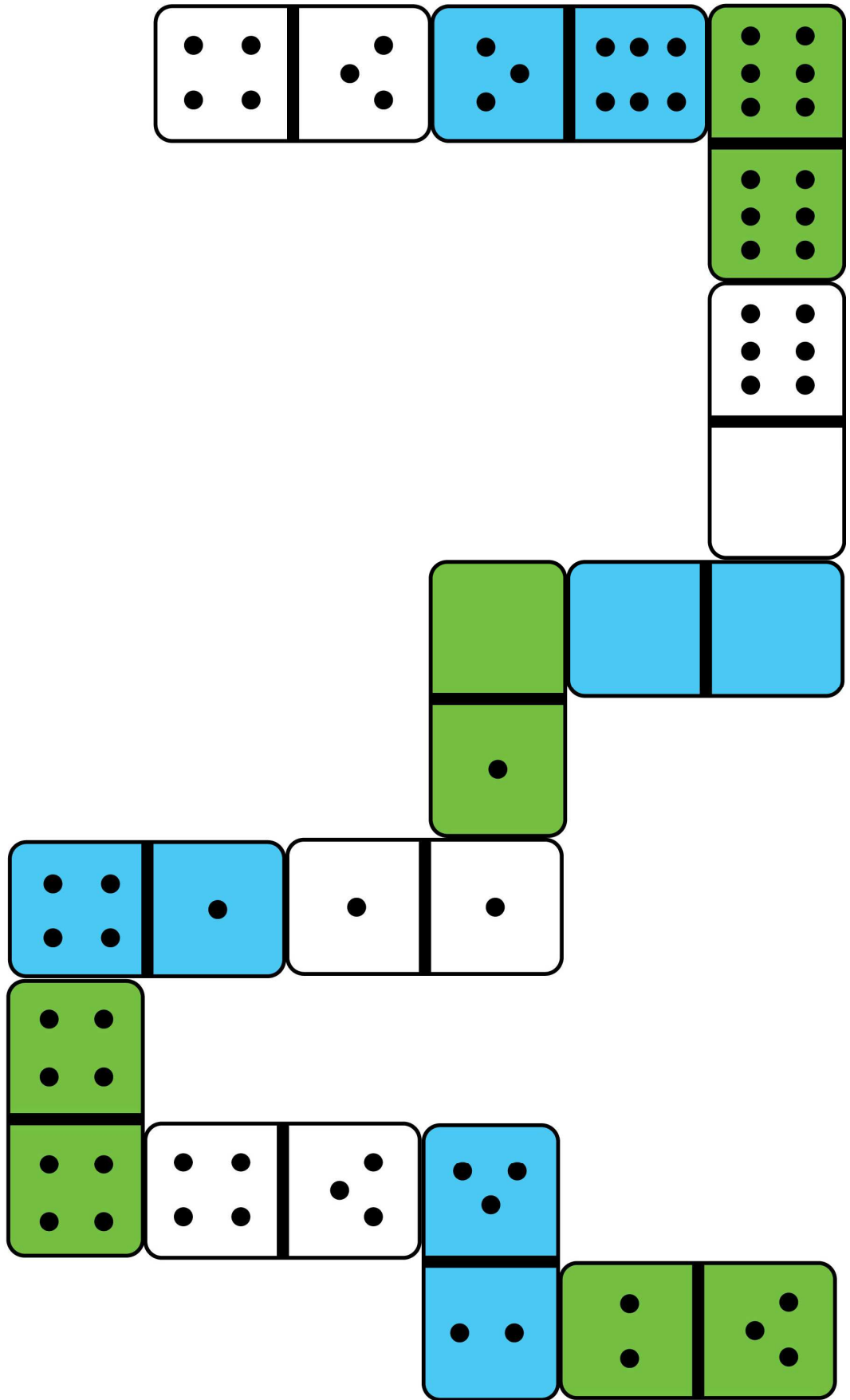
O analista tem uma condição espaço-temporal diferente da condição espaço-temporal de seu objeto de análise, eis a primeira razão da parcialidade da interpretação. O analista/sujeito, ao se apropriar da língua para um comentário sobre determinada enunciação sempre particular, única, fluida e evanescente, precisa encontrar no enunciado as marcas deixadas pelo analisado/sujeito em sua trajetória espaço-temporal, seja esta trajetória de uma ou de outra forma complexa de discurso. Eis a segunda razão da interpretação parcial, o analista, muitas vezes, não encontra todas as marcas necessárias à totalidade da interpretação. A outra razão da parcialidade da interpretação do analista diz respeito à subjetividade tanto no analista como no objeto de análise. Saussure tem uma explicação para a impossibilidade de esgotar o sentido em uma palavra, e, seguindo Saussure, nós acreditamos que podemos estendê-la para a análise metassemântica.

[...] querer esgotar as ideias contidas em uma palavra é uma empreitada totalmente quimérica [...]. Para esgotar o que é contido em *espírito* por oposição à *alma* ou a *pensamento* [...] uma vida humana poderia, sem exagero, se passar. Ora, como desde a idade dos quinze ou dezesseis anos,

nós temos um senso aguçado do que está contido [...] em milhares de palavras, é evidente que o sentido repousa no puro fato *negativo* da oposição de valores, visto que o tempo materialmente necessário para conhecer o valor positivo dos signos nos seria cem vezes e mil vezes insuficiente. (Saussure, 2004, p. 71).

3.7 O princípio vazio

Ilustramos o princípio vazio com as pedras que compõem o jogo de dominó.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] belo como a última onda que o fim do mar sempre adia [...].

João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*, 1975.

É preciso estabelecer as coordenadas finais. Estudamos muito e aprendemos muito. A que fala agora com certeza não se parece com aquela que deu o primeiro passo na areia quente. Quando este estudo se iniciou, a bagagem leve contrastava com o peso das dúvidas. Portanto tornava-se irremediável enfrentar o deserto. Precisávamos decifrar a pergunta da esfinge, conservar a astúcia de Ulisses para desvelar as emboscadas, apreender-lhes o significado e ter certeza de que ali estava uma pedra escondida do domínio metassemântico.

Toda a reflexão de Benveniste em *Sémiologie de la langue* (Plg, 2, p. 43-66), nos esclarece várias noções importantes. Agora podemos afirmar que a metassemântica é uma semiologia de segunda geração. Portanto ela recebe as características de uma semiologia, ou seja, seu objeto principal, segundo Saussure, é “o conjunto dos sistemas fundados sobre o arbitrário do signo” (C.L.G. p. 100), e, segundo Benveniste, “as relações entre os sistemas de signos. [...] O caráter comum a todos os sistemas e o

critério de sua ligação à semiologia é sua propriedade de significar ou significância, e sua composição em unidades de significância ou signos.” (Plg, 2, p. 50-1).

Vemos que tudo isto é verdadeiro para a metassemântica. Quando nos deparamos com formas complexas de discurso, a análise da relação entre sistemas semióticos linguísticos e não linguísticos só é possível porque há na natureza destes sistemas a propriedade de significar e suas unidades são significantes. Sociedade e cultura servem de exemplo para uma análise translinguística que toma a língua como interpretante. Há situações de discurso cujo interpretante não é a língua, como vimos no filme *Le Bal*, em que a relação entre os sistemas semióticos não linguísticos é a condição para que se compreenda o sentido global do filme: os vários sistemas semióticos ao se entrelaçarem vão revelando suas marcas (a música de tal época, a dança, o modo de vestir, o comportamento, os símbolos). Podemos dizer é a forma como eles dançam, ou é a forma como eles se vestem, a linguagem simbólica que nos leva a interpretar o sentido dos fatos apresentados. Entretanto aqui cabe esclarecer uma diferença entre a narrativa do filme e a narrativa sobre o filme: o filme *Le Bal* tem a sua narrativa baseada na relação entre sistemas semióticos não linguísticos que se entrelaçam e contam a história vivida por aqueles personagens diferente de uma narrativa sobre o filme *Le Bal* que toma a semântica da enunciação como base e deve ter como interpretante a língua.

Quando Benveniste diz que forma e sentido são noções gêmeas, uma análise translinguística é bem um exemplo, na medida em que a condição de significância do sentido global é dada pela compreensão da significância das partes. Em uma análise translinguística, que tem como objeto o estudo da relação entre vários sistemas semiológicos, ou seja, os signos representam unidades diferenciadas, é a descrição

destas unidades, as formas, que constrói o sentido global, possibilitando o comentário, como quer Normand.

A noção de nível, tão cara a Benveniste, é para a metassemântica, em certa medida até mais do que para a língua, assim acreditamos, essencial na determinação do procedimento de análise. Pois, parafraseando Benveniste (*Plg, I*, p. 119) e deslocando a noção para a metassemântica, “ela somente pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo.” Pensamos na diversidade de sistemas semiológicos que podem estabelecer relação e ser analisados mediante estas noções.

Quando sistemas semiológicos entram em relação, e Benveniste diz que a todo o momento somos cercados por vários sistemas, há um aparelho formal organizador da enunciação, seja deste tipo ou daquele, em cada um destes sistemas. Ou seja, a enunciação não é um processo de apreensão fora de uma estrutura, se assim podemos dizer. Ora, este aparelho formal da enunciação deslocado para uma análise translinguística, repetindo, para que ele sirva como o aparelho das formas de enunciar para relações estabelecidas entre sistemas linguísticos e não linguísticos, tomaria, talvez, formas diferenciadas de enunciar. Podemos deduzir, então, que seria necessário criar, a cada análise, um sistema formal específico para cada sistema semiológico considerado, fazendo de cada análise a única, o que viria ao encontro do que Benveniste ensina na enunciação da língua.

Todas as questões referidas supra só encontram sua razão de existência se houver um analista disposto a interpretá-las, mesmo que parcialmente. Foi exatamente o que fizemos. Nosso ponto de vista criou nosso objeto de análise, deciframos a pergunta da esfinge, coletamos as 28 pedras do dominó, condensamos as pedras por temas e estes

nos indicaram os princípios em número de sete, como já afirmamos, um princípio é vazio. Formamos o dominó.

E agora, diante das tamareiras em flor, descobrimos que fizemos a metassemântica da metassemântica: o sentido global de apreensão do sentido foi sendo construído a cada emboscada, a cada marca, o sistema semiológico língua foi o interpretante dos outros sistemas semiológicos que aqui relacionamos. E mais, nosso estudo assegura o lugar, na teoria, a esta outra via de acesso à significação na linguagem, isto é, se a análise é translinguística, o campo em que ela se situa é o metassemântico; e assim contentamos Saussure, que nos ensina que a linguística precisa delimitar-se e definir-se a si mesma.

Agora o deserto não nos assusta mais, principalmente em meio a tantas tamareiras floridas.

A epígrafe é a homenagem que faço aos meus três mestres queridos, Bréal, Saussure e Benveniste. Eles são a última onda sempre adiada, porque eles são perenes. Lendo suas obras, vemos quantas dificuldades enfrentaram. Bréal, falando de *Ensaio de Semântica*, diz [...] “Este livro, iniciado e interrompido muitas vezes, e do qual, a título de ensaio, fiz publicar algumas partes, em diversas retomadas, decido hoje liberá-lo ao público. Quantas vezes, desanimado pelas dificuldades de meu assunto, eu me prometi não mais retornar a ele!” (p. 19).

Saussure em uma carta a Meillet, de 4 de janeiro de 1894, confessa: “Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, para escrever dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem.” (*Plg*, 1, p. 37).

Nas palavras de Benveniste “Saussure permanecia sozinho com seus problemas. A imensidade da tarefa que devia ser cumprida e o caráter radical da reforma necessária

podiam fazê-lo hesitar, às vezes desencorajá-lo. Apesar disso não renuncia.”(*Plg, I*, p. 39).

Benveniste é lembrado com muito carinho por Merchior: “Benveniste era um mestre extremamente culto que escondia sua enorme erudição sob uma modéstia exemplarmente discreta. Digno aluno do maior discípulo de Saussure, Antoine Meillet, morreu pobre, respeitado pelos seus colegas [...]”(1991, p. 27).

Estamos felizes, esperamos ter cumprido o desejo dos mestres.

OBRAS CONSULTADAS

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 15. ed., São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. *Le Bruissement de la langue*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Collection Tel. Paris: Gallimard, 1966.

_____. *Problèmes de linguistique générale, 2*. Collection Tel. Paris: Gallimard, 1974.

_____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas/São Paulo: Pontes, 1989.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. São Paulo: EDUC, 1992.

BRESSAN, Nilvia Thaís Weigert. *A tríade enunciativa: um estudo sobre a não-pessoa na Teoria de Émile Benveniste*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2003.

CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Tome 1, Paris: Ophrys, 1990.

_____. *Théorie du langage et théorie des langues*. É. Benveniste aujourd'hui, Actes du Colloque International du CNRS, *La société pour l'information grammaticale*, Paris, 1984.

DESSONS, Gerard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: In Press, 2006.

_____. *Pour une sémantique de l'art*. Émile Benveniste: vingt ans après. *LINX*, 1997, p. 327-33.

DICIONÁRIO de *linguística da enunciação*. FLORES, V.; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.B.; TEIXEIRA, M. (orgs), São Paulo: Contexto, 2009.

DICTIONNAIRE *Larousse* de poche. Canadá: Larousse, 1991.

DUCARD, Dominique. *Entre grammaire et sens: études semiologiques et linguistiques*. Paris: Ophrys, 2004.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2001.

FLORES, Valdir; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 4, dez. 2001, p. 7-67.

KRISTEVA, Julia. *Semiótica, Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005. Coleção Debates.

MARTIN, Serge. *Émile Benveniste: pour vivre langage*. Basse-Normandie: IUFM, (Université de Caen Basse-Normandie), 2009. L'atelier du grand tétras.

MERCHIOR, José Guilherme. *De Praga a Paris: uma crítica do estruturalismo e do pensamento pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MESCHONNIC, Henri. Benveniste: sémantique sans sémiotique. Émile Benveniste: vingt ans après. *LINX*, 1997, p. 307-25.

MILNER, Jean-Claude. *El periplo structural*. Figuras y paradigma. Buenos Aires – Madrid: Amorrortu editores, 2003.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. Flores, V.; Barbisan, L. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Allegro ma non troppo*. Invitation à la linguistique. Collection “Les Chemins du discours”. Paris: Éditions Ophrys, 2006.

_____. *Bouts, brins, bribes: petite grammaire du quotidien*. Paris: Éditions Le Pli, 2002.

_____. Sémiologie, sémiotique, sémantique: remarques sur l’emploi de ces termes par Émile Benveniste. *LINX*, 2001, p. 29-37.

_____. Constitution de la sémiologie chez Benveniste. *Histoire Épistemologie Langage*. 11-II, 1989, p. 141-169.

ONO, Aya. *La notion d’énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 2005.

_____. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. *Escritos de linguística geral*. Simon Bouquet; Rudolf Engler (orgs), Antoinett Weil (colab.), São Paulo: Cultrix, 2004.

TAYLOR, Laurence. *O cotidiano europeu do século XVII*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

VALENTE, Padre Milton. *Gramática latina para o ginásio*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1949.

WEIGERT, Thaís. O lugar epistemológico da não-pessoa no quadro teórico da enunciação. Colóquio Leituras de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, n. 4, dez./ 2004, p. 197-207.

